



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS  
REGIONAL CATALÃO  
UNIDADE ACADÊMICA ESPECIAL DE HISTÓRIA E CIÊNCIAS SOCIAIS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU*  
MESTRADO PROFISSIONAL EM HISTÓRIA

**JUVENTUDE E POLÍTICA: A PARTICIPAÇÃO DOS MOVIMENTOS  
COLETIVOS E AS REPERCUSSÕES NAS MANIFESTAÇÕES DE 2013**

CATALÃO (GO)  
2019

**TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO PARA DISPONIBILIZAR  
VERSÕES ELETRÔNICAS DE TESES E DISSERTAÇÕES  
NA BIBLIOTECA DIGITAL DA UFG**

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Goiás (UFG) a disponibilizar, gratuitamente, por meio da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD/UFG), regulamentada pela Resolução CEPEC nº 832/2007, sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a Lei nº 9610/98, o documento conforme permissões assinaladas abaixo, para fins de leitura, impressão e/ou *download*, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data.

1. Identificação do material bibliográfico:  Dissertação  Tese

2. Identificação da Tese ou Dissertação:

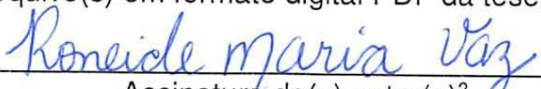
Nome completo do autor: Roneide Maria Vaz

Título do trabalho: Juventude e Política: a participação dos movimentos coletivos e as repercussões nas manifestações de 2013

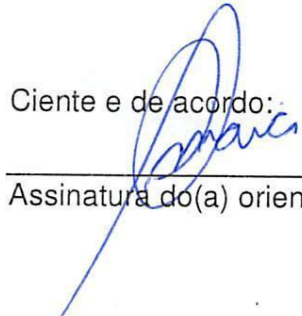
3. Informações de acesso ao documento:

Concorda com a liberação total do documento  SIM  NÃO<sup>1</sup>

Havendo concordância com a disponibilização eletrônica, torna-se imprescindível o envio do(s) arquivo(s) em formato digital PDF da tese ou dissertação.

  
Assinatura do(a) autor(a)<sup>2</sup>

Ciente e de acordo:

  
Assinatura do(a) orientador(a)<sup>2</sup>

Data: 11 / 04 / 2019

<sup>1</sup> Neste caso o documento será embargado por até um ano a partir da data de defesa. A extensão deste prazo suscita justificativa junto à coordenação do curso. Os dados do documento não serão disponibilizados durante o período de embargo.

Casos de embargo:

- Solicitação de registro de patente;
- Submissão de artigo em revista científica;
- Publicação como capítulo de livro;
- Publicação da dissertação/tese em livro.

<sup>2</sup> A assinatura deve ser escaneada.

RONEIDE MARIA VAZ

**JUVENTUDE E POLÍTICA: A PARTICIPAÇÃO DOS MOVIMENTOS  
COLETIVOS E AS REPERCUSSÕES NAS MANIFESTAÇÕES DE 2013**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em História - nível de Mestrado - da Universidade Federal de Goiás, Regional Catalão, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em História.

**Linha de Pesquisa:** História, Sociedade e Práticas Educativas

**Orientador:** Prof. Dr. Cláudio Lopes Maia

CATALÃO (GO)  
2019

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UFG.

Vaz, Roneide Maria

Juventude e Política [manuscrito] : a participação dos movimentos coletivos e as repercussões nas manifestações de 2013 / Roneide Maria Vaz. - 2019.

84 f.

Orientador: Prof. Dr. Cláudio Lopes Maia.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Goiás, Unidade Acadêmica Especial de História e Ciências Sociais, Catalão, Programa de Pós-Graduação em História (profissional), Catalão, 2019. Bibliografia.

Inclui siglas.

1. Movimentos coletivos. 2. Juventude. 3. Manifestações de 2013. 4. Democracia. I. Maia, Cláudio Lopes, orient. II. Título.

CDU 94

### Ata de Defesa Pública de Trabalho de Conclusão de Mestrado

Defesa: nº 42

Aos dezoito dias do mês de março de dois mil e dezoito realizou-se, na sala do Laboratório de Audiovisual, localizada no Bloco Didático II, da Regional Catalão/UFG, a Defesa Pública do Trabalho de Conclusão de Mestrado intitulado: **JUVENTUDE E POLÍTICA: A PARTICIPAÇÃO DOS MOVIMENTOS COLETIVOS E AS REPERCUSSÕES NAS MANIFESTAÇÕES DE 2013**, de autoria da mestranda Roneide Maria Vaz. Na ocasião, compareceu a Banca Examinadora, designada pela Coordenadoria do Mestrado em História – nível Mestrado Profissional, e composta pelos docentes Prof. Dr. Cláudio Lopes Maia, professor da Universidade Federal de Goiás - UFG/RC; Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Marilena Julimar Aparecida Fernandes Jeronimo, professora da Universidade Estadual de Goiás - UEG, Prof. Dr. Paulo Cesar Inácio, professor da Universidade Federal de Goiás - UFG/RC. A sessão teve início às 14:00, sendo presidida pelo Prof. Dr. Cláudio Lopes Maia (orientador) que abriu os trabalhos junto à Banca Examinadora. Em seguida, o Presidente da sessão passou a palavra a discente que teve quinze minutos para apresentar o trabalho. Após a apresentação, passou-se a palavra aos componentes da banca que tiveram cada um, vinte e cinco minutos para expor suas questões e observações sobre o trabalho apresentado, tendo a mestranda quinze minutos para responder. Após o término da arguição, o Presidente da sessão solicitou que a candidata e o público presente que se retirassem do recinto para que a Banca Examinadora pudesse proceder sua avaliação. Após a conclusão dos trabalhos de avaliação, os arguidores atribuíram o seguinte resultado: aprovada. Nada mais havendo a registrar, foi lavrada a presente ata, que vai assinada pela Banca Examinadora. Regional Catalão, UFG, aos dezoito dias do mês de março de dois mil e dezoito.

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Cláudio Lopes Maia (Orientador/a UFG/RC) \_\_\_\_\_

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Marilena Julimar Aparecida Fernandes Jeronimo (UEG) \_\_\_\_\_

Prof. Dr. Paulo Cesar Inácio (UFG/RC) \_\_\_\_\_

## AGRADECIMENTOS

Resumirei meus agradecimentos a Deus, aos docentes, aos colegas e a família:

Primeiramente, a Deus, por está sempre a frente de todos os momentos de minha vida. E por ter colocado nos meus dias pessoas especiais e por ter proporcionado novos ensinamentos, alegrias, expectativas e desafios.

No que concerne aos ensinamentos, agradeço imensamente aos professores e professoras que disponibilizaram seu tempo e sabedoria, contribuindo para conosco (turma). Percebi que no decorrer dos semestres, os educadores e educadoras foram fundamentais para o alicerce dos novos conhecimentos, proporcionando-nos novos desafios, para que fossem superados dentro da relação de ensino e aprendizagem. São eles (as): Prof. Paulo César Inácio, Profa. Lilian Marta Grisólio e Profa. Eliane Martins Freitas.

Ao meu orientador, Prof. Cláudio Lopes Maia, pelos diálogos, esclarecimentos de inúmeras dúvidas e pelas valiosas sugestões.

À Profa. Dra. Marilena Julimar Aparecida Fernandes Jerônimo e ao Prof. Dr. Paulo Cesar Inácio, pelas contribuições na banca de qualificação e defesa.

Aos colegas, que também foram importantes na jornada do meu aprendizado, trazendo contribuições importantíssimas no que se refere ao compartilhamento de conhecimentos e experiências. Hoje, muitos destes colegas se tornaram valiosos amigos.

À família: em primeiro lugar, a minha mãe, Divina, por ter sido dedicada e companheira com meu filho, Guilherme, sobretudo quando precisei me ausentar no decorrer de semanas. Sei que sem a participação dela as coisas seriam bastante complicadas; em segundo lugar, agradeço imensamente aos familiares que me acolheram, quando precisei me hospedar em Catalão para realizar os cursos complementares; e aos demais familiares, que, de uma forma ou de outra, se demonstraram satisfeitos com a minha volta aos estudos.

Em síntese, agradeço a todos que torceram pelo meu sucesso nos estudos e para as minhas novas conquistas profissionais.

Destarte, ao contemplar este trabalho, sinto-me muito realizada e satisfeita com as aquisições dos novos conhecimentos, que estão contribuindo e que muito contribuíram para o meu sucesso profissional, bem como da minha formação humana.

VAZ, Roneide Maria. **Juventude e Política**: a participação dos movimentos coletivos e as repercussões nas manifestações de 2013. 2019. 83 f. Dissertação (Mestrado Profissional em História) – Universidade Federal de Goiás, Catalão (GO), 2015.

## RESUMO

O objeto deste trabalho foi elaborar um texto que versasse sobre os protestos ocorridos em 2013, formados por ações coletivas, que incitaram uma pluralidade de demandas advindas, especialmente, pela articulação e mobilização da juventude. Estes indivíduos expuseram suas pretensões com relação as mudanças no que concerne aos contextos das políticas públicas. Para alçar estes objetivos, utilizamos da pesquisa de cunho bibliográfico, seguindo as etapas: a) identificação: foi à fase de identificação dos assuntos pertinentes ao tema em estudo; b) localização e compilação: foi à realização do levantamento bibliográfico, com a identificação de textos que interessam, passando-se a localização dos textos (utilizamos, maiormente, artigos científicos, produtos monográficos, livros e matérias narrativas, em forma de texto e vídeo); c) fichamentos: a média que foi sendo arrolada as fontes de referências, os dados foram compilados; d) análise e interpretação: consistiu na análise crítica do material elencado. Dentre nossas fundamentações, destacaram-se Gohn (2014; 2015), Fleury (2015), Figueiredo (2014), Buzzeto (2013), Cerri (2001), Oliveira (2015), Rosenfield (2014), entre inúmeros outros. Verificamos que entre as reivindicações, sobressaem-se as referente ao transporte público, realizadas, sobretudo, pelo MPL e outros grupos que, de certa forma, influenciaram e moldaram os protestos, como o Black Bloc e o Mídia Ninja. Verificamos também que a demanda do transporte público foi o ponta pé para discussões relativas a cidadania e a democracia, no que diz respeito ao não cumprimento das leis, as carências das políticas públicas e a ética na política e de seus representantes.

**Palavras chaves:** Movimentos coletivos. Juventude. Manifestações de 2013. Democracia.

VAZ, Roneide Maria. **Youth and Politics**: the participation of collective movements and the repercussions on the events of 2013. 2019. 83 f. Mestrado Profissional em História) – Universidade Federal de Goiás, Catalão (GO), 2015.

### **ABSTRACT**

The objective of this work was to elaborate a text that discusses the protests that occurred in 2013, formed by collective actions, that incited a plurality of demands originated, especially, by the articulation and mobilization of the youth. These individuals watch their claims regarding changes in the contexts of public policies. To achieve these objectives, we used bibliographic research, following the parts: a) identification: it was to the phase of identification of the subjects pertinent to the topic under study; b) location and compilation: the bibliographical survey was carried out, with the identification of texts that are interesting, and the location of the texts (mostly scientific articles, monographic products, books and narrative material, text and video) ); c) resumen: the average that was being listed the reference sources, the facts were compiled; d) analysis and interpretation: consisted in the critical analysis of the material listed. Among our foundations were Gohn (2014, 2015), Fleury (2015), Figueiredo (2014), Buzzeto (2013), Cerri (2001), Oliveira (2015), Rosenfield (2014) among many others. We note that among the claims, the most important are those related to public transport, mainly carried out by the MPL and other groups that, to a certain extent, influenced and shaped the protests, such as Black Bloc and the Media Ninja. We verified also that the demand for public transportation was the tip of the bill for discussions on citizenship and democracy, regarding non-compliance with laws, the lack of public policies and ethics in politics, and its representatives.

**Keywords:** Collective movements. Youth. Manifestations of 2013. Democracy.

## **LISTA DE SIGLAS**

MPL - Movimento Passe Livre  
USP – Universidade de São Paulo  
PUC – Pontifícia Universidade Católica  
UFG – Universidade Federal de Goiás  
UFMG – Universidade Federal de Minas Gerais  
UFRJ- Universidade Federal do Rio de Janeiro  
UNICAMP- Universidade Estadual de Campinas  
PEC 37 – Proposta de Emenda Constitucional 37  
PM - Polícia Militar  
G1 - Portal de notícias brasileiro mantido pelo Grupo Globo  
TV – Televisão  
UNE - União Nacional dos Estudantes  
MS- Movimento Social  
ONGs - Organizações não Governamentais  
FSM - Fórum Social Mundial  
LGBT - Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais ou Transgêneros  
OMC - Organização Mundial do Comércio  
UNB - Universidade de Brasília  
PT- Partido dos Trabalhadores  
PMDB- Partido do Movimento Democrático do Brasil  
SBT- Sistema Brasileiro de Televisão  
ENNPL- Encontro Nacional do Movimento Passe Livre

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO .....	9
<b>1 OS PROTESTOS DE 2013: ARTICULAÇÕES ENTRE A POLÍTICA E A SOCIEDADE .....</b>	<b>19</b>
1.1 Os protestos de 2013: um diálogo entre as concepções das autoras Ilse Scherer-Warren (2014), Maria da Glória Gohn (2014; 2015; 2016) e Angélica Lyra de Araújo (2015) .....	25
1.2 Da unicidade para a pluralidade: a defesa do transporte público abre portas para as outras vertentes de protestos .....	30
1.3 Jornadas de junho: desmobilização .....	35
1.4 Referencial do jornalismo sobre os protestos de 2013 .....	37
<b>2 PROTESTOS DE 2013: PRINCIPAIS GRUPOS (MPL, BLACK BLOC E MÍDIA NINJA).....</b>	<b>43</b>
2.1 A trajetória do MPL antes dos protestos de 2013 .....	44
2.1.1 <i>MPL: suas ações e princípios</i> .....	47
2.1.2 <i>A trajetória do MPL nos protestos de 2013: será que foram apenas por vinte centavos?</i> .....	50
2.1.3 <i>O cenário do MPL abre espaços para novos espetáculos: as demandas plurais</i> ..	53
2.1.4 <i>Participações do MPL na grande São Paulo e na capital federal</i> .....	55
2.1.5 <i>Visões distintas sobre a organização do MPL</i> .....	57
2.2 Black Bloc: origens .....	60
2.2.1 <i>Black Bloc: um destaque por traz das máscaras</i> .....	62
2.2.2 <i>Referencial jornalístico sobre o Black Bloc</i> .....	64
2.3 A trajetória do midiativismo - Mídia Ninja.....	68
2.3.1 <i>Mídia Ninja: jornalismo independente nos protestos de 2013</i> .....	70
2.3.2 <i>Posicionamento sobre o Mídia Ninja nas redes sociais</i> .....	71
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	74
REFERÊNCIAS .....	79
REFERÊNCIAS JORNALISTICAS.....	82

## INTRODUÇÃO

Esta pesquisa objetiva compreender as ações coletivas, especialmente a da juventude, no contexto das mobilizações que ocorreram no Brasil em 2013, suas principais motivações organizadas nos protestos para saírem às ruas, o perfil dos manifestantes e os grupos mais atuantes que marcaram presença nos muitos espaços das principais capitais do país. Desse modo, consideramos que movimentos coletivos que foram às ruas deixaram de ser ato apenas de combate a regimes autoritários ou campo para os sindicatos, conforme ocorridos em outras épocas, tornando-se em grandes laboratórios de experimentação para protestar contra a política atual.

Scherer- Warren (2014) define os movimentos coletivos como um processo iterativo de construção no interior de um campo político, onde atores se articulam a favor de uma coletividade, compondo diferenças e semelhanças e tornando-se participantes potenciais ou efetivos no processo ativo de construção do social. E que os movimentos realizam diagnósticos sobre a realidade social, elaboram propostas e ações coletivas que agem como resistência à exclusão e lutam pela inclusão social. Nomeamos e consideramos os protestos de 2013 formados por **movimentos**, que foram além do protesto inicial do Movimento Passe Livre (MPL), pois suas ações aconteceram de forma coletiva, visto que os indivíduos demonstraram como proposta alcançar mudanças através de posicionamentos em detrimentos de alguns contextos da sociedade.

A partir de análises, discorreremos em formato de texto que o caráter dos protestos que permearam os espaços urbanos apresentaram razões para as suas existências; ou melhor, não faltaram razões para que muitas pessoas se tornassem atuantes enquanto sujeitos sociais, surgindo, assim, à necessidade de se articularem com a sua participação social. Nas ruas tiveram concentração de vários participantes, principalmente dos jovens que se destacaram como personagens atuantes entre as articulações, a fim de promoverem as reivindicações das carências da mobilidade urbana, sobretudo nas maiores cidades do país.

Em relação ao perfil dos manifestantes, verificamos que uma grande parcela da juventude participou das mobilizações e dos protestos em 2013. Apropriamos dessas convicções a partir das concepções expostas na pesquisa de Gohn (2015), que sintetiza a atuação marcante da participação do jovem nos protestos, sua maioria com um alto grau de instrução (cursando ou concluído o curso superior), e grande parte oriundo de classe média que, ao se posicionarem nas ruas, trouxeram uma nova proposta de movimento conectado às redes sociais e, aparentemente, sem vínculo com partidos políticos. Os mesmos atuaram como

os questionadores das realidades existentes, especialmente nos contextos políticos, econômicos e sociais.

Buscamos entender a participação de sujeitos que se fizeram presente entre diversos momentos históricos, sobretudo no ano em estudo, para pensarmos a subjetividade e a relação do indivíduo no processo de formação/construção de sua identidade. Com essa finalidade, fundamentamo-nos em várias pesquisas de abordagens a movimentos coletivos e a reivindicações sociais, como as de E. P. Thompson (1998), Eric Hobsbawn (1995), Geff Eley (2005), Jacques Ranciere (2014), Maria da Gória Gohn (2014, 2015 e 2016), Ilse Scherer-Warren (2014), entre outras, que explicam que o mundo já presenciou muitos povos se manifestarem, expressando diversas inquietações sociais em busca por mudanças nos cenários políticos, econômicos e sociais. Muitas utopias e correntes ideológicas começaram a se aflorar, como o fascismo, o marxismo, o anarquismo e outras categorias de pensamentos que serviram de inspirações para várias pessoas ou grupos se anunciarem seus questionamentos sobre os seus direitos e se protestarem contra governos autoritários ou, até mesmo, contra governos democráticos.

A pesquisa é apresentada a partir dos acontecimentos dos protestos de 2013, em que os espaços públicos, como as ruas, avenidas e praças, tornaram-se lugares para acolher multidões em protestos. Buscamos entender o porquê das mobilizações, em que uma grande concentração de pessoas colocaram em práticas suas reivindicações, especialmente no que concerne às insatisfações, no campo político, econômico e social. Para versar sobre a necessidade das pessoas se manifestarem, utilizamos a reflexão de vários autores na área, entre elas, Cerri (2001), especialmente quando afirmou que a sociedade traz consigo uma consciência histórica e que, necessariamente, a coloca em prática, isto porque “A consciência histórica não é algo que os homens podem ter ou não ela é algo universalmente humano, dada necessariamente junto a intencionalidade da vida prática dos homens” (CERRI, 2001, p. 100).

Ao discorrermos sobre os movimentos coletivos ocorridos em 2013, verificamos que foram marcados por inúmeras mobilizações que entraram para a história da sociedade brasileira, concretizando-se etimologicamente como as “manifestações de 2013”. O estopim inicial para as ocorrências dos protestos nas principais metrópoles brasileiras, no decorrer do ano, foi à carência na mobilidade urbana, principalmente no mês de junho. As reivindicações iniciais nesse período tinham um mesmo mote: o transporte público; posteriormente houve o desmembramento dos protestos, que se deflagraram e se tornaram uma variedade de demandas sociais, que abarcavam os setores político, econômico e social.

Como proposta de reflexão, apropriamo-nos da concepção de Santos (2017) que reforça a ideia de que nos movimentos há uma busca pela democracia e as reivindicações são as provas disso, pois são resultantes das insatisfações com a falta de assistência dos direitos humanos, a carência de recursos públicos e as desigualdades sociais, que refletem na exclusão social o que ocorre nos contextos da grande parcela da sociedade. A autora nos adverte também que houve nos movimentos contemporâneos uma violência simbólica, coagidos pela aceleração dos meios de comunicações, que alegam e reforçam por meios de propagandas a existência da democracia. Por exemplo, as propagandas de algumas das principais emissoras fazem uso da conotação linguística para exprimir certos significados e passar princípios ilusórios sobre democracia, acessível a sociedade de em geral.

Durante os protestos ocorridos em 2013, no que se refere ao uso da violência, as situações não foram diferentes. Houve, por interferências do Estado (violência física) ou por grupos (mídia), quem assegurava que a democracia faz parte da sociedade em geral (violência simbólica). A este respeito, reforçamos que “Como temos assistido, a atuação dos meios ao manipular a informação, ao se omitir, ou ser subserviente favorece os abusos de poder, e ao contrário de efetivar a democracia, na realidade, a restringe” (SANTOS, 2017, p. 60).

Entendemos que a busca pela democracia não representa uma novidade nos momentos da atualidade, ou seja, do ano de 2013. Desde a antiguidade, a humanidade demonstrou uma expressiva participação em atos de concentração e protestos nos espaços públicos e/ou em espaços de trabalhos em busca de seus direitos, para expressar sua insatisfação com as realidades no seu cotidiano. Por exemplo, na Grécia Antiga, a praça *Ágora*<sup>1</sup> serviam como local de concentração para as pessoas com a pretensão de promover o exercício da democracia. Ranciere (2014) propõe uma reflexão a respeito da sociedade antiga e sua necessidade de se manifestar. Conta que a sociedade antiga iniciou insultos contra aqueles que acreditavam que poder cabia de direitos, por isso que na Grécia Antiga boa parte da sociedade expressou através de seu comportamento social, a necessidade da prática da democracia, que surgiu a partir da desigualdade social.

Ainda segundo o autor, a democracia se reflete como um mal causador das relações antidemocráticas, ao afirmar que a democracia ateniense se mostrava impregnada de desigualdades. Nessa época, surgiu um agrupamento de pessoas que projetaram as separações

---

<sup>1</sup> A *Ágora* era o nome que se dava às praças públicas na Grécia Antiga. Nestas praças ocorriam reuniões onde os gregos, principalmente os atenienses, discutiam assuntos ligados à vida da cidade (pólis). Disponível em: <<https://prezi.com/.../a-importancia-da-agora-grega-para-a-instalacao-da-democracia/>>. Acesso em 14 jul. 2018.

entre os aristocratas dos outros povos, limitando-se alguns de participarem das decisões políticas da época. O mal da democracia está presente nas insatisfações da sociedade e a inquietação social é tão velha quanto à ideia de se fazer a democracia (RANCIERE, 2014).

Reforçamos que a não presença democrática entre várias sociedades em outras épocas fizeram com que muitos povos protestassem com a finalidade de pôr em prática o exercício da cidadania. Segundo Thompson (1998), a economia moral da multidão inglesa no século XVIII perpassou por um cenário de tensão social, em que as pessoas começaram a protestar, pois estavam com fome; sendo assim, a falta de alimentos, uma necessidade cotidiana, impulsionou a classe pobre a se mobilizar, demonstrando perturbação social e alterando as mudanças de comportamento da sociedade, que resultaram em *motins* frequentes, influenciados pelo exercício da racionalidade.

Ainda segundo o autor, o comportamento social dos ingleses no século XVIII demonstra claramente a relação de hierarquia promovida na sociedade na era pré-industrial, período que o governo politizou o denominado controle dos grãos (Lei dos Cereais), o que dificultou o acesso de alimentos às pessoas carentes e, conseqüentemente, levaram as pessoas a se rebelassem. Melhor expondo, foi “[...] possível detectar em quase toda ação popular do século XVIII uma noção legitimadora. Por noção de legitimação, entendo que homens e mulheres estavam imbuídos da crença de que estavam defendendo direitos ou costumes tradicionais, [...]” (THOMPSON, 1998, p. 152).

Thompson (1998) claramente coloca em reflexão as inquietações sociais ocorridas na Inglaterra no século XVIII, que se tornaram presentes pelas incertezas da democracia, demonstrando que as primeiras mobilizações sociais partiram das inquietações decorrentes dos princípios da hierarquia, entre grupos dominantes e dominados. Sendo assim, ao dialogar sobre as formas de protestos, conhece-se a economia moral, o bem-estar comum, em contrapartida as fortunas das classes capitalistas.

Ao alinhar o conceito de democracia ou a sua falta de democracia entre vários contextos dos movimentos sociais, baseamo-nos em Ranciere (2014) que explica que os governos ditos como democráticos sobressaia à desigualdade entre a sociedade e a hierarquia de poderes, “as leis e as instruções da democracia formal são as aparências por trás das quais e os instrumentos com os quais se exerce o poder da classe burguesa” (RANCIERE, 2014, p. 9).

Posto isto, partimos da concepção de que a democracia que presenciamos está vinculada à teoria, que em muitos casos não se complementa na prática, pois o que

presenciamos são vários movimentos coletivos em busca de igualdade dos direitos sociais e em busca de políticas públicas mais justas na sociedade. Nessa perspectiva é que colocamos em reflexão os protestos ocorridos em 2013: por quais motivos se deflagraram e ganharam grandes proporções? A partir do entendimento de que foram os vários sujeitos históricos que fundamentam as inúmeras mobilizações de ruas, no almejo de mostrar suas vontades, desejos e frustrações. Foram presenciadas várias formas de reivindicações, como as faixas, os cartazes e os gritos de ordem, em vários espaços públicos do país. Nessa perspectiva, esses protestos nos revelaram as marcas de várias inquietações sociais e apontam a necessidades das pessoas protestarem.

Ao versarmos sobre a juventude e sua participação nos movimentos, reforçamos a sua importância entre os vários momentos reivindicatórios, que proporcionaram questionamentos sobre mudanças que, além de satisfazer seus almejos, também ajudaram a coletividade. Ao referenciar os acontecimentos em 2013 não é possível deixar de evidenciar o público juvenil, visto que esse grupo foi determinante para o início dos protestos. Apesar de não presenciamos apenas jovens nas ruas, o grupo foi uma, senão a única, peça fundamental no processo de articulações, nos engajamentos e questionamentos para fluírem os acontecimentos, constituindo-se como novos sujeitos sociais.

Fundamentamo-nos em autores, como Hobsbawn (1995), ao discutir o papel da classe juvenil nas mudanças ocorridas na década de 60, em especial no ano de 68, do século XX; grupo determinante em mudanças e conquistas importantes à época, que proporcionou a apoderação sobre a história da juventude e suas diversas formas de contestações. Acreditamos que esse período retratado pelo autor seja um referencial que influenciou outros grupos posteriores a se posicionarem como sujeitos críticos de suas realidades. Utilizamos, também, os enunciados sobre a juventude publicados por Scherer-Warren (2014), que propõe a seguinte reflexão “A juventude é, e historicamente tem sido, bastante idealista e, muitas vezes, quer mudar o mundo, o sistema político e relações do cotidiano” (SCHERER-WARREN, 2014, p. 417).

Ao interpretarmos os momentos dos protestos ocorridos em 2013, faz-se necessário estabelecer que o contexto das mobilizações se tornou uma inquietação que permitiu compreender a juventude e suas articulações, justificativa que motivou a elaboração dessa pesquisa. Na verdade, a premissa de se aprofundar nos conhecimentos sobre a juventude em movimentos coletivos surgiu durante minha prática de ensino, isto é, em minhas experiências de sala de aula. Muitos alunos questionavam sobre o papel ativo dos jovens nas questões

vinculadas aos movimentos e se mostravam bastante interessados quando acontecia a exposição destes assuntos, particularmente os que mencionavam a participação do jovem entre várias formas de protestos, tendo como base de discussão o próprio movimento ocorrido em 2013.

Nesse período, discutimos em conjunto os momentos que o país vivenciou com as agitações dos muitos protestos ocorridos. Explanei que em diversos momentos da história do Brasil e do mundo os jovens não apenas praticavam uma intervenção sobre os poderes estabelecidos, mas expunham seus ideais de emancipação pensados no individual e no coletivo, tornando-se seres críticos e questionadores de tais realidades. Dessa forma, entendemos que as manifestações, em vários momentos, possibilitaram aberturas para que a juventude pudesse intentar mudanças nas políticas públicas e em outras esferas sociais e culturais.

A escolha do recorte temporal – o ano de 2013 - exigiu uma leitura detalhada, por considerar esse período marcante na História atual da política brasileira, além destes acontecimentos ainda estarem norteando a política dos dias de hoje. As fontes de dados para a elaboração da pesquisa advêm de pesquisa bibliográfica e virtual. As pesquisas foram fundamentadas por catálogos *online* das principais bibliotecas de algumas universidades ( USP, UFRJ, PUC, UFMG, UNICAMP e UFG) que nos forneceram vários materiais de análises, como teses, artigos, dissertações), também recorremos as fontes jornalísticas, especialmente as *online* ( Folha de São Paulo, G1- Globo), a revistas *online* (Editora Abril), *sites* ou páginas dos grupos (facebook<sup>2</sup> e *youtube*) e outras fontes complementares (vídeos, documentários das emissoras Globo e SBT) e livros impressos.

O procedimento metodológico para a elaboração dessa dissertação foi a pesquisa bibliográfica - em suportes escritos e visuais - fundamentado em jornais e vídeos, que auxiliaram na discussão do assunto. Na pesquisa bibliográfica, no primeiro momento, tivemos como suporte os trabalhos disponibilizados entre vários suporte (teses, dissertações e artigos), a partir de catálogos *online* dos acervos das universidades (USP, PUC, UFG, entre outras), associadas aos temas centrais (movimentos de 2013, movimentos coletivos, democracia e juventude) e outros momentos históricos como referencial teórico, como o ano de 1968, considerado como um marco na história da juventude. Foram feitas leituras de livros

---

<sup>2</sup> Facebook é uma rede social que, atualmente, se destaca como uma das maiores, tanto em número de acesso, quanto de usuários. Foi fundada em 2004 pelos, até então, estudantes universitários de Harvard: Mark Zuckerberg, Eduardo Saverin, Andrew McCollum, Dustin Moskovitz e Chris Hughes. Informação disponível em: <<https://www.meusdicionarios.com.br/facebook>>. Acesso em: 28 mar. 2018

impressos e digitalizados, no segundo momento, a partir dos suportes mencionados no parágrafo anterior. Ressaltamos que, por se tratar de abordagens históricas recentes, ocorridas em um período que priorizou as impressões digitais, nos oportunizou encontrar uma variedade de informações, contribuindo para a construção dos dois capítulos do trabalho.

As discussões da pesquisa foram apresentadas nos dois capítulos desta dissertação: o capítulo I “Os protestos de 2013: articulações entre a política e a sociedade e as repercussões entre várias metrópoles brasileiras” e o capítulo II “Os principais grupos que se destacaram nos protestos” (MPL, Black Bloc e Mídia Ninja). Acreditamos que a execução do trabalho proporcionou um conhecimento mais aprofundado, contribuindo imensamente ao conhecimento acadêmico do pesquisador que, por sua vez, utilizará estes resultados em seus atos profissionais.

Rüssen (2011) versa o quão são importantes às pesquisas para a construção da subjetividade dos indivíduos, sobretudo ao dizer que “[...] a história como um dado objetivo nas relações de vida presente e a história como uma construção subjetiva de orientação de si em direção aos seus interesses e aos da vida prática” (RÜSSEN, 2011, p. 91).

A facilidade em encontrar várias abordagens para a pesquisa nos meios digitais está agregado ao recorte temporal da pesquisa, ano de 2013, pois narra os acontecimentos em um contexto da história recente, o que possibilitou o acesso a uma variedade de informações sobre os movimentos coletivos fundamentando os dados da pesquisa. Arena (2008, p. 39-40), por exemplo, em sua tese de doutorado diz que o território do ciberespaço pode ser considerado como algo positivo para um efetivo registro da categoria escolhida e, ainda, nos adverte que os jornais *online* podem alcançar as notícias no contexto mundial, favorecendo aos leitores uma interação a grande rede de informações.

Santos (2017), ao dialogar com o conceito de informação, formação e opinião, explica que a *internet*, mais precisamente o *facebook* e o *youtube*, têm como principais características o aspecto de serem um ambiente aberto, onde uma grande abrangência de públicos contribuem para a formação de opinião de outros públicos. Segundo a autora, o Brasil viveu essa realidade nas últimas mobilizações sociais, referenciando aos acontecidos em 2013.

Gohn (2015) enfatiza que uma das questões bem debatidas nos espaços *online* foram às questões relacionadas à democracia e ao direito de voz, sem intervenções partidárias, criando uma nova concepção de fazer política, diferentemente de outros movimentos ocorridos no país outrora. Argumenta que esses meios de pesquisas tornaram mais acessíveis a partir da popularização da *internet*, no final do século XX.

Entendemos que a era digital veio para contribuir imensamente aos pesquisadores, fornecendo-nos várias fontes de fácil acesso e disponibilidade, como expõe Arena (2008, p. 22) ao dizer que “Com o surgimento da internet houve uma verdadeira revolução quanto ao acesso às informações, porque muitas páginas são acrescentadas à Web todos os dias sobre os mais diversos assuntos”.

Napolitano (2006) traz uma abordagem das pesquisas em épocas contemporâneas que, de certa forma, estão atreladas a *internet*, em relação a um filme, a um documentário, a uma música que contemplam um testemunho histórico tão importante quanto a escrita em um papel, tudo isso ressalta que o mundo atual é dominado por imagens e sons. Reforçando a sua importância, explica que “Assim, as fontes audiovisuais e musicais são, como qualquer tipo de documento histórico, portadoras de uma tensão entre a evidência e representação” (NAPOLITANO, 2006, p. 240).

Concordamos com os autores mencionados quando versam sobre a importância dos arquivos digitais para a pesquisa e a facilidade em acessá-los, o que tornaram os espaços virtuais de uso mais frequentes. Todavia, reforçamos que as fontes impressas, tais como livros, revistas e jornais que encontramos a disposição para leituras e pesquisas são extremamente valiosas e se destacam como fontes históricas por muitos anos, registrando as diversas transformações políticas, culturais e sociais no transcorrer da história da sociedade. Conforme explica Luca (2006), o papel desempenhado por jornais e revistas em regimes autoritários, como o Estado Novo e a ditadura militar, seja na condição difusor de propaganda política favorável ao regime ou espaço que abrigou formas sutis de contestação, resistência e mesmo projetos alternativos, tem encontrado eco nas preocupações contemporâneas, inspiradas na renovação da abordagem do político.

As pesquisas por meios dos jornais impressos e revistas não impressos são bens recentes e passaram a ter credibilidade motivados por trabalhos feitos através das novas práticas da historiografia. Sendo assim, novas concepções foram incorporadas ao estudo da história, como o reconhecimento da história cultural e política, que, para a autora, consagra-se como a terceira geração dos Annales, pois coloca em evidência os sujeitos históricos (LUCA, 2006).

Por outra vertente, Luca (2006) explica que nem sempre os jornais serviram como fontes essenciais para registrar os acontecimentos associados ao ideal de pesquisa, por isso nos adverte que no decorrer do século XIX e início do século XX, estes materiais não eram julgados como fontes confiáveis, motivo que os renegaram como um testemunho da história.

Nessa perspectiva de reflexão, o autor expõe que “os jornais pareciam pouco adequados para a recuperação do passado, uma vez que essas “enciclopédias do cotidiano” continham registros fragmentados do presente[...]” (LUCA, 2006, p. 112).

Bezerrill (2011) explica que os jornais mediante a variedade de acontecimentos cotidianos fazem uma prévia seleção do que é mais favorável ao momento para que seja notícia, desse modo podem ignorar muitos fatos relevantes. Conforme explica, “é um processo que implica em uma seleção de acordo com os próprios critérios jornalísticos, que, por sua vez, são determinadas pela ideologia política seguida pela empresa. Além dessa seleção, existe a angulação ou abordagem que é conferida a cada matéria” (BEZERRILL, 2011, p. 4).

Sobre a importância das fontes nas pesquisas, Luca (2005) relata que o trabalho da imprensa, entre vários momentos, foi silenciado por governos autoritários e que só ganharam espaços como fonte de pesquisa no final do século XX. Reforça a importância da imprensa como objeto de pesquisa, ao retratar que a partir de 1970 por meio da imprensa, o jornal tornou-se objeto de pesquisa histórica, principalmente nos estudos sobre os movimentos operários e a partir de várias pesquisas demonstraram o quanto essas fontes podem trazer abordagens significantes, contribuindo para o conhecimento histórico, especialmente ao dizer que “As renovações no estudo da História Política, por sua vez, não poderiam dispensar a imprensa, que registra cada lance dos embates na arena do poder” (LUCA, 2006, p. 128).

A partir de vários embasamentos teóricos, sobre a importância das fontes, conforme mencionamos, colocamos em reflexão o objeto da pesquisa que são os protestos de 2013, que se consagraram como **Manifestações** de 2013. Os movimentos que eclodiram, em seu período inicial, trouxeram uma singularidade nos protestos – o mote de uma demanda única, relacionada à defesa do transporte público, concretizando-se as articulações da organização do Movimento Passe Livre (MPL). Deflagraram-se colocando em pauta a não aceitação ao acréscimo de R\$ 0,20 (vinte centavos) no preço do bilhete de ônibus e de metrô, na capital paulista e carioca. Com o prolongar dos dias, novos manifestantes de outras cidades se incorporaram aos protestos pela defesa do transporte público e inseriram outras pautas, surgindo, assim, novas bandeiras em defesa de outras reivindicações e, conseqüentemente, aumentando o número de participantes.

No decorrer da pesquisa pontuamos que os protestos ocorridos em 2013 receberam grupos relevantes nas mobilizações e que os espaços nas ruas, avenidas e/ou praças que, inicialmente, foram ocupados em defesa do Movimento Passe Livre (MPL), foram mesclados

por outras demandas sociais e por outros grupos de pessoas, que demonstraram as suas particularidades, como os Black Bloc e a Mídia Ninja.

Ao designarmos uma seção ao Black Bloc<sup>3</sup> e a Mídia Ninja, no segundo capítulo do trabalho, consideramos a participação desses integrantes como grupos. Em muitas pesquisas detectamos outras concepções ao Black bloc, especialmente na visão de uma tática de ativismo que age em certas circunstâncias e não, propriamente dito, como um grupo. A designação para que seja estudado como um grupo partiu da concepção de que em território nacional, sobretudo no ano de 2013, a sua participação foi expressiva. Por este motivo, acreditamos, assim como Gohn (2015), que “Os Black Blocs representam uma das parcelas dos participantes das manifestações em junho” (GOHN, 2015, p. 56).

O primeiro capítulo apresenta uma análise acerca do desdobramento dos protestos de 2013, descrevendo as particularidades das mobilizações que aconteceram nos diferentes espaços urbanos. Descrevemos, ainda, de maneira reflexiva, as fases ou sequências dos protestos no mês de junho, período reputado como “As Jornadas de Junho”. No segundo capítulo, situamos as informações sobre os principais grupos que estiveram presentes nos protestos de ruas de 2013. Neste escopo, as discussões se ramificaram sobre a participação de três grupos: MPL, Black Bloc e Mídia Ninja. Ao pontuarmos os principais grupos, buscamos esclarecer as suas origens organizacionais e as suas pretensões nas articulações dos protestos. Nas considerações finais apresentamos como foi a contribuição do sujeito participante entre os vários protestos, enfatizando que as ações desses atores sociais contribuíram para que os exercícios da cidadania, levantando vários questionamentos à democracia atual e ao papel do Estado. Colocamos também em ênfase a intervenção estatal sobre os manifestantes.

Aclaramos que a pesquisa não tem como finalidade fazer julgamentos negativos e/ou positivos dos acontecimentos, mas, sim, demonstrar que os movimentos têm um papel relevante nos contextos de suas existências. E ocorridos em 2013 não foram diferentes, passaram a ser um marco na história dos protestos ocorridos no Brasil, com a pretensão de demonstrar as insatisfações da sociedade com as realidades existentes no cotidiano do país e aclarar suas reivindicações.

---

<sup>3</sup> Ressaltamos que entre muitas pesquisas, esses integrantes não foram classificados como um grupo, propriamente dito, e sim como ativistas, inspirados em movimentos conhecidos mundialmente. Mas no contexto do trabalho presente, será mencionado como um grupo, pois assim como Gohn (2015), consideramos o Black Bloc como uma tática de protesto com cunho ideológico nos movimentos antiglobalização.

## **1 OS PROTESTOS DE 2013: ARTICULAÇÕES ENTRE A POLÍTICA E A SOCIEDADE**

Em 2013 ocorreu uma onda de protestos, quando um aglomerados de pessoas se reuniram em locais públicos para defender ou tornar conhecidos seus pontos de vistas e suas opiniões, que, posteriormente, foram alcunhados de Manifestações de 2013 - expressões vindas principalmente da mídia e por parte da sociedade<sup>4</sup>. Essas aglomerações de pessoas, que foram designados de protestos surgiram em várias cidades do território brasileiro e suas articulações permearam ambientes dos espaços urbanos, como as ruas, as praças e as avenidas, isto é, majoritariamente os espaços públicos, que serviram para a ocorrência dos movimentos e a representatividade de grupos.

De forma geral, há de ressaltar que os protestos sempre estiveram presentes entre várias nacionalidades do mundo e do Brasil. A análise dos ocorridos em 2013, que passaram a ser conhecidos como manifestações, proporcionaram-nos entender que os movimentos aconteceram a partir de algumas particularidades se comparadas a acontecimentos de outrora. A este respeito, Gohn (2014) informa que,

As manifestações fazem parte de uma nova forma de movimento social, c se caracteriza por participação de uma maioria de jovens escolarizados, predominância de camadas médias, conexão por e em redes digitais, organização horizontal e de forma autônoma, e crítica às formas tradicionais da política da atualidade (GOHN, 2014, p. 431).

De acordo com as contribuições da autora, entendemos que os protestos de 2013 foram representados por muitos jovens, que participaram das articulações e das mobilizações, configurando-se e como os sujeitos históricos, ao mostrar suas pautas de reivindicações nos protestos. O diferencial dos manifestantes, se comparado aos outros movimentos que afloraram no Brasil em outras épocas, foi a maneira de articulações para os acontecimentos, que ocorreram por meio das redes sociais. Ressaltamos que a juventude foi fundamental para as articulações dos protestos, mas que, com os desdobramentos dos acontecimentos, foram perceptíveis a presença de várias faixas etárias nas mobilizações, representando um sujeito político que não entrava em cena a muitos anos.

---

<sup>4</sup> Gohn (2014) enfatiza que a nomeação dos acontecimentos passou por uma pluralidade de expressões ou “codinomes”, por isso é possível encontrar expressões, como “jornadas”, “ondas de protestos”, “protestos de ruas.

Percebemos que nas mobilizações ocorridas nos protestos em 2013 houveram vários discursos relacionados à questão da falta de democracia e às políticas públicas por uma grande parte do povo brasileiro. Esses clamores foram os principais motivos que afloraram os ânimos da sociedade e contribuíram para muitas pessoas refletirem sobre as situações que perpassavam na política e na economia do país à época; perguntas como: O que estava acontecendo?, Por que esses grupos estavam ali?, O que esses integrantes reivindicavam?, entre outras, contribuíram para que os participantes dos protestos aclarassem, especialmente através das redes sociais, suas concepções. Como exemplo de aclamação, podemos citar a pretensão da redução da tarifa do transporte público. Nesse sentido, as mobilizações passaram a ter grandes proporções e adeptos nos protestos.

De acordo com as concepções de Ranciere (2014), a falta da democracia promove uma desordem e, por conseguinte, o aumento das demandas, tornando os indivíduos e/ou grupos rebeldes para alçar um bem em comum. Desse modo, levam-nos a refletir sobre o retrato do homem democrático que “Estando admitido que em toda cidade há governantes e governados, homens que exercem e homens que obedecem ao seu poder [...]” (RANCIERE, 2004, p. 54). Dentro dessa lógica exposta de grupos dominantes e dominados, colocada pelo autor, percebemos que muitos movimentos surgem com o intuito de amenizar as disparidades sociais e posicionar a favor das melhorias dos direitos sociais e das políticas públicas.

Ranciere (2014) reforça ao dizer que a democracia é algo que nunca se identifica com uma forma jurídico-política, pois sempre há no funcionamento do Estado o privilégio das elites que contrapõem as lutas democráticas. Dentro dessa linha de pensamento, explica que “Democracia quer dizer precisamente o seguinte: as formas jurídico-políticas das constituições e das leis do Estado não repousam sobre uma única e mesma lógica” (RANCIERE, 2014, p. 71).

Um requisito importante que encontramos nas pesquisas relacionadas aos protestos de 2013 foi a facilidade das articulações dos integrantes nos protestos, atrelado ao uso das redes sociais, que contribuiu para o aumento do público e da divulgação das demandas coletivas, visto que a maioria dos manifestantes faziam usos de tecnologias ligadas aos meios de comunicações móveis, como os aparelhos celulares ou smartphones. Fleury (2015), ao mencionar as redes sociais em suas análises nos protestos ocorridos nas manifestações de 2013, considera que os movimentos da contemporaneidade trazem novas articulações com as tecnologias, afirmando que os movimentos “apresenta uma busca pela produção e circulação

de informações e encontra na Internet um caminho para o desenvolvimento de alternativas que fogem às imposições das mídias tradicionais, [...]” (FLEURY, 2015, p. 35).

Tognozzi (2014, p. 76) nos adverte que com esse novo formato, o ativismo digital substituiu a antiga militância nas ruas, daí a importância das redes sociais para as convocações fluíam de forma mais rápida, como ratifica Scherer-Warren (2014, p. 417) ao dizer que “a nova forma de convocar o público, quase em tempo real, é uma das peculiaridades das ações das mobilizações dos dias atuais”. Consoante a esta ideia, Gohn (2015, p. 13) corrobora dizendo que “As convocações para os atos foram feitas via redes sociais [...] contribuiu para o crescimento repentino das mobilizações”.

Entendemos que os meios de comunicações e suas conexões via redes sociais foram extremamente importantes para que o público ficasse a par dos acontecimentos, obtendo informações sobre o desenrolar dos fatos, além de contribuir, potencialmente, para que os integrantes se articulassem e colocassem em práticas o que pretendiam à época. Verificamos que o principal público que moldava os protestos em 2013, era composto, em sua maioria, por jovens - grupo de pessoas que têm prática e facilidade de ficar conectado em redes sociais. E essa juventude, além de buscar construir sua história enquanto sujeitos sociais nos movimentos, também foram questionadores pelos direitos atrelados ao conceito de democracia, promovendo através de postagens na *internet* e/ou em outros aplicativos, um despertar sobre as situações cotidianas, tais como: a educação, a saúde, o desemprego e outras particularidades que envolva os contextos sociais.

No início dos protestos, os momentos que antecederam o mês de junho foram uma fase sustentação da articulação do Movimento do Passe Livre (MPL), período que os manifestantes começaram a disseminar suas ideias e metas e disponibilizá-las nas redes sociais, enquanto manifestações nas ruas. Desse modo, o principal motivo que deflagrou os protestos foram as reivindicações que defendiam o transporte público, por uma organização denominada de MPL. Os manifestantes tendo consciência de que os acréscimos das passagens vieram à tona, foram às ruas protestarem. Yamamoto (2016) afirma que “A indignação correu as ruas e telas no mesmo volume de imagens, protestos e opiniões. [...] esse movimento social contemporâneo, horizontal e de bandeira única, foi o estopim para manifestação de uma indignação generalizada” (YAMAMOTO, 2016, p. 69).

Yamamoto (2016) analisou a participação do MPL nos protestos de 2013 e enfatizou que esse descontentamento social em relação ao aumento dos preços das passagens nos transportes públicos não era relativo somente a junho, mas foi o reajuste no início de junho,

após o acréscimo de 20 centavos, que desencadeou o *estopim*. Os aumentos nas passagens vinham sendo ameaças desde o início do ano, tanto na cidade de São Paulo pelo prefeito Fernando Haddad (PT), quanto na cidade do Rio de Janeiro pelo prefeito Eduardo Paes (PMDB), conforme mencionado em sua pesquisa esses dois estados brasileiros foram os primeiros fluxos dos protestos em 2013, que se estenderam para outras capitais do país.

De acordo com as análises de Queiroz (2017), que realizou um estudo das manifestações que ocorreram em Goiânia, a capital goiana foi vinculada aos ideários do MPL de São Paulo, em que os atos reivindicatórios iniciaram meses anteriores a junho de 2013 e se tornaram corriqueiros em razão dos anúncios do aumento da tarifa do transporte público, que passaram de R\$2,70 para R\$3,00.

Queiroz (2017) ainda complementa que o aumento abusivo em menos de trinta dias incitaram o ápice dos protestos em Goiânia. No dia 28 de maio e 06 de junho vários manifestantes se posicionaram na Praça da Bíblia, no Setor Universitário, e nas ruas do centro da cidade, respectivamente, para questionarem este aumento do transporte público. Sobretudo neste segundo encontro, houve um aumento significativo do público participante, o que atraiu com mais destaque a mídia e a sociedade. No dia 13 de junho, os manifestantes obtiveram o primeiro resultado das manifestações, após a baixa da tarifa, que retornaram para o valor de R\$3,00.

Percebemos que outra particularidade dos protestos de 2013 foi evidenciada pela multiplicidade de sujeitos e demandas que estavam no espaço físico de aproximação. Como exemplo disso, evidenciamos que as pautas aumentaram, mas, ao mesmo tempo, traziam uma singularidade, pois aclamava o seu direito de voz no contexto de defesa da cidadania, a partir de um cenário de vozes compartilhadas. Mediante essa situação, usamos a concepção de Ranciere (2014) que explica a origem da desigualdade social ao retratar que a democracia representa um discurso incompleto, ou seja, não igualitário, pois as relações entre as sociedades e Estado não se fundamentam como algo singular. Segundo o autor, o termo democracia é uma linguagem moderna do homem democrático onde perpassa o princípio social da ilimitação, isto é, ocorre uma realidade inversa ao discurso por igualdade, resumindo-se em um individualismo democrático e que não é possível transformar o processo de exploração por um de igualdade.

Os protestos ocorridos em 2013 foi um questionamento a partir da não existência da igualdade, pois, assim como Ranciere (2014), entendemos que os movimentos surgem para buscar soluções nas demandas sociais e nos princípios da democracia. A demanda do

transporte público foi um impulso para que outras particularidades cotidianas tornassem em evidências e os públicos se articulassem. Diga-se por passagem, nas manifestações ocorridas em 2013 não faltaram razões para que parte da sociedade fosse às ruas demonstrar suas insatisfações ou buscar o seu reconhecimento enquanto sujeito crítico, visto que o que vimos foram participantes buscando a sua autonomia para se posicionar e aclamar suas insatisfações contra a atuação dos governantes, as contradições da democracia e faltas de políticas públicas. Fleury (2015, p. 24) corrobora estas informações ao expor que “os movimentos sociais criam e trabalham o poder social através das mobilizações e de seus participantes [...]”.

Os protestos no ano em análise, que se consagraram como Manifestações de 2013, trouxeram fortes expressões por alguns integrantes, com o fito de demonstrar suas indignações em relação à conjuntura ético-política. Alguns autores, como Figueiredo (2014), justificam que os movimentos surgiram em consequências dos sentimentos de descontentamentos e indignação, de alguns grupos, em relação aos fatos concretos de uma política com faltas de estruturas em sua conjuntura ou organização; que por sua vez, dialoga com Rosenfield (2014), que descreve que nos protestos houve uma demanda das questões cotidianas, que tornaram presentes nos discursos dos manifestantes do ano de 2013, afirmando que houve uma verdadeira aclamação social. Ao interpretar as jornadas de junho, afirma que os participantes demonstraram uma mensagem explicitas em relação a política do país. Assim, sintetiza “As manifestações, nesse sentido, tiveram cunho propriamente moral, entendido em uma dimensão mais própria da crise de valores enfrentada pela sociedade brasileira” (ROSENFELD, 2014, p. 135).

Assim como os autores acima, entendemos que os protestos de 2013 nos demonstraram uma pluralidade de pretensões nos contextos sociais, políticos e culturais. Enfatizamos que ir às ruas reivindicarem por mudanças nos contextos existentes contribuíram para o exercício da cidadania, pois colaboraram para o despertar da sociedade, no sentido de perceber que as realidades que estavam acontecendo no país. Isto posto, verificamos que os protestos serviram para sacudir o sistema político, no sentido de repensar muitas práticas ou propostas que estavam engavetadas. Embora presenciemos na atualidade que muitas reivindicações da época ainda não foram solucionadas.

Destacamos que os protestos ocorridos em 2013 não se deram em sua continuidade de forma pacífica. Junto aos aglomerados de pessoas, o Estado quis mostrar sua imposição tentando inibir os manifestantes. Como exemplo disso podemos referenciar as tropas policiais que foram colocadas às ruas em nome da proteção, mas em muitas ocasiões prevaleceram

posturas de violências e desordem. Conforme explica Sherer-Warren (2014, 419), “o repúdio à repressão legitimada pelo Estado, por um lado, e a solidariedade à liberdade de expressão da cidadania, por outro, formaram o mote para a ampliação das manifestações em todo o país”.

Conforme explica Pinto (2014), a fúria truculenta do aparato policial foi perceptível em vários momentos que promoveram reações adversas, onde a opinião pública passou a ter outra aceitação aos protestos e incentivarem as aberturas de espaços onde pudessem reivindicar. Nesse sentido, Kahn (2014) traz uma abordagem positiva, embora seja vinculada á violência, adverte-nos que as manifestações após as intervenções do governo ganharam mais popularidade e visibilidade entre os manifestantes e a população em geral. Pontuamos que os espaços que por lógica, tidos como democráticos, foram palcos de incitações à violência e a imposição do Estado.

Conforme mencionamos antes, os protestos de 2013 se tornaram evidentes a partir dos atos de imposições do Estado, em particular, apontamos o ocorrido na cidade de São Paulo que serviram para que os manifestantes ganhassem popularidade no país e estimulassem as organizações reivindicatórias em outros estados do território brasileiro.

As ruas foram o melhor ambiente para que as aclamações fossem escutadas por todos, a Avenida Paulista foi um exemplo de espaços urbanos que serviu como palco para as eclosões das mobilizações. A este respeito, Buzetto (2013, p. 127) informa que,

A diversidade das formas de luta e das formas de organização não é algo novo, pois sempre estiveram presentes na luta de classes. Cada categoria, classe, povo, movimento, em determinado local e/ou momento, cria suas próprias ferramentas de luta e desenvolve métodos próprios de ação, procurando adequar os mesmos às necessidades concretas de sobrevivência e de ampliação de suas forças.

Nesse contexto em que foram apresentadas as múltiplas demandas sociais, percebemos que houve um alargamento das manifestações, vinda de vários contextos reivindicatórios, desde as demandas mais simples atreladas ao social, até as demandas mais complexas que praticaram ações anticapitalistas, nesse caso, a tática do Black Bloc, que começaram a aparecer mais no final do mês de junho e meses subsequentes. Discorreremos sobre a atuação desse grupo nos protestos de 2013 de forma mais detalhada na segunda parte do trabalho.

Gohn (2014) ao analisar as especificidades e novidades presentes nas manifestações de Junho de 2013, no Brasil, retrata que “[...] a adesão de multidões às manifestações, as demandas ampliaram se mais ainda, e o alvo passou a ser “contra tudo”, além da denúncia

sobre a violência da polícia” (GOHN, 2014, p. 433). Enquanto Ranciere (2014) explica que o ideal democrático é tão velho quanto à democracia e nos traz a reflexão de que a política era uma prática a procura de bem comum.

Tivemos como percepção que nas mobilizações dos protestos de 2013 tiveram muitos participantes que se declararam engajados na busca de soluções para diversas causas existentes no cotidiano da sociedade brasileira. Entre eles, muitos se declararam como sujeitos questionadores sobre as políticas públicas, as posturas éticas dos políticos e posicionamentos sobre a democracia. Enquanto outros se posicionaram de forma diferente, como é o caso do Black Bloc, que demonstrou aversão ao Estado e as regras do capitalismo, e o Mídia Ninja, que se posicionou articulando as informações em tempo real, muitas vezes contrapondo às regras das mídias tradicionais. Mais detalhes destes grupos e suas particularidades estão pontuados no capítulo posterior.

### **1.1 Os protestos de 2013: um diálogo entre as concepções das autoras Ilse Scherer-Warren (2014), Maria da Glória Gohn (2014; 2015; 2016) e Angélica Lyra de Araújo (2015)**

A partir da perspectiva de obtermos mais informações sobre as realidades dos protestos de 2013 e compreender as formas de como os manifestantes se organizaram e as suas desenvolvimentos no decorrer dos protestos, apropriamo-nos de várias pesquisas bibliográficas. Desse modo, buscamos entender os impactos sociais e políticos que as mobilizações proporcionaram no transcorrer do ano, a partir de considerações de três autoras: de Scherer-Warren (2014), que versa sobre os encontros e desencontros nas manifestações políticas; de Gohn (2014; 2015; 2016), que traz abordagens sobre as diversas formas de apropriações dos manifestantes; e de Araújo (2015), que faz uma análise sobre as manifestações de junho, além de argumentar que as mobilizações foram motivadas pelas fragilidades dos serviços públicos prestados pelo governo, demonstrando um descontentamento em relação à democracia.

Os argumentos destas autoras nos mostram reflexões históricas de como transcorreram nos protestos de 2013. Suas explicações foram essenciais para que entendêssemos como os grupos se coordenaram dentro de suas articulações. As autoras aclaram, ainda, que em alguns momentos dos manifestantes nas ruas tinham um enredo definido, em relação à demanda em defesa do transporte público, mas, ao deflagrar os protestos, foi perceptível momentos de contradição entre os manifestantes, por interesses de suas demandas. Por isso, as

manifestações apresentaram destoantes maneiras de atuação, que aconteciam de maneira pacífica e violenta, nesse caso, principalmente ao relatar a interferência do Estado com alguns manifestantes.

Os questionamentos sociais presentes na realidade das manifestações não foram influenciados por sindicatos ou segmentos partidários, mas baseados na afirmação de autonomia dos integrantes. Scherer- Warren (2014, p. 419) conta que “os protestos em São Paulo começaram a 3 de junho, convocados pelo Movimento Passe Livre, que se autodenomina como “horizontal, autônomo, independente e apartidário”. Ressaltamos que há outras pesquisas em que autores consideram que em alguns momentos houveram intervenções dos partidos, com a presença de bandeiras e siglas partidárias, principalmente quando os protestos passavam por um período de desmobilização do MPL e o surgimento de outras demandas sociais.

Gohn (2014) explica que as primeiras articulações nas ruas não tiveram muita representatividade junto à sociedade e a mídia, fato, talvez, justificado por não apresentar uma liderança oficial, mas não desconsidera a importância que tiveram os coletivos nas ruas, pois em poucos dias conseguiram levar às ruas, uma grande multidão. E os grupos, refere a pluralidade de manifestantes, foram essencialmente importantes para que as mobilizações tomassem outros rumos, demonstrando uma multiplicidade de demandas por um verdadeiro descontentamento da sociedade, em relação às diversas particularidades do cotidiano, tais como a saúde, a educação, os transportes, a moradia e outras demandas. A autora sintetiza isso ao dizer que “O que os motiva é um sentimento de descontentamento, e indignação contra a conjuntura ético-política de dirigentes e representantes civis eleitos nas estruturas de poder estatal” (GOHN, 2014, p. 432), assim como as prioridades nas obras e ações selecionadas e seus efeitos na sociedade.

Na concepção de Araújo (2015), os protestos nas manifestações de 2013 surgem a partir de um descontentamento social, que vincularam a defesa do transporte público, mas que, logo em seguida, fazem usos de novas concepções, ao entender a falta de ética na política brasileira. Dessa forma, posicionaram-se nos movimentos para levantar questionamentos em relação à ética e a corrupção no país e demonstrar intolerância contra tantos desmandos políticos. E que os vinte centavos pelo transporte público nada mais foi que uma das representações de protestos, mediante inúmeras carências dos direitos sociais.

Dentro dessa perspectiva, várias frases tornaram presentes no cotidiano desses manifestantes, proferindo um recado sobre o grande descontentamento social. Sobre esse episódio Gohn (2014) afirma que

Os slogans dos cartazes, a maioria deles escritos à mão, rudimentares, são emblemáticos para ilustrar essa questão: “Nossos sonhos valem mais que 0,20”; “Democracia já”, “Desculpem o transtorno, mas estamos construindo outro Brasil”, ou “Desculpem o transtorno, estamos mudando o país”, “A Juventude acordou”, “O povo não deve temer o governo, o governo deve temer o povo”, “O Gigante acordou”, “Ou para a roubalheira, ou paramos o Brasil”, etc. (GOHN, 2014, p. 433).

Posto isto, entendemos que os protestos de 2013 despertaram o exercício da cidadania, por terem abertos espaços para exposições de várias vozes e várias demandas. Nesse sentido, os manifestantes, principalmente a juventude, deram-se conta de sua insatisfação com a democracia, por isso os seus recados pontuaram várias falhas da precária vida urbana, ao descrédito em relação aos políticos, entre outros descontentamentos.

Outra maneira de pensar sobre os movimentos coletivos nos protestos de 2013 está articulada a sua identificação. Gohn (2014) enfatiza que a nomeação dos acontecimentos passou por uma pluralidade de expressões ou “codinomes”, por isso é possível encontrar expressões, como “jornadas”, “ondas de protestos”, “protestos de ruas”. Após os desdobramentos preambulares dos episódios ocorridos nas ruas que, conseqüentemente, fortaleceram-se com o aumento do público, esses grupos passaram a ser unificados e entendidos pela denominação, “manifestações de 2013” ou “Jornadas de Junho”.

Entendemos que as indefinições quanto à maneira para se nomear os protestos não foram os principais problemas a serem enfrentados. Independente de qualquer que seja a denominação ou a liderança, o que ficou claro desde os primeiros encontros para os integrantes e para a sociedade brasileira é que o país vivia uma realidade inesperada em relação aos contextos políticos e econômicos. Não era apenas por “vinte centavos” que estavam nas ruas, mas, sim, porque buscavam novas propostas de políticas públicas que proporcionassem melhorias para a sociedade.

Ao dimensionar os protestos como uma forma dos manifestantes se articularem a favor da democracia, dialogamos com Scherer-Warren (2014) e Araújo (2015) para demonstrar a potencialidades das mobilizações como um espaço democrático. Araújo (2015) entende que houve um momento democrático, porque as manifestações promoveram momentos de socialização em prol de uma justiça social. Acrescenta que foi a partir da participação da

juventude que os pedidos por democracia puderam ser expressos por meios de várias articulações, por exemplo, cartazes improvisados, passeatas, enfim várias maneiras de manifestos em geral. Enquanto Scherer-Warren (2014) descreve que, embora os manifestantes defendessem o transporte público, muitos tinham em mente que as manifestações eram além da demanda da mobilidade urbana, contribuía para a defesa da cidadania.

A partir das concepções das autoras, entendemos que os espaços públicos, visto nos protestos de 2013, se tornaram ambientes democráticos, não porque a democracia se fez presente de forma igualitária nos contextos sociais e políticos, mas porque a sociedade apossou de seus direitos para se manifestar. Mas, por outra vertente, ressaltamos que houve um retrocesso ao espaço de democracia, quando houve a imposição do Estado, tentando coagir os manifestantes para deixarem os protestos. Ressaltamos que, mesmo com as imposições, prevaleceram nos protestos as pretensões por mudanças, onde muitos ali presentes, demonstraram indignação em relação aos não cumprimentos à democracia e ao descrédito em relação as leis e a política brasileira, como a corrupção e a inflação. Percebemos que a sociedade pode mostrar nas ruas o que antes não tinha tido oportunidade e não faltaram razões para que as multidões mostrassem as mazelas existentes entre vários segmentos da sociedade.

Dentro do contexto da pluralidade de sujeitos que se posicionaram nas ruas para os protestos que tomaram os espaços públicos em 2013 e se articularam contra a atual organização da política brasileira e as políticas públicas, fundamentamo-nos em Scherer-Warren (2014) que identificou nas manifestações três tipos de vertentes, sendo: (i) em oposição ao sistema político, em que ressalta a corrupção e o modo de operacionalização dos parlamentos; (ii) no campo das políticas sociais, onde as demandas referentes as deficiências nos sistemas públicos e de participação efetiva da cidadania; e, por último, (iii) nas demandas ligadas à cultura, como exemplos a liberdade de opções e expressões simbólicas em termos de gênero, raças, etc.

Nesse sentido, Gohn (2014) dialoga em sua pesquisa a respeito dos movimentos coletivos, mostra que os protestos que espalharam entre as principais cidades brasileiras foram resultantes das indignações da sociedade, principalmente em relação aos assuntos que fazem parte da conjuntura da política nacional. Para enfatizar a intensidade dos protestos a nível nacional, a autora afirma que “Os protestos rapidamente se espalharam e se transformaram em revolta popular de massa. Os movimentos foram denominados pela mídia e outros como manifestações” (GOHN, 2014, p. 431).

Estes atos, designados como protestos de ruas, que passaram a ser consideradas como manifestações de 2013, foram resultantes das insatisfações social. Scherer-Warren (2014) argumenta que, de maneira geral, as manifestações no transcorrer dos dias passaram a apresentar formas heterogênicas nas pautas, com destaca a autora,

[...] havia a pauta das manifestações anteriores, como aquelas em relação a transporte público, saúde, educação, moradia, violência policial, corrupção, e outras por mudanças político-culturais, como a luta contra a homofobia e a favor da união civil homoafetiva, e pautas feministas (SCHERER-WARREN, 2014, p. 42).

Assim como a autora mencionada anteriormente, entendemos que houve uma necessidade de lutar por um transporte público de qualidade. Essas formas – as reivindicações – proporcionaram a existência de novos atores sociais, tornando assim os protestos de ruas, um momento de pretensões por um país melhor. Os atores sociais – em especial os jovens - que mostravam a efetividade dos protestos nas ruas por um país melhor, buscaram através desse momento se articular com vários questionamentos em relação às posturas antidemocráticas.

As contradições que existiram nos protestos de 2013, nos discursos sobre as organizações políticas, nas reivindicações em relação à melhoria das políticas públicas, nos discursos de igualdade de gênero e racial ou de quaisquer outras formas de reivindicações expressam a importância destas ações e de suas funções sociais, pois, segundo Araújo (2015), ao relatar que independente das circunstâncias encontradas em seus contextos, os acontecimentos são essencialmente produtivos e educativos. Melhor expondo,

[...] as manifestações são formas de socialização, utilizadas como meios de interação e de articulação entre a juventude, com total autonomia, independente dos interesses dos partidos, de estados, pois foi nesse espaço que os jovens convocaram e motivaram as pessoas para participarem dos protestos, na busca pela justiça social (ARAÚJO, 2015, p. 47).

Percebemos que os protestos que ocorreram nas ruas demonstraram, no decorrer dos acontecimentos, contradições entre os grupos ali existentes, em razão de apresentarem várias intencionalidades de pensamentos. Em suma, as reivindicações não eram uníssonas, mas todos tinham o consenso de que os movimentos serviram para suas aclamações em relação as suas demandas.

Mediante as análises das autoras, percebemos que houve um diálogo entre suas concepções sobre as manifestações de 2013, pois todas relataram a pluralidade de sujeitos vinculados ao contexto da democracia e a pluralidade das demandas. Tiveram uma visão democrática, ao entender que acontecimentos a partir do público proporcionaram momentos atrelados aos direitos da sociedade e que os movimentos foram compostos por lutas sociais, que foram além da demanda inicial do MPL, em defesa do transporte público, codificado como uma luta por vinte centavos. Esse grupo, denominado como MPL, foi à base para que outras pessoas, simpatizantes ou não da causa da mobilidade, se mesclassem nos protestos almejando outras possibilidades de mudanças nos contextos políticos, econômicos e sociais.

## **1.2 Da unicidade para a pluralidade: a defesa do transporte público abre portas para as outras vertentes de protestos**

Conforme colocado na seção anterior, os protestos denunciaram, através de sua multidão, que a democracia não estava sendo executadas de acordo com as suas adequadas atribuições. Posto isto, entendemos que os grupos que foram às ruas protestarem partiram do pressuposto de que é a partir das mobilizações que os princípios democráticos poderiam ser repensados a favor da população, isso tornariam acessíveis as políticas públicas de qualidade. Freury (2015), ao analisar as manifestações em 2013, afirma que,

[...] há vários movimentos sociais que são criados e movidos pela intenção de reformular os regimentos institucionais e dos poderes políticos e, assim, colaboram para a mudança do foco sócio-político de uma democracia - propondo uma sociedade e uma cultura civil com mais participação da população. Dessa forma, os MS tornam-se fontes especiais no processo de transformação social (FLEURY, 2015, p. 24-25).

Foi nestes momentos vivenciados pela nação brasileira que o país se deixou levar pelas razões, promovendo espaços para que se fortalecessem os discursos dos protestos de ruas. Entre os aglomerados de pessoas, através de métodos improvisados, vários afrontamentos foram colocados como mensagens para a sociedade e para os governantes, como o aumento constante da inflação, as privatizações que o governo estava promovendo na época, os altos preços dos alimentos em decorrência dos atos inflacionários, o aumento dos preços das passagens etc.

Araújo (2015) relata que houve nos protestos de ruas em 2013 uma inquietação social, onde os participantes trouxeram diversas fragilidades, tanto em relação ao sistema político,

em torno da ética na política e a corrupção, insatisfações no âmbito social, em que as pessoas apossaram por reais motivações, como as deficiências nos transportes, na saúde e na educação. De modo em geral, a juventude estava exigindo uma reforma no sistema político, por isso foram às ruas chamar atenção do maior número de mazelas sociais possíveis. Ainda argumenta que, as difusões das manifestações revelaram o desejo de comunicação entre os principais agentes: sociedade e sistema político.

Entendemos que os manifestantes pretenderam demonstrar que as realidades estavam absolutamente em desacordo nos processos políticos e econômicos. As situações estavam exacerbadas com atitudes antidemocráticas, que precaviam a população para ir às ruas protestar. Às vezes, de maneiras improvisadas, os manifestantes davam seus recados escritos em cartazes ou em outros suportes para que pudessem expor os seus anseios e frustrações.

As mobilizações que ocorreram pelas ruas das capitais e pelas cidades consideradas como pólos regionais do Brasil foram representadas pelos encontros de vozes, de forma mais atuante no sentido de apresentar uma variedade de insatisfação. Diferentemente, por exemplo, do movimento dos “Caras pintadas”<sup>5</sup>, que se destacou com a representação como sujeitos que tiveram uma singularidade na reivindicação, fundamentada na intervenção na política brasileira, em especial, exigindo o afastamento do presidente de seu cargo, pelo seu ato de corrupção.

Em relação aos protestos ocorridos em 2013, consagrados como manifestações, percebemos que no decorrer dos dias, as mobilizações ganharam outros rumos, no sentido de acontecer os atos violentos. É relevante pontuar que uma multidão ganhou espaço nas ruas, apesar da intenção de muitos participantes desejassem que tudo ocorresse de maneira pacífica, os protestos desencadearam momentos conflituosos, tanto entre os participantes, quanto na intervenção das autoridades.

Gadea (2015), ao analisar os movimentos atribui às experiências de conflitos, define a violência nos movimentos como uma situação específica de desequilíbrios na ordem da indignação, da invisibilidade e da exclusão social. Diante esse contexto, afirma que “além da procura por reconhecimento sociocultural e político, trata-se de associar experiências coletivas de conflito com uma certa capacidade de indignar perante o que tem definido como uma ordem injusta e opressora, [...]” (GADEA, 2015, p. 252).

---

<sup>5</sup> Os “Caras Pintadas” foi o nome pelo qual ficou conhecido o movimento estudantil brasileiro realizado no decorrer do ano de 1992 que teve como objetivo principal o *impeachment* do presidente do Brasil na época, Fernando Collor de Mello. Disponível em: <<https://www.infoescola.com/historia-do-brasil/caras-pintadas/><<http://memoriaglobo.globo.com/programas/jornalismo/coberturas/impeachment-de-collor/os-caras-pintadas.htm>>. Acesso em: 10 mar. 2018.

Scherer-Warren (2014) reforça a ideia de que nos protestos de 2013 tiveram momentos conflituosos e afirma que após a intervenção do Estado, com o uso da Polícia Militar, os protestos tomaram outros rumos, no sentido de popularidade e não de afastamento do público. Foi nesse momento que se viu o fortalecimento das mobilizações, quando se agregaram esse fato ao descontentamento da sociedade para com as autoridades, principalmente os representantes da política brasileira. Esclarece que “Após a repressão policial, a motivação para a mobilização se ampliou em termos de participantes e de abrangência territorial” (SCHERER-WARREN, 2014, p. 425).

Percebemos que as intervenções do Estado, com as tropas dos policiais, pretendiam inibir os manifestantes e, assim, dispersá-los, mas a realidade foi outra. As reações tomaram destinos contrários, porque a partir do momento de repreensão, os integrantes dos protestos propagaram as imagens de violências cometidas pelas autoridades contra os manifestantes, pelas redes sociais, conseguindo ainda mais se fortalecer enquanto número de participantes e de apoio moral perante a sociedade.

Conforme relatamos antes, os acontecimentos oriundos nos protestos em 2013, apresentaram tanto um caráter festivo, quanto uma face violenta. Entendemos que esse dueto de ações entre passividade e violência trouxeram outras interpretações aos protestos. Conforme explica Scherer-Warren (2014), muitos se julgaram como defensores desses atos violentos, mostrando que essas ações se tornaram necessárias, enquanto outros negaram qualquer forma de violência.

Ao adentrarmos nas particularidades dos atos violentos nos protestos das manifestações de 2013, relatamos que mesmo com a imposição da violência contra os manifestantes, não houve um processo de desestruturação dos manifestantes, nesse caso o grupo principal nos protestos, o MPL. Pelo contrário, houve uma crescente aceitação de seus atos pelo público e mais engajamento social. Dentro dessa perspectiva, Gadea (2015) afirma que as intenções desses sujeitos passaram a ter mais credibilidade e visibilidade perante a mídia e a sociedade, a partir de suas ações que visavam mostrar indignação com as ordens estruturadas do Estado. Os integrantes se demonstravam animados para superar os obstáculos e trazer mais pessoas às ruas. Muitos manifestantes cantavam o bordão<sup>6</sup>: “Amanha vai ser maior!” (REPORTAGEM J). Esse *slogan* serviu para mostrar que não se intimidavam com as atitudes das forças dos policiais.

---

<sup>6</sup> Vídeo dos manifestantes na rampa do Congresso Nacional em Brasília, dia 17 de junho de 2013. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=LUD3ma8agIY>>. Acesso em: 10 de mar.2018.

A partir de situações como estas é que a sociedade e a mídia passaram dar maior visibilidade aos acontecimentos e, por conseguinte, o devido respeito para esses atores sociais que pretendiam, de forma pacífica, mostrar suas ações que visavam mudar as realidades existentes no país. Gohn (2014) diz que esses movimentos atingiram diferentes classes sociais, diferentes faixas etárias e, deste modo, diferentes intenções, que se aglutinaram como fins coletivos. A autora informa ainda que esses movimentos se fortaleceram na cidade de São Paulo, durante a defesa do transporte público, mas que se dispersam para várias regiões do Brasil, aumentando o número de participantes e de pontos de discussões e pretensões variadas, isto ocorreu, pois “Quando o ‘povo’ viu, na TV e jornais, jovens sendo espancados por lutarem por bandeiras que eram também suas, como a mobilidade urbana, ele também saiu às ruas” (GOHN, 2014, p. 431).

Tivemos como percepção que os meios de comunicação pelas redes sociais foram fundamentais para o processo de divulgação dos acontecimentos dos protestos de ruas, para o público entender o que estava acontecendo, conforme mencionamos antes. Mas ao retratar o período em que as violências estiveram presentes nos protestos, perpassam em muitas concepções de que a mídia tradicional, como as emissoras de TVs, de rádios e os jornais podem ter deixados muitas cenas sem serem mostradas.

Para contextualizar o que referenciamos no parágrafo anterior, no que diz respeito a não divulgação de todos os acontecimentos pela mídia tradicional, recorremos a Fleury (2015) para analisar os resultados da mídia nos movimentos, os quais nos referiram como protestos das manifestações de 2013, destacando que atualmente há uma crescente agregação dos meios de comunicações. Enfatiza que a mídia, em muitos casos, deixa as realidades a segundo plano, agregando uma política de interesses ao seu favor. Relata, ainda, que “É notável como os meios de comunicação privaram o público da verdade cotidiana e dos acontecimentos em sua essência para dar lugar a histórias rebuscadas e atraentes sobre a criminalidade” (FLEURY, 2015, p. 56).

Por outra vertente, percebemos que as redes sociais recebiam constantemente filmagens de pessoas autônomas, que postaram cenas com os atos violentos ou outros fatos relacionados às manifestações. Destacamos que midiativismo esteve presente nos protestos de 2013, expondo as suas postagens em tempo real, feita pelos integrantes do grupo conhecido como Mídia Ninja, que promoveu junto aos protestos o seu jornalismo independente. Adentraremos sobre esse grupo com mais particularidades na segunda parte do trabalho.

Ao analisar os protestos após as repressões dos policiais, Scherer-Warren (2014) explica que as mobilizações foram redimensionadas, ao afirmar que o número de protestos e grupos aumentaram, pois mudanças nos contextos econômicos, sociais e culturais eram necessárias em várias partes do país.

Compreendemos que as ações dos sujeitos presentes nas manifestações, que exerciam sua função de participante ativo nas decisões do país, tinham a intenção de trazer mais pessoas para se articularem nas ruas por uma causa justa. Por isso é que inúmeras vezes o refrão - “o povo unido, jamais será vencido”<sup>7</sup> (REPORTAGEM F) – foi utilizado como um invite. As vozes proferidas por este cântico ou por outros jargões, como as supramencionadas, ratificavam a convicção de que a democracia deveria ser praticada/vindicada e que as manifestações eram uma das formas mais clara de reivindicar a partir das realidades antidemocráticas.

Entre muitos cartazes exibidos, destacaram-se as sentenças<sup>8</sup>: “O Gigante acordou; Desculpe o transtorno, estamos mudando o Brasil; Isso não é só um protesto é um grito popular; A aula de hoje é na rua; País mudo não muda; Pra onde vão nossos impostos?; Não é vandalismo é revolta!; Saímos do facebook, fomos às ruas; Não é apenas vinte centavos” (REPORTAGEM I). Os grupos que enunciavam esses dizeres se configuraram como sujeitos críticos que questionavam as organizações políticas existentes no país.

Destacamos, entre as inúmeras características dos movimentos coletivos de 2013, as contradições entre as opiniões dos grupos, quando tornaram mais evidentes na multidão as demandas plurais. A este respeito, Scheren-Warren (2014) mostra que nas reivindicações de ruas houve aproximações e distanciamento ao mesmo tempo, dizemos isto no sentido de que houveram encontros ao se apropriar dos mesmos espaços para se reivindicar, mas desencontros nos ideais dos participantes ali presentes. A autora afirma que “A cooperação, nas manifestações de 2013, focava-se na defesa do direito a dar voz pública a demandas plurais, mas, assim mesmo, o entendimento sobre a legitimidade dessas demandas foi conflitivo entre vários subgrupos de manifestantes” (SCHEREN-WARREN, 2014, p. 419).

Vários episódios foram marcados com a presença das tropas de policiais militares e sua presença com ações violentas modificaram os cenários dos protestos nas ruas. O Estado

---

<sup>7</sup> Grito de guerra dos protestos. Manifestações em São Paulo, em 17 de junho de 2013. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=kKfYSFNyXoc>>. Acesso em: 12 mar. 2018.

<sup>8</sup> Dizeres dos momentos das manifestações exibidas no vídeo “Programa Profissão Repórter”, dia 18 de junho de 2013. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=9COUiLTeeA>>. Acesso em: 12 de mar. 2018.

agiu de forma autoritária, com imposições repugnantes, incoerentes e, até mesmo, desumanas. A este respeito, Scherer-Warren (2014) relata que,

Após a repressão policial motivação para a mobilização se ampliou em termos de participantes e de abrangência territorial nas manifestações seguintes, especialmente nas ocorridas em São Paulo e em várias outras cidades brasileiras de 17 a 29 de junho de 2013 (SCHERER-WARREN, 2014, p. 425).

Para a autora, as reações que se afloraram entre as multidões estabeleceram nesses participantes a sua identificação enquanto sujeito social, onde aparecem como cidadãos que reivindicam direitos e contestaram as contradições na política em que são submetidos.

Ao referenciar as multidões e o surgimento das demandas plurais, entendemos que os protestos em 2013 foram além do que era esperado pela sociedade e pela mídia e que os manifestantes não foram unânimes quando as formas de reivindicações, sendo que cada grupo trazia consigo repertório diferenciados, tanto nas reivindicações quanto nas articulações. E mediante as particularidades encontradas nas ruas, muitas vezes mescladas com cenas de violências, proporcionaram ao processo de desmobilização. Nesse contexto de analisar os atos violentos, foram visíveis na segunda quinzena de junho, grupos com ações com intervenções sobre órgãos públicos e empresas, como uma forma de se manifestar contra o Estado, que ficaram conhecidas como o grupo do Black Bloc, que apresentará suas particularidades no segundo capítulo.

### **1.3 Jornadas de junho: desmobilização**

Conforme mencionamos antes, os protestos passaram por um processo de transição em relação a sua organização e aos acontecimentos. Dessa forma, os integrantes do MPL, ao concretizarem o seu sétimo dia de protestos, que acontecera no dia 20 de junho, declararam-se que iria sair de cena, por entender que os protestos estavam sobressaindo por outras propostas nos atos reivindicatórios, como as demandas relacionadas às questões sociais e culturais, isto porque, “A situação havia saído do controle: a reivindicação inicial, a tarifa zero ou a suspensão do aumento, deu lugar a outras demandas no decorrer dos protestos [...]” (YAMAMOTO, 2016, p. 70).

Solto (2015), ao elaborar uma análise sobre o MPL, afirma que após as demandas crescerem nas ruas, os desafios do grupo do MPL surgiram no sentido de manter os protestos

conforme pretendiam. Descreve dois desafios enfrentados, que diz respeito a diversidade de bandeiras levantadas, ou seja, as pluralidades de demandas e as tensões entre os manifestantes, que resultaram em cenas com presença de bandeiras partidárias, promovendo intrigas de algumas representações de partido, ali presentes.

Reforçando a ideia de que o MPL estava preocupado com os rumos que os protestos estavam tomando em termos de proporções de participantes e demandas, Spina (2016) explica que o grupo, por não apresentar suas lideranças definitivas, podia ter ficado mais suscetíveis a entrada de outros discursos nos protestos, visto que novos grupos tornaram presentes nos atos de ruas, uma vez que os espaços das primeiras mobilizações até meados de junho eram prioritários ao grupo MPL, em defesa do transporte público.

Dentro dessa lógica, descreve que alguns dos integrantes do MPL, a partir de 20 de junho, posicionaram-se em relação aos desencontros que estavam percebendo nas ruas, diante disso, afirmaram que “estavam também preocupados com o descontrole dos protestos, o surgimento de performances nacionalistas, mas, principalmente, com o questionamento constante dos partidos e das bandeiras” (SPINA, 2016, p. 109).

Segundo Spina (2016), os atos dos protestos do MPL em São Paulo passaram a apresentar uma certa instabilidade, sobretudo após dia 20 de junho, ao se posicionarem alguns militantes com outras ideologias ou posição partidárias. Segundo a concepção do autor, por mais que se tenha conseguido a revogação das tarifas, esse grupo após verificar que outras demandas, com ideologias diversas, foram os possíveis motivos que levaram o MPL a declarar o seu distanciamento dos protestos de ruas. Acredita-se que esse grupo entendeu que houve uma crescente presença de grupo identificado com a direita, proporcionando, assim, fase de descenso das mobilizações.

Averiguamos que os grupos que se prontificaram e foram às ruas em protestos anunciaram o seu afastamento dos espaços urbanos, após o término do mês de junho e nos meses subsequentes e não se destacaram de forma intensa quanto às mobilizações e aos participantes. Mas ressaltamos que o que foi mais importante não foi a sua continuidade nas ruas, mas, sim, a sua existência enquanto movimento coletivos que construiu a partir de suas posturas em defesa dos princípios para a coletividade. Gohn (2016) descreve que “Logo após Junho de 2013, as manifestações não tiveram continuidade em termos de mobilização de massa, os atos de protestos foram tópicos, [...]” (GOHN, 2016, p. 136-137).

Acreditamos que um dos motivos que promoveu o afastamento do grupo (MPL) dos protestos foi à presença de outros grupos ou o enfrentamento de representação partidária,

considerada como direita, proporcionando, desta forma, fase de descenso das mobilizações. Por mais que tenha saído de cena, entendemos que o MPL obteve uma conquista com a revogação dos preços dos transportes públicos, em algumas capitais, e as proporções que ganharam as manifestações dentro de suas intencionalidades. Mas que fique claro que essas classificações em relação ao MPL não sirvam de um julgamento ou de apropriarmos essas informações como resultados positivos ou negativos.

O que levamos em consideração que os protestos foram relevantes, além de promover o despertar para que a sociedade entendesse o quanto os movimentos coletivos servem para expressar a insatisfação social, dentro dos contextos políticos, econômicos, sociais e culturais; e que são através desses movimentos, que chamamos de protestos, que exercem as práticas almejando a cidadania e buscar a igualdade social junto à democracia. É meritório relatar que na virada do milênio ocorreram várias manifestações pelo mundo em busca da democracia, semelhantes as que ocorreram em 2013 no Brasil, como na Venezuela, na Turquia, na Espanha, no Chile, em Israel, na Tunísia, no Egito e em outras nacionalidades.

#### **1.4 Referencial do jornalismo sobre os protestos de 2013**

Segundo o portal G1<sup>9</sup>, publicado dia 11 de abril de 2013 (REPORTAGEM C), a juventude se articulava em relação à execução dos protestos de ruas contra os aumentos dos preços das passagens. As pesquisas realizadas pelo G1 alegam que as mobilizações ocorridas na cidade de Porto Alegre (RS) colocaram em pauta o reajuste dos transportes coletivos. Solicitavam que a tarifa da passagem não fosse reajustada para o valor acima de R\$3,00. Desde então, o MPL articulou protestos que se espalharam entre outras localidades do país.

Os protestos nas manifestações de 2013 contra o reajuste das passagens na grande São Paulo, organizado pelo MPL, como mostra as informações da página do G1<sup>10</sup>, exibida em 11 de junho (REPORTAGEM D), evidenciou esse grupo nas ruas de São Paulo, por ir contra o aumento de 20 centavos nos preços das passagens, que havia sido inflacionado desde o início do mês. Ainda acrescenta que o MPL organizou um protesto na capital paulista no dia 6 de junho contra o reajuste das tarifas de transporte público e os participantes aumentaram

---

<sup>9</sup> Protestos por passagem mais barata reúne manifestantes em Porto Alegre. Disponível em: <<http://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/noticia/2013/04/protesto-por-passagem-mais-barata-reune-multidao-em-porto-alegre.html>>. Acesso em: 05 mar. 2018.

<sup>10</sup> Saiba mais sobre os protestos em São Paulo, contra o aumento do transporte público. Disponível em: <<http://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/2013/06/entenda-os-protestos-em-sp-contra-aumento-das-tarifas-do-transporte.html>>. Acesso em: 05 de mar. 2018.

ganhando adesões em todo o país e, de acordo com seus princípios, tentaram afastar de vinculações partidárias.

Segundo os levantamentos do G1, os atos de protestos que envolveram a capital paulista estavam vinculados aos aumentos das passagens nos transportes públicos, que havia sido estipulado pelo governo estadual e municipal. De acordo com a tarifa de aumento, o índice chegaria a 6,7%, o que, obviamente, não foi aceito pelos manifestantes. O aumento do transporte coletivo estava sempre em processo inflacionário, com elevações exorbitantes, e o prefeito da grande São Paulo, Fernando Haddad (PT), no intento de mostrar que o aumento está dentro da normalidade, argumentava que essa porcentagem estava abaixo da inflação.

O G1<sup>11</sup>, publicado em 11 de junho de 2013 (REPORTAGEM M), menciona em sua reportagem as particularidades das manifestações na cidade de São Paulo, o considerando como o terceiro dia de protestos. De acordo com as informações, nesse dia houve cenas de violências de ambas as partes. Dentro da visão jornalística há um entendimento que os manifestantes começaram um protesto contra o aumento da tarifa de ônibus e por ser reprimidos pelas autoridades começaram a fazer quebraadeiras e pichações. Enquanto os policiais também exerceram suas violências, utilizando balas de borracha, bombas de gás lacrimogêneo e gás pimenta, resultando, assim, em prisões e detenções. Acrescenta que ao obter informações de entrevistas com alguns integrantes do MPL, em que os mesmos relataram que as agressões dos policiais foram extremamente violentas e sem motivos plausíveis.

Outra cidade que sediou as manifestações em defesa do transporte público foi Belo Horizonte. De acordo com as informações do G1<sup>12</sup> (REPORTAGEM M), no dia 15 de junho, a capital mineira recebeu nas ruas uma demanda de protestos que, além da pauta do MPL que reivindicava a melhoria da mobilidade urbana, trouxeram também outras particularidades, como o desprazimento com a crise econômica e com os representantes do poder, além de afincar críticas em relação aos gastos que seriam investidos na realização da Copa do mundo, em 2014, ou seja, os gastos financeiros para a realização da Copa das Confederações, promovida pela Federação Internacional de Futebol (FIFA).

---

<sup>11</sup> Protesto contra tarifa tem confronto, depredação e preso em São Paulo. E mais informações sobre os relatos dos participantes e atuação dos policiais. Disponível em: <<http://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/2013/06/protesto-contra-tarifa-tem-confronto-depredacoes-e-detidos-em-sp.html>>. Acesso em: 10 de mar. 2018.

<sup>12</sup> Jovens protestaram contra o transporte público e a situação do país, na região centro-sul da capital mineira. Disponível em: <<http://g1.globo.com/minas-gerais/noticia/2013/06/manifestacao-reune-oito-mil-diz-pm-e-percorre-tres-quilometros-em-bh.html>>. Acesso em: 12 de mar. 2018.

Esse dia, 15 de junho de 2013, foi à data oficial da abertura da Copa das Confederações, os manifestantes se posicionaram nas proximidades do Estádio Nacional Mané Garrincha<sup>13</sup> (REPORTAGEM N), em Brasília, no fito de ofuscar a estreia do evento e demonstrar o descontentamento com os gastos investidos, contudo os manifestantes foram sitiados pela Polícia Militar, enquanto outros manifestantes se posicionaram na capital mineira. Estimam-se que reuniu cerca de oito mil pessoas, em sua maioria estudantes, que ocuparam as ruas de Belo Horizonte, reuniram-se próximo a praça Sete e se dirigiram ao estádio Mineirão, nas proximidades da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), onde houve confrontos com os policiais que tentaram impedir, com barreiras a chegada dos manifestantes ao estádio.

No dia 17 de junho de 2013, de acordo com a publicação do G1<sup>14</sup> (REPORTAGEM O), publicada no dia 18 de junho, as manifestações aconteceram, praticamente, em todas as capitais do país. Na cidade de São Paulo, a reportagem traz os roteiros dos protestos, enfatizando que as mobilizações foram intensas e partiram pela Marginal Pinheiros, pela Avenida Faria Lima e pela Avenida Paulista que se ajuntaram e finalizaram em frente a sede do governo.

Na capital do país, nas proximidades do Congresso Nacional, no dia 17 de junho, os manifestantes romperam o cordão de isolamento do local feito pelos policiais e subiram na marquise do Congresso Nacional, de onde entoaram o discurso de aversão ao cancelamento da PEC 37<sup>15</sup> e outros assuntos que estavam nas pautas de reivindicação.

De acordo com o G1 (REPORTAGEM G),<sup>16</sup> do Distrito Federal (2013), o dia 17 de junho foi marcante para a história das mobilizações, porque houve uma grande representatividade de pessoas e os acontecimentos dos protestos foram em quase todas as capitais do país. Em relação aos protestos na capital do país, a PM fez a estimativa do evento em seus registros repassados a página, chegando ao número de 65 mil participantes; relata, também, que a chegada dos integrantes das manifestações ao Palácio aconteceram por volta das 21h30min. Após a chegada

---

<sup>13</sup> Centenas de manifestantes protestam em frente ao estádio Mané Garrincha, em Brasília, palco de abertura da Copa das Confederações, entre Brasil e Japão. Disponível em: <<https://esportes.estadao.com.br/noticias/futebol,manifestantes-protestam-em-frente-ao-estadio-mane-garrincha-em-brasilia,1042804>>. Acesso em: 12 de mar. 2018.

<sup>14</sup> Protestos pelo País. Disponível em: <<http://g1.globo.com/brasil/noticia/2013/06/protestos-pelo-pais-reunem-mais-de-250-mil-pessoas.html>>. Acesso em: 13 de mar. 2018.

<sup>15</sup> A Proposta de Emenda à Constituição (PEC) 37 dá poder exclusivo à polícia para realizar investigações criminais, retirando essa possibilidade do Ministério Público. A emenda foi apresentada em 2011 pelo deputado Lourival Mendes (PTdoB-MA), com argumento de que investigações próprias do MP ferem os direitos dos investigados por não terem regras claras e porque os investigados não têm acesso aos autos.

<sup>16</sup> Manifestantes invadem cobertura do Congresso Nacional. Disponível em: <<http://g1.globo.com/distrito-federal/noticia/2013/06/manifestantes-invadem-cobertura-do-congresso-nacional.html>>. Acesso em: 13 mar.2018.

dos protestos, três manifestantes foram convidados para ir dentro do Congresso Nacional negociarem com os alguns representantes políticos. Entre as propostas apresentadas pelo grupo, destacaram-se: as punições aos policiais que agiram com violências em vários episódios das mobilizações; a garantia por liberdade das manifestações; alguns esclarecimentos a respeito da PEC; e outras demandas.

Outro fato que expressou como um marco nos protestos está relacionado ao período em que o MPL estava se desmobilizando, ou seja, já havia anunciado o seu afastamento das mobilizações de ruas. Antes de sua retirada dos protestos, o MPL foi recebido pela então presidente do Brasil para que pontuassem algumas reivindicações do grupo e que escutassem as propostas vindas do poder executivo. O diálogo foi estabelecido entre alguns integrantes da organização da cidade de São Paulo e a presidente Dilma Roussef. De acordo com G1 (REPORTAGEM H)<sup>17</sup>, Dilma Roussef recebeu os integrantes do Movimento do Passe Livre no Palácio do Planalto, junto dos ministros da Secretaria-Geral da Presidência da República, Gilberto Carvalho e Aguinaldo Ribeiro.

Nessa perspectiva, os manifestantes solicitaram as mudanças nos preços das tarifas de ônibus e a viabilização da proposta do transporte público gratuito, conforme pauta nas reivindicações. Tiveram como posições que o governo estava à disposição a dialogar. Mas em relação à gratuidade, o governo teria que analisar os gastos públicos, ou seja, nenhum posicionamento foi esclarecido pela presidente, visto que a pauta exigiria de gastos nos cofres públicos.

De acordo com o jornal O Globo<sup>18</sup> (REPORTAGEM K), *online*, publicado no dia 15 de maio de 2014, o ano de 2013 foi um período de marco para a história do Brasil, em razão dos protestos terem tido visibilidades, graças à quantidade de participantes, em várias cidades interioranas, além das capitais. Em particular, esse meio jornalístico, propõe uma reflexão de maneira positiva ao considerar que as manifestações proporcionaram alguns resultados concretos, como a redução nas tarifas de transportes em várias capitais, além de, principalmente, expandir as discussões sobre corrupção e serviços públicos de qualidade.

Grande parte dos protestos, ainda segundo o Globo, mostraram-se pacíficos, mas os pequenos e situados atos de desordem foram os mais evidenciados na TV, principalmente os

---

<sup>17</sup> Os integrantes do movimento foram chamados a Brasília para apresentarem à presidente da República a pauta de reivindicações do grupo. Disponível em: <<http://g1.globo.com/politica/noticia/2013/06/apos-reuniao-com-mpl-ministro-reconhece-transporte-deficiente.html>>. Acesso em: 15 mar. 2018.

<sup>18</sup> Mês que entrou para a História com protestos convocados por redes sociais, sem comandos de partidos, sindicatos e UNE, reunindo mais de 1,5 milhão. Disponível em: <<http://acervo.oglobo.globo.com/fatos-historicos/o-brasil-foi-as-ruas-em-junho-de-2013-12500090#ixzz5EBm4qoiV>>. Acesso em: 12 mar. 2018.

locais onde houveram conflitos, depredações e saques em várias localidades do Brasil. Por exemplo, os meios de divulgações destacaram os acontecimentos negativos ocorridos no Itamaraty, em Brasília, e na prefeitura do Rio de Janeiro, realizadas pelo grupo Black Blocs<sup>19</sup>. A intenção de alguns meios midiáticos com essa divulgação era considerada por muitos como uma maneira de negatizar as ações reivindicatórias.

De acordo como o jornal o globo<sup>20</sup> (REPORTAGEM L), os protestos de 2013, na cidade do Rio de Janeiro se destacaram nacionalmente, especialmente em razão do protesto ocorrido na Avenida Rio Branco, no centro da cidade. Nesse episódio, o Rio de Janeiro viveu uma “nova marcha dos Cem Mil” e que é referenciado pelo meio jornalístico como “Primavera Carioca”, fato ocorrido no dia 17 de junho, suas bases para articulações foram realizadas por intermédio das redes sociais, sem qualquer auxílio de segmentos partidários, sindicatos e/ou da União Nacional de Estudantes (UNE).

Essa data em especial, ocorrida no Rio de Janeiro, em que tiveram o maior público, conforme mencionamos antes, foi marcado por um momento de euforia, pois muitos funcionários dos escritórios dos prédios que ficavam no trajeto das manifestações, enfeitaram as ruas de chuvas de papéis picados e gritavam palavras de apoio, dando legitimidade as manifestações. Entretanto, os manifestantes foram barrados pelos policiais e revidados com bombas de gás lacrimogêneo.

Nos períodos posteriores, os encontros desse grupo, digo o MPL, foram menos intensos e com menos articulações via redes sociais. Entendemos que suas reivindicações foram essenciais no âmbito da relação da sociedade e política, embora não termos encontrado vários registros com dados satisfatórios ao grupo, pelas postagens jornalísticas, somente as descrições dos acontecimentos. Percebemos que a articulação do MPL e a defesa do transporte público promoveu entre o cenário da política nacional uma preocupação em relação o quanto as mobilizações são capazes de mudar a rotina de um país, promover discursos entre os parlamentares e resgatar planos de governos que por hora poderiam estar engavetados.

Entendemos que os manifestantes que estavam ali usaram de suas experiências cotidianas como argumentos para a realização de diversos atos reivindicatórios, entre eles, muitos jovens que colocaram suas vozes nas ruas e suas aclamações nas redes sociais. As avenidas das grandes cidades, que eram acostumadas com os fluxos dos carros, passaram a ceder os seus espaços para as pessoas protestarem, no intuito de demonstrar ao país que existia um descontentamento

---

<sup>19</sup> Mais detalhes sobre este grupo ativista estão apresentados no capítulo II.

<sup>20</sup> Na noite do dia 17 de junho, o Rio viveu “A nova marcha dos 100 mil”. Disponível em: <<http://acervo.oglobo.globo.com/fatos-historicos/o-brasil-foi-as-ruas-em-junho-de-2013-12500090>>. Acesso em: 13 de mar. 2018.

democrático e outras intolerâncias com o Estado, como o Black Bloc. Portanto, presenciamos grupos que fizeram suas histórias e que hoje fazem parte das memórias das manifestações de 2013.

Encerramos aqui uma subseção, que foi norteada por pesquisas baseadas em jornais não impressos e em páginas da *internet*, que tiveram a preocupação de relatar os acontecimentos de 2013 de forma minuciosa os principais fatos diários, por vertentes diferentes. A partir dessa concepção, entendemos que os meios jornalísticos divulgavam as informações de forma veloz, para suprir o mercado midiático e manterem-se éticas, no sentido de não menosprezar os protestos e os manifestantes. Desse modo, ressaltamos, de forma geral, que as pesquisas digitais (jornais e *sites*) foram significantes para a construção do conhecimento do momento histórico, para que a pesquisa fosse desenvolvida.

Adentraremos daqui adiante, no próximo capítulo, sobre o desdobramento das manifestações de 2013, a partir de três grupos: o MPL, o Black Bloc (ressalvamos que em muitas pesquisas, esses integrantes não foram classificados como um grupo propriamente dito, mas, sim, como ativistas; entretanto, no contexto deste trabalho foi tratado e mencionado como um grupo) e a Mídia Ninja. Entre os protestos que se estenderam, principalmente no mês de junho, sobressaíram diversas pautas. Todavia, entendemos que esses três grupos estiveram presentes em várias mobilizações e apresentaram suas intervenções, em tempo real.

## **2 PROTESTOS DE 2013: PRINCIPAIS GRUPOS (MPL, BLACK BLOC E MÍDIA NINJA)**

No primeiro capítulo descrevemos os desdobramentos dos acontecimentos referentes aos protestos ocorridos em 2013, que se mesclaram entre vários movimentos coletivos. Obtivemos a compreensão de que os protestos se deflagraram com mais intensidade no mês de junho, movida por uma grande parcela da juventude e outros participantes. As mobilizações se consolidaram quanto a demanda única - a defesa do transporte público e, posteriormente, com o surgimento de uma pluralidade de demandas relacionadas aos contextos econômicos, políticos e sociais.

Compreendemos que as articulações dos protestos proporcionaram dias que mudaram com a rotina da população, no que diz respeito às intervenções que ocorreram em algumas ruas, avenidas e praças das principais cidades do país, além dos noticiários que circularam e contribuíram para as discussões de várias pessoas, no que concerne ao que estava acontecendo. Essas atividades foram diferentes dos acontecimentos corriqueiros envolvendo o cenário político, por isso, também, conseguiu atrair atenção de parte da sociedade se posicionando ou levantando questionamentos.

Versamos adiante sobre o desdobramento dos protestos, a partir de três grupos: MPL, Black Block e Mídia Ninja. Entre os protestos que se estenderam, principalmente no mês de junho, sobressaíram diversas pautas; todavia, entendemos que esses três grupos estiveram presentes em várias mobilizações e apresentaram suas intervenções, em tempo real. Ao iniciar o capítulo, sobre os principais grupos, discutimos as trajetórias e ações do grupo denominado de MPL, que reivindicou a favor do transporte público e incitaram o surgimento de outras reivindicações, como as demandas em prol da ética na política, das políticas públicas e contra os gastos da Copa do Mundo. Posteriormente, adentramos sobre o grupo Black Bloc e o seu posicionamento contra as regras capitalistas. Ao final da seção, discorreremos sobre o grupo Mídia Ninja que se destacou junto às manifestações ocorridas em 2013, a partir de iniciativas voltadas para a promoção de um jornalismo independente, sem interferências das mídias tradicionais.

Scherer-Warren (2014) explica bem a pluralidade dos protestos oriundos pela conectividade em redes sociais, que iniciaram como o MPL, mas abriram espaços a outros grupos. A autora revela também que os movimentos atuais foram favorecidos pela conectividade em suas articulações, mas ressalva a importância dos encontros nos espaços públicos para fortalecer os movimentos. Nesse sentido, descreve a importância das relações

nas redes sociais para a prosperidade nos protestos ocorridos em 2013. Afirma que “as redes virtuais divulgam, convocam e expressam posicionamentos, mas quase nunca possibilitam o aprofundamento do debate político, ainda que, em algumas situações, é no interior de sub-redes que interagem com outras sub-redes que mensagens conflitivas aquecem o debate” (SCHERER-WARREN, 2014, p. 420).

As considerações desta autora foram essenciais para entendermos que os protestos de 2013 foram deflagradas e intensificadas pela contribuição das redes sociais e que os meios de comunicações foram importantes ao mostrarem publicamente o que acontecia. A conectividade facilitou para que as demandas plurais fossem divulgadas ao público, tornando-as conhecidas pelos representantes políticos. Por este motivo, as autoridades - representantes do executivo, legislativo e judiciário - de algumas localidades país abriram o espaço para o diálogo e para a negociação entre alguns participantes dos protestos.

A exemplo das interações das redes sociais e dos grupos nos protestos, citamos o MPL, em São Paulo, que negociaram com o prefeito da cidade, Fernando Haddad (PT), no dia 18 de junho de 2013<sup>21</sup> (REPORTAGEM I), para buscar melhores alternativas para o impasse colocados pelos integrantes do MPL, em relação ao aumento dos preços das passagens.

Verificamos que parte da sociedade, diretamente ou não, tiveram suas atenções direcionadas aos acontecimentos transcorridos no ano de 2013, em razão dos noticiários e de postagens pelas redes sociais. Desse modo, podemos referenciar que esse período passou a ser um marco na história da política brasileira e que hoje constitui entre umas das memórias recentes dos movimentos coletivos ocorridos no Brasil. Nesse sentido, o MPL através de suas mobilizações foi determinante para o desdobramento desse momento histórico e também se destacou momentos que antecederam o ano em estudo, sobre sua trajetória, descrevemos adiante.

## **2.1 A trajetória do MPL antes dos protestos de 2013**

Ao observarmos as principais atribuições no que diz respeito ao MPL e a sua postura nas manifestações de 2013, entendemos o quanto é importante compreender a historicidade desse grupo que marcou presença nos protestos de ruas e em outros momentos da história de movimentos coletivos, a favor do transporte público. Como dissemos, esse grupo com suas

---

<sup>21</sup> Disponível em: <[www.valor.com.br/.../sp-haddad-chama-manifestantes-para-negociacao-na-terca-feira](http://www.valor.com.br/.../sp-haddad-chama-manifestantes-para-negociacao-na-terca-feira)>. Acesso em: 20 mar. 2018.

práticas de contestação, fortaleceram-se e passaram a se destacar de forma independente de partidos ou de qualquer outro tipo de instituição.

Suas primeiras interferências no campo da política, em nível de território nacional, aconteceram há mais de uma década e seus atos reivindicatórios se tornaram reconhecidos como uma ação coletiva que defendeu o transporte público. Os protestos contra os preços das passagens se transformaram um legado na história das relações entre a juventude e intervenções na política. Os dois principais acontecimentos sobre a atuação do grupo foram nas cidades de Salvador e de Florianópolis (descritos adiante), que se tornaram conhecidas em razão da mídia e da sociedade, especialmente por ter apresentado uma classe jovem nas frentes das decisões.

As primeiras mobilizações em defesa do transporte público ocorreram nos anos de 2003 e 2005, nas cidades de Salvador e Florianópolis, respectivamente. Os manifestantes entenderam que os atos de protestos eram a melhor forma de mostrar as necessidades e propor mudanças nas políticas públicas. “A Revolta do Buzu estabelecia na prática, nas ruas um afastamento de modelos hierarquizados; expunha outra maneira, ainda que embrionária, de organização” (ROLNIK, 2014, p. 12).

Os acontecimentos da capital baiana, onde integrantes apropriaram das carências das mobilidades urbanas existentes a época, no de 2003, começaram com protestos, também em defesa do transporte público, buscando estabelecer posturas defendidas na democracia, que é o ato de se manifestar. A partir desse princípio, de que os movimentos contribuem à sociedade buscar por mais igualdade, Buzzeto (2013) explica que “Elegeram como principal bandeira de luta o passe livre, e perceberam que o caminho que poderia levar as massas a compreender de maneira mais concreta tal reivindicação era a mobilização contra o aumento da tarifa, principalmente dos ônibus, mas também dos trens e metrô” (BUZZETO, 2013, p. 134).

Uma das articulações mais conhecidas antes da consolidação do MPL, que lutava a favor de mudanças no transporte público, foram às manifestações da “A Revolta do Buzu”, no ano de 2003, conforme mencionamos, ocorrida na capital baiana. De acordo com Rolnik (2014), há estimativas que essas mobilizações conseguiram reunir até 40 mil pessoas e que as práticas organizacionais entre os integrantes eram desorganizadas, as suas reuniões aconteciam nas ruas, de maneira descentralizada.

A autora informa que foram encontrados poucos registros sobre os acontecimentos deste grupo, mas explica que, mesmo não apresentando uma estrutura sólida, a Revolta de Buzu que defendia o transporte público registraram alguns de seus acontecimentos em

páginas de redes sociais, passando a ser conhecidos como Mídia Independente. Acrescenta que esse grupo se fortaleceu quando começou atuar, novamente, em defesa do transporte público, na cidade de Florianópolis. Um dos fatos de destaque deste grupo foi quando os integrantes, em ações de protestos, posicionaram-se em alguns terminais dos ônibus e em outros espaços para bloquear a ponte que dá acesso à ilha, impedindo o fluxo das linhas de ônibus.

Outro episódio marcante deste movimento foi quando os manifestantes ocuparam as principais ruas da capital catarinense por dias, para demonstrar seus descontentamentos em relação aos aumentos constantes dos transportes urbanos. Os protestos fizeram os representantes políticos cancelarem os aumentos nos preços das passagens. A este respeito, Rolnik (2014) relata que,

A perspectiva aberta por esse curto processo de lutas que alcançou a vitória na capital catarinense deu origem ao movimento: uma tentativa de formular o sentido presente naquelas revoltas, a experiência acumulada pelo processo popular, tanto em sua forma com em suas motivações (ROLNIK, 2014, p. 13).

Estas intervenções coletivas contra o aumento dos preços das passagens no transporte público em Salvador e Florianópolis foram suficientes para que, em 2005, o assunto fosse mencionado no Fórum Mundial. Sobre a oficialização do grupo, Gohn (2016) complementa a informação dizendo que “O MPL foi oficialmente criado em 2005 em Porto Alegre, durante o FSM (Fórum Social Mundial), mas ele tem suas origens nas manifestações que ocorreram em Salvador em 2003 (conhecida por Revolta do Buzu), em Florianópolis em 2004 (Revolta da Catraca)” (GOHN, 2016, p. 135).

Essa discussão contribui para a estruturação de uma base sólida para a formação ao MPL e para que as mobilizações ganhassem popularidade em outras localidades do Brasil. Sobre isso,

A mesma experiência, em que a população se apodera de forma parcial mas direta da organização do transporte- e, com ela, de uma dimensão fundamental da vida urbana- se repetiu nas revoltas de Vitória (2006), Teresina (2011), Aracaju e Natal (2012), Porto Alegre e Goiânia (início de 2013) (ROLNIK, 2014, p. 14).

A trajetória de concretização do MPL foi longa, consistente e recebeu contribuição de muitos integrantes, oriundos de muitas cidades. Os sujeitos que foram às ruas puderam construir suas próprias histórias, a partir da defesa do transporte público.

Queiroz (2017) ao pesquisar sobre a *Frente de Luta pelo Transporte*, observando as manifestações de rua em Goiânia, ocorridas em 2013, faz uma observação sobre os grupos que defenderam o transporte da capital goiana, antes da deflagração dos protestos ao destacar que “No blog do movimento Tarifa Zero Goiânia os ativistas informam que o MPL existiu na cidade de Goiânia no período de 2005 a 2006, porém dispersou-se. O coletivo Tarifa Zero Goiânia passou, então, a integrar o MPL Nacional” (QUEIROZ, 2017, p. 21).

Scherer-Warren (2014) atribui ao MPL o motivo deflagrador dos protestos, a defesa do transporte público, em 2013, e que as mobilizações, principalmente via redes sociais, foram importantes para chamamento do público às ruas, ao mesmo tempo, concedeu espaços para que outros grupos levantassem suas bandeiras, por outras demandas. Posto isto, apropriaremos na seção a seguir a trajetória do MPL nas manifestações de 2013.

Conforme mencionamos anteriormente, a trajetória do MPL foi longa e consistente, visto que, buscaram se fortalecer durante anos e demonstraram através de suas reivindicações que seria necessários mudanças nas políticas públicas que favoreçam aos meios de locomoção, principalmente para conseguirem um preço mais acessível e com qualidade. Por este motivo, voltaram às ruas em 2013. Quando se posicionaram nos protestos, fortaleceram-se com suas propostas discutidas e publicadas em um regimento do grupo - Carta de Princípios. Sobre suas ações e princípios discutiremos na seção seguinte.

### ***2.1.1 MPL: suas ações e princípios***

Sobre o grupo do MPL, entendemos que tudo começou quando pequenos grupos anunciaram sua rejeição ao aumento nos preços das passagens dos transportes públicos, ocorrido nos primeiros meses do ano de 2013. Essas manifestações se alastraram no decorrer de outros meses e se ampliaram em várias outras cidades, além da de Porto Alegre (RS), que se destacou entre os locais que as primeiras mobilizações aconteceram em prol da defesa do transporte público. Scheren-Warren (2014) descreve os primeiros movimentos que promoveram ações contra o preço das passagens, quando diz que

[...] o início das manifestações no Brasil, indicam esse início numa nova temporada de reivindicações do MPL a partir de fevereiro de 2013, quando,

em Porto Alegre, o Bloco de Luta por um Transporte Público reuniu cerca de 200 pessoas, contra o novo aumento do preço da passagem, a qual, assim mesmo, aumentou uma semana após (SCHEREN-WARREN, 2014, p. 418, destaque da autora).

Conforme mencionamos antes, os primeiros registros de protestos a favor do transporte público aconteceram na cidade de Porto Alegre e, depois, em São Paulo e Rio de Janeiro. Através da interação dos grupos que defendiam o transporte público, via redes sociais, as mobilizações ganharam popularidade e se espalharam entre as capitais do país e entre outras cidades pólos regionais, especialmente no mês de junho de 2013, quando houve um grande número de manifestações no país.

Com o objetivo de promover o Encontro Nacional do Movimento Passe Livre (ENMPL), manifestantes a favor do transporte em Florianópolis foram os principais articuladores da plenária, em 2005, no V Fórum Social Mundial, em Porto Alegre, inspirados nos acontecimentos dos protestos conhecidos como a Revolta do Buzu e a Revolta da Catraca, que promoveram articulações em defesa da consolidação do MPL. De acordo com a pesquisa de Spina (2016), a coalizão para a criação do movimento apresentou dificuldades, porque nem todos ativistas da plenária tinham opiniões em comum acordo. Acrescenta que “Enquanto a maioria queria aprovar um texto apenas afirmativo da independência e autonomia do movimento, uma minoria solicitava que além destes princípios era necessário demarcar a independência específica em relação a algumas organizações atreladas ao governo federal, como a UNE” (SPINA, 2016, p. 53).

Por fim, o autor descreve que o desacordo entre os integrantes em defesa do transporte público que levou a um paradoxo, que se resumiu da seguinte maneira: “Ou se abria mão do consenso e se votava a discordância ou se aprovava por consenso e não considerava a discordância. A segunda opção foi escolhida, seguida pela saída da plenária de uma minoria que defendia a votação” (SPINA, 2016, p. 53).

Essa condição permitiu que o grupo do MPL pudesse organizar os seus protestos. A carta “[...] foi redigida e aprovada na Plenária Nacional pelo Passe Livre, no V Fórum Social Mundial, em 28 de janeiro de 2005; alterada no III Encontro Nacional do Movimento Passe Livre, no dia 30 de julho de 2007; alterada por consenso no IV ENMPL<sup>22</sup> (REPORTAGEM Q), em 2013”. Esta, também, disponível na página inicial oficial do *facebook*, do MPL.

---

<sup>22</sup> Encontro Nacional Movimento Passe Livre. Disponível em: <[www.forumjustica.com.br/wp.../carta-de-princípios-do-movimento-passe-livre.pdf](http://www.forumjustica.com.br/wp.../carta-de-princípios-do-movimento-passe-livre.pdf)>. Acesso em: 28 mar. 2018.

Desse modo, após ter promovido acordo para a consolidação do grupo, a plenária colocou como definido uma data nacional para comemorar o dia nacional pelo Passe Livre - 26 de outubro - pois nessa data havia uma história de conquistas, em relação o Passe Livre, em Florianópolis. A partir do consenso sobre a criação do grupo em plenária, os integrantes passaram a articular experiências, considerando um movimento nacional de luta pelo Passe Livre, conhecido como MPL. Sobre, Spina (2016) afirma que “[...] os coletivos locais decidem fazer parte voluntariamente da organicidade nacional do movimento, com encontros periódicos, reuniões virtuais e listas de discussões sem uma hierarquia formal” (SPINA, 2016, p. 54).

Após essa longa história de articulação e consolidação, os integrantes do MPL, ao se posicionar nas ruas a favor da defesa do transporte público, entenderam que deveriam se fortalecer enquanto um grupo de pessoas, com objetivos em comum; por este motivo buscaram constituir e se fortalecer a partir de um regimento denominado como Carta de Princípios, no intento de mostrar uma singularidade entre seus ideais e suas posturas nos protestos. Analisando as páginas nas redes sociais deste grupo, como a página oficial do facebook, verificamos que alguns membros do MPL colocaram em público os principais alicerces teóricos do grupo, descritos a seguir, como regras estabelecidas na Carta de Princípios<sup>23</sup> (REPORTAGEM P).

A Carta de Princípios apresenta os principais propósitos do grupo em relação a sua oficialização de um movimento no contexto nacional, a partir da proposta discutida e publicada. Isso demonstrou que os integrantes buscaram manter sua integridade dentro das normas estruturais, de deveres e de direitos que precisam ser cumpridos para manter a sua estrutura.

A Carta de Princípios (REPORTAGEM E) - normas que caracterizam e respaldam os integrantes que defendem o MPL - apresenta os requisitos básicos para a sua consolidação, como um movimento horizontal, autônomo, independente, não somente de partidos políticos, mas também de ONGs, e apartidário, mas não antipartidário. Acrescentamos, ainda, que o MPL deixa claro no regulamento que para defender o transporte público seria necessário à liberdade de manifestações. Declarou-se, também, contra qualquer tipo de repressão e criminalização dos movimentos.

---

<sup>23</sup> A Carta de Princípios é um documento criado pela organização do MPL para estabelecer/publicar os principais regulamentos a serem cumpridos pelos coletivos federados nacionalmente. Disponível em: <<https://saopaulo.mpl.org.br/apresentacao/carta-de-principios/>>. Acesso em: 30 de mar. 2018.

Uma de suas características a serem cumpridas pelo MPL está ligada a manter um equilíbrio, no sentido de não ter desavenças entre os integrantes. Mantendo um espírito de coletividade entre os participantes do MPL, não somente entre os acontecimentos de cada cidade, mas em nível de território nacional. A Carta de Princípios estabelece como regra que “O MPL se constitui através de um pacto federativo, isto é, uma aliança em que as partes se obrigam recíproca e igualmente e na qual os movimentos nas cidades mantêm a sua autonomia diante do movimento em nível federal [...]” (REPORTAGEM N). Informações mais detalhadas estão disponíveis no site intitulado “Movimento Passe livre”<sup>24</sup>.

Apresentaremos a seguir a trajetória para a consolidação e formação do MPL, enquanto um grupo reconhecido em território nacional e que deixou sua história nos protestos de 2013 com a sua principal defesa - o transporte público. Colocamos em evidência que a classe juvenil foi fundamental nas articulações dos protestos e na consolidação do grupo, promovendo vários momentos históricos nos primeiros anos, do século XXI, que abordamos adiante.

### ***2.1.2 A trajetória do MPL nos protestos de 2013: será que foram apenas por vinte centavos?***

O MPL foi o grupo que marcou sua presença nos protestos de ruas, em defesa do transporte público. Procuramos compreender suas ações a partir da concepção de Gohn (2014), que colabora ao dizer que no ano de 2013 as manifestações tiveram presença marcante desse grupo nas mobilizações. Acrescenta que os protestos iniciados foram determinantes para fortalecer as manifestações e ao aparecimento de demandas plurais, atribuindo as manifestações como momentos de cidadania, em defesa dos direitos e levantando questionamentos à democracia. Nesse sentido, enfatiza que “As mobilizações adquiriram, nesses eventos, um caráter de movimento de massa, de protesto, de revolta coletiva [...]” (GOHN, 2014, p. 431).

De acordo com a Concepção de Gohn (2015), um episódio que marca a potencialidade desse grupo nos protestos ocorreu no dia 06 de junho, na cidade de São Paulo, quando o reajuste dos transportes públicos (trem, metrô e ônibus) começaram a ser inflacionados desde o início do mês. Os manifestantes iniciaram uma onda de protestos para se contrapuserem ao aumento de 20 centavos, que havia sido aprovado pelos governantes. Ao aprofundar sobre a

---

<sup>24</sup> Disponível em: <[www.forumjustica.com.br/wp.../carta-de-principios-do-movimento-passe-livre](http://www.forumjustica.com.br/wp.../carta-de-principios-do-movimento-passe-livre)>. Acesso em: 2 abr. 2018.

inquietação do MPL, em relação aos protestos a favor de mudanças nos contextos referentes ao transporte público, entendemos que suas incitações foram além dos 20 centavos. Embora este tenha sido o motivo principal e deflagrador dos protestos que iniciaram na capital paulista, percebemos que em outras capitais os aumentos foram questionados junto a outros motivos relacionados à mobilidade urbana.

Segundo Yamamoto (2016), em sua análise sobre o MPL, na cidade de São Paulo, os manifestantes entenderam que a revogação seria algo necessário, pois o preço das passagens dos transportes públicos passaria de R\$3 para R\$3,20. Desse modo, acresce que o MPL, na grande São Paulo, passou a ter uma visibilidade nacional, por serem noticiários entre as mídias ou pela conectividade dos integrantes nas redes sociais, em relação de promover uma inquietação social aos aumentos abusivos nos transportes públicos e o não cumprimento com as políticas públicas no país. Sobre esse contexto, a autora Yamamoto (2016) sintetiza que “A constituição do MPL remota a 2003 e, desde o início, sua bandeira é a mesma: transporte público gratuito a todos. Eles entendem que a mobilidade, principalmente nos grandes centros, é um direito” (YAMAMOTO, 2016, p. 67).

Queiroz (2017) percebeu que a defesa do transporte público levou uma multidão de pessoas às ruas para protestar em várias ocasiões, inicialmente contra o aumento das tarifas e, depois, a favor das melhorias na qualidade do transporte público.

[...] as manifestações espontâneas não previstas pelos estudantes que começaram a ocorrer em vários terminais de Goiânia, em revolta contra atrasos de ônibus e superlotação. No espaço de dois meses de 2013 – maio e junho – ocorreram 30 protestos espontâneos não previstos pelos ativistas, um a cada dois dias (QUIEROZ, 2017, p. 124-125).

Por este excerto, podemos inferir que as manifestações ocorridas em São Paulo e no Rio de Janeiro, no que concerne aos aumentos das passagens, firmaram-se como um motivo deflagrador de tantos outros episódios de protestos Brasil afora. Ressaltamos que em outras localidades sobressaíram protestos que foram além dos preços das passagens, variando discursos entre as péssimas qualidades dos transportes, os congestionamentos, a falta de segurança, etc. Podemos concluir que foi um conjunto de indignações que colocaram nas ruas uma multidão de pessoas a protestar, ocasionadas por um descontentamento social.

Queiroz (2017) ao relatar os acontecimentos das mobilizações organizados pelos integrantes do MPL, predominantemente pela juventude, assegura que os resultados das negociações entre o MPL e o representante municipal do transporte metropolitano de Goiânia

foram relevantes no sentido de ter ocorrido a revogação do preço nas passagens dos transportes públicos. O preço do coletivo que passaria a ser \$3,00 foi revogado, voltando a ser \$2,70. Além deste, outros direitos foram conquistados, por exemplo, o pagamento de uma tarifa de uma passagem passou a dar ao usuário um prazo de duas horas e meia e a permitir o intercâmbio de mudar de linhas de ônibus, nos eixos urbanos. Sobre a legitimidade da conquista do MPL, Queiroz (2017, p. 124) esclarece que

No dia 10 de junho de 2013 o juiz Fernando de Mello Xavier, da 1º Vara da Pública Estadual de Goiânia, determinou a suspensão imediata da cobrança do valor de R\$ 3,00 da tarifa do transporte coletivo da Região Metropolitana de Goiânia, o que ocorreu no dia 12 de junho de 2013.

Embora as incitações dos integrantes na hora de reivindicarem usarem o jargão “20 centavos”, é necessário entender que a defesa do transporte público foi além do reajuste. Os protestos significaram uma exaustão em relação aos descasos dos transportes públicos, tanto aos preços, quanto a qualidade. Dentro dessa lógica, outras insatisfações vieram à tona, por exemplo: a superlotação nos horários de pico, melhorias nos veículos e passe livre para os estudantes. Scherer-Warren (2014) ao estudar os acontecimentos nos protestos de 2013, afirma que,

Suas pautas não se reduzem ao preço da passagem dos ônibus, ainda que essa tem sido uma estratégia política relevante. Esse movimento tem se referido mais amplamente aos direitos do cidadão no que diz respeito à mobilidade urbana de uma forma geral, a qual deveria ser considerada como um direito fundamental (SCHERER-WARREN, 2014, p. 418).

Percebemos que outras demandas apareceram nos protestos de 2013. Os atos de protestos, principalmente os que emergiram na segunda metade do mês de junho, proporcionaram visibilidade não somente as pautas vinculadas aos transportes públicos, como afirma Gohn (2014) “O crescimento das manifestações levou à ampliação das demandas com um foco central: a má qualidade dos serviços públicos, especialmente transportes, saúde, educação e segurança pública” (GOHN, 2014, p. 431). Assim como a autora, entendemos que as manifestações começaram com a iniciativa do MPL e, depois, surgiram outros grupos de pessoas, que aos poucos formaram outros subgrupos que apresentaram outros interesses, vinculadas as questões econômicas, sociais e culturais. Assim, surgiram outras bandeiras reivindicatórias em defesa de moradia, saúde, educação, empregos, liberdade na orientação

sexual (como exemplo o movimento LGBT<sup>25</sup>) e outras. Sobre essas ramificações nos cenários dos protestos de 2013, adentramos na seguinte seção.

### ***2.1.3 O cenário do MPL abre espaços para novos espetáculos: as demandas plurais***

Esse grupo, ao se posicionar nos protestos que ocorreram nas manifestações de 2013, trouxe como argumentação precípua a defesa do transporte público, sobre o viés as mudanças nos preços das passagens, que deveriam ser mais acessíveis. Seguidamente surgiram outras pautas, que reivindicavam por melhorias. Sobre esse contexto, Spina (2016, p. 20) conta que “[...] o MPL foi o movimento iniciador que identificou brechas e disparou a mobilização, mas foi ultrapassado por movimentos derivados que não tinham laços fortes com ele [...]”.

Entendemos que as manifestações foram espaços em que parte da sociedade pode demonstrar suas inquietações, que inicialmente seria contra os aumentos constantes nos preços das passagens dos transportes públicos e que, conseqüentemente, arrolaram outras demandas sociais. Buzetto (2013) explica esse contexto a partir de um descontentamento social de parte da população, identificando que no processo dos aumentos nos preços das passagens há uma cumplicidade, entre o público (Estado) e o privado (grandes empresários), atrelados aos benefícios próprios, isto é, “Os prefeitos e empresários, sempre com a conivência e cumplicidade da mídia, do poder judiciário e do poder legislativo decidem, já no começo de 2013 – e tais decisões vão se repetindo em vários municípios até junho” (BUZETTO, 2013, p. 134).

O MPL foi, sem dúvidas, um dos principais protagonistas dos protestos de ruas no questionamento e descontentamento com o contexto político e econômico que o país estava passando, uma vez que, os manifestantes entendiam que o aumento dos preços nas passagens resultaria em aperto financeiro no final do mês. Nesse contexto, afirma Fleury (2015) que “os movimentos sociais são formados por indivíduos interessados em apresentar alternativas para a mudança e melhoria da sociedade, a partir do surgimento de protestos e manifestações, [...]” (FLEURY, 2015, p. 12).

A autora Yamamoto (2016) argumenta que as reivindicações que incidiram a partir do MPL foram significativas, por existir um descompasso entre a conjuntura econômica e social, reflexos das desigualdades sociais, bem visíveis na sociedade. Faz uso das opiniões da

---

<sup>25</sup> Movimento em defesa dos direitos das comunidades de lésbicas, gays, bissexuais e transgêneros. Disponível em: <<http://g1.globo.com/politica/noticia/2013/05/militantes-do-movimento-gay-comemoram-decisao-do-cnj.html>>. Acesso 10 abr. 2018.

urbanista Ermínia Maricato e pontua que as cidades são locais de reprodução do trabalho de forma desigual, acarretando as desigualdades sociais, relatando tempos de precariedade, entre uma grande parcela da população.

Outra insatisfação social, dos manifestantes, foi o discurso relacionado a não aceitação do evento Copa das Confederações<sup>26</sup>, ocorridas no país em 2013, que também desencadeou insatisfações de muitos grupos presentes nas ruas, que alegavam que os eventos com os altos preços não eram direcionados aos brasileiros e, sim, as camadas sociais mais privilegiadas economicamente. Argumentavam que os gastos que o país estava direcionando ao evento poderiam ser revertidos em recursos para a sociedade. Yamamoto (2016) aclara que “[...]esse movimento social contemporâneo, horizontal e de bandeira única foi o estopim para manifestação de uma indignação generalizada” (YAMAMOTO, 2016, p. 69).

Percebemos que, em geral, os autores dialogam no sentido de apropriar que é no próprio espaço urbano que surgem uma grande parcela de demandas, que buscam por soluções para algumas necessidades do cotidiano, dando sentido aos acontecimentos dos protestos dentro das circunstâncias, demonstradas pela indignação da sociedade.

Após a segunda quinzena do mês de junho, as manifestações tomaram outros rumos, os protestos não eram somente do MPL, junto a outros movimentos iniciados nas principais cidades, que trouxeram outros contextos sociais. Sobre a pluralidade das pautas nos protestos em 2013, Gohn (2014) confirma que “Com a adesão de multidões às manifestações, as demandas ampliaram se mais ainda, e o alvo passou a ser “contra tudo”, além da denúncia sobre a violência da polícia” (GOHN, 2014, p. 433).

Entendemos que o MPL marcou presença nos protestos de ruas e que promoveram movimentos em várias cidades do país. Por isso, apresentamos a seguir uma seção mais detalhada sobre a participação desse grupo, principalmente nas cidades de São Paulo e de Brasília, que se deve ao fato de que foram bastante consistentes os protestos nesses centros urbanos. A cidade de São Paulo por ter sediada inúmeros protestos e por ter contribuído para articulações em outros centros urbanos; e Brasília, por ser o centro das articulações da política brasileira, que conseguiu despertar atenções diferenciadas dos governantes e das mídias tradicionais nos desdobramentos das mobilizações. Fundamentamos a discussão numa pesquisa da autora Karina Leal Yamamoto.

---

<sup>26</sup> Realizada no Brasil, no ano de 2013, entre os dias 15 a 30 de junho. É uma competição de futebol realizada a cada quatro anos, pela Federação Internacional de Futebol (FIFA). Considerado um teste para o acontecimento da Copa do Mundo, realizada em 2014.

### ***2.1.4 Participações do MPL na grande São Paulo e na capital federal***

Para se fortalecer enquanto um grupo e mostrar seus principais objetivos em relação à defesa do transporte público, o MPL promoveu várias convocações ao público em geral, para estarem às ruas e se juntarem aos manifestantes em defesa coletiva da mobilidade urbana. Essa parte da pesquisa descreverá a participação desses sujeitos defensores do transporte público na cidade de São Paulo e na capital federal, Brasília.

Yamamoto (2016) versa sobre as articulações do MPL no mês de junho, na grande São Paulo, para descrever suas intervenções nos protestos. A autora destacou suas participações em “sete atos”, ocorridos no mês de junho. Relata que os dois primeiros momentos aconteceram nos dias 6 e 7 de junho, período que foram mais intensas, em termo de agitações e número de participantes, mas adverte que foi uma fase essencial para que o MPL se declarasse ao público em geral, inclusive à mídia, o porquê estava se posicionando nas ruas. Em seguida, esse grupo fez uma pausa para se articular, pensando em estratégias para retomar novamente às ruas.

Nos dias 12 e 13 de junho, na capital paulista, o protestos não se deram de forma pacífica, em razão dos confrontos de alguns manifestantes com os policiais militares. Explica que nos confrontos com os policiais, utilizaram o *spray* de pimenta e o gás lacrimogêneo, dentre outros tipos de artefatos da proteção policial. Ainda acrescenta que a violência foi desnecessária, em que muitos militares não estavam preparados para dialogar com os manifestantes, ao deparar com os protestos nas ruas partiram para as agressividades. Mas em relação aos manifestantes, acrescenta que mesmo sendo coagidos nas ruas, com as ações dos policiais militares e em meio a atos violentos, os grupos não intimidaram e nem desistiram de seus objetivos; pelo contrário, essas imposições fizeram com que os manifestantes se articulassem pelas redes sociais e ganhassem públicos, voltando às ruas com mais credibilidade de participantes e de parte da sociedade.

A virada da quinzena do mês de junho trouxe à tona às ruas da grande São Paulo mais evidências quanto as manifestações de ruas. Nos dias 17, 18 e 20, os protestos de ruas foram redundantes, tornando esse período como ápice dos acontecimentos. A partir dessa fase, especialmente o dia 20 de junho, os integrantes do MPL anunciaram que iam sair de cena das ruas. De acordo com a concepção da autora, o grupo propunha sair de cena não porque suas reivindicações não foram alcançadas, mas, sim, devido a pluralidade das demandas existentes nos protestos.

No dia 20 de junho, pináculo das manifestações de junho, também considerado o apogeu das manifestações, Yamamoto (2016) descreve que as situações de confrontos se estenderam também em diversas outras cidades do país, entre elas, na capital federal que teve um grande número de protestos nas proximidades do Congresso Nacional. Conta que nesta data, a mídia priorizou a cobertura com transmissões ao vivo dos acontecimentos e que o Jornal Nacional fez exibição em horários extras, às 16:00h e às 21:00h, transmitidas em tempo real.

A autora revela, ainda, que nas proximidades do Congresso Nacional os manifestantes foram impedidos de se aproximarem do Congresso Nacional. Ao sentirem coagidos pela dimensão dos protestos e pensando em impedir que os manifestantes se adentrassem aos órgãos do governo, foram criadas barreiras de isolamento, usando mais de três mil e quinhentos policiais para servirem de cordões de isolamento. Mesmo assim, com as devidas proteções, os manifestantes entenderam que deveriam enfrentar as autoridades, provocando evasões e adentrando no Congresso Nacional. Ressalta que houve muitos tumultos no sentido de quebradeiras e invasões. Mas não afirma que esses atos estão diretamente ligados ao MPL, visto que nesse período os protestos já tinham ganhado outras dimensões, de novos grupos participantes, como exemplo o Black Bloc.

Como dissemos anteriormente, no dia 20 de junho alguns integrantes do MPL anunciaram a retiradas dos protestos nas ruas, por entenderem que as manifestações tinham tomados outros rumos, não tendo o foco principal da defesa do transporte público. Yamamoto (2016) afirma que “A partir de 21 de junho, o MPL anunciou que estava saindo de cena. A situação havia saído do controle: a reivindicação inicial, a tarifa zero ou a suspensão do aumento, deu lugar a outras demandas [...]” (YAMAMOTO, 2016, p. 70).

Entendemos que a última quinzena do mês de junho de 2013, em especial o dia 20, foi um marco na história das mobilizações do MPL, no sentido de ter obtido pequenas conquistas e aberturas para as negociações com os representantes dos poderes executivos. Por outro lado, vimos que essa data também incitou o distanciamento desses grupos nas ruas, pois outras ondas de protestos começaram a ocupar os espaços urbanos, interrompendo as ações dos defensores do transporte público e dando surgimento a outras demandas; que, por vezes, os protestos aconteciam não de forma pacífica, em especial o grupo que lutava contra as ordens capitalistas, o Black Bloc. E mediante esse contexto de sair de cena, o MPL provocou opiniões distintas dos meios jornalísticos e de alguns pesquisadores. Sobre algumas argumentações a esse respeito, pontuamos a seguir.

### **2.1.5 Visões distintas sobre a organização do MPL**

Ao descrevermos sobre o MPL não estamos com a pretensão de classificá-lo como um grupo que obteve em sua trajetória resultados positivos ou negativos. Entendemos que o papel da pesquisa é mostrar as várias concepções de autores, jornais, revistas ou outros meios de informações para resgatar a historicidade desse grupo, em especial a sua participação no ano de 2013.

No decorrer das pesquisas e das leituras sobre o MPL, sobressaíram opiniões favorecidas<sup>27</sup> aos grupos que fizeram em 2013 ações coletivas de formas diferenciadas de outras manifestações existentes, principalmente nos requisitos em articular os protestos de forma autônoma, demonstrando imparcialidade em relação aos partidos políticos e sindicatos. Mas por outra vertente, houve opiniões não satisfatórias<sup>28</sup> em relação a sua consistência, que argumentavam que suas pautas não apresentavam coerências, além da falta de disciplina em manter suas regras prescritas em seu regulamento.

SECCO (2014) discorda que o MPL apresentasse a singularidade da autonomia partidária, problematiza a atuação do MPL nas ruas, em especial após esse grupo ter anunciado sua saída das ruas. Para o autor, esse grupo começou apresentar mudanças estruturais, pois, como defendia como apartidário e antipartidário, entre alguns dos seus integrantes foram identificados alguns vínculos partidários, como exemplos bandeiras de partidos políticos. Promovendo desse modo, a fragilidade dos protestos e uma queda abrupta do número de participantes.

Brito e Oliveira (2014) ao analisar os acontecimentos nas manifestações de 2013, principalmente nos últimos dias do mês de junho, diz que esse período nas ruas propagou vários movimentos embrionários de lutas sociais, especialmente em locais mais afastados dos centros, por exemplo, nos bairros e nas favelas. Fenômeno o qual dimensiona como a descentralização dos protestos. Considera essas demandas um reflexo de uma crise capitalista e/ou estrutural, no sentido de estarem ligadas as desigualdades sociais e a imposição de classes. Destacam-se, então, como as ações violentas, ocorridas nas favelas do Rio de Janeiro, influenciadas por policiais e pessoas do crime.

---

<sup>27</sup> Segundo a concepção a autora Sherer-Warren (2014), o MPL foi um movimento singular em relação aos demais, principalmente defesa de sua autonomia. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ccrh/v27n71/a12v27n71.pdf>>. Acesso em: 12 set. 2018.

<sup>28</sup> Secco (2014) questiona sobre a solidez organizacional do MPL. Disponível em <Disponível em: <[https://ayrtonbecalle.files.wordpress.com/2014/03/cidades-rebeldes-passe-livre-e-as-manifestac3a7\\_es-que-marcaram-as-ruas-do-brasil-erminia-maricato.pdf](https://ayrtonbecalle.files.wordpress.com/2014/03/cidades-rebeldes-passe-livre-e-as-manifestac3a7_es-que-marcaram-as-ruas-do-brasil-erminia-maricato.pdf)>. Acesso em: 20 set. 2018.

O MPL deixou às ruas, porém as manifestações continuaram acontecendo de forma mais isolada, nos bairros, nas praças, de acordo com as demandas apresentadas por grupos ou moradores. Desta forma, como afirmam Brito e Oliveira, em 2014 “[...] as lutas territoriais não só ampliam como ressignificam as suas perspectivas: a cidade não é só o palco de lutas, mas é também aquilo que se luta” (BRITO; OLIVEIRA, 2014, p. 64).

No contexto descrito pelos autores acima, percebemos que as demandas foram a partir do aprofundamento da qualidade de vida da sociedade brasileira, em específico a população trabalhadora. Esses movimentos passam a terem as reações contra a atuação do Estado, contra os desmandos da democracia. Conforme explica Ranciere (2014), “O contrário da democracia chamava-se então totalitarismo. A linguagem dominante denominada totalitários os Estados que, em nome da força da coletividade, negavam ao mesmo tempo os direitos dos indivíduos [...]” (RANCIERE, 2005, p. 21).

A Revista *Veja*<sup>29</sup>, publicada no dia 15 de janeiro de 2018 (REPORTAGEM F), ao relatar as manifestações lideradas pela defesa do transporte público, ocorridas em 2013, traz uma crítica em relação às propostas reivindicadas pelo MPL. O entrevistado, Mailson da Nóbrega, diz que o grupo não apresentou uma pauta coerente, principalmente ao se tratar do assunto que ficou sendo denominado de “Tarifa Zero”. De acordo com o colunista, o MPL apresentou em suas pautas de reivindicações três equívocos, que descrevemos a seguir.

O primeiro diz respeito à gratuidade no transporte coletivo (tarifa zero), pois entende a impossibilidade dessa ação – a de montar e operar um sistema de transportes - requer investimentos, e isso estava inviável aos cofres públicos. O segundo equívoco está associado à demanda apontada anteriormente, pois para o governo ofertar a tarifa zero, a população pagaria, obviamente, a gratuidade em forma de tributos, aumentando ainda mais a carga tributária do país, sobre qualquer tipo de produção e comercialização. E, por fim, o terceiro equívoco este no sentido de imaginar como as empresas deixariam de ganhar, sem ter alguma forma de subsídio do governo. Isso com certeza, para o comentarista, causaria a falência de muitas empresas privadas que estão atuando com suas prestações de serviços nas mobilidades urbanas.

Por uma visão animadora, Gohn (2014) explicou que o grupo apresentou três características marcantes, nos protestos de 2013, como: autonomia para os participantes, liberdade para posicionar aos protestos e respeito à coletividade. A autora explica que o MPL apresenta sua singularidade ao ser comparado ao um movimento, por ter se comportado de

---

<sup>29</sup> Os três equívocos do MPL. Disponível em: <<https://veja.abril.com.br/blog/mailson-da-nobrega/os-tres-equivocos-do-movimento-passe-livre/>>. Acesso em: 15 abr. 2018

forma independente e horizontal. Isso significa que foram proporcionados aos participantes o poder de decisão dentro dos espaços, designados para as reivindicações. Diz que os membros do MPL não são unânimes quanto as suas preferências de opiniões ligadas a uma base ideológica, visto que os mesmos se declararam que partiram de ensinamentos do socialismo libertário, de anarquismo ou de outras ideologias que têm como alicerce promover a liberdade dos indivíduos e a coletividade.

Queiroz (2017) pontua que o MPL além de ser um movimento autônomo, horizontal e apartidário, apresentava os predicados de articulação de transparência e resistência. Transparente, porque os próprios integrantes, ao serem entrevistados, mostraram-se bem democráticos ao pontuar que nos momentos de articulações, principalmente pelas redes sociais, tornavam públicas as reuniões, convocações, negociações ou qualquer outro assunto pertinente ao grupo. Sendo assim, todos que interessassem poderia ficar a par dos acontecimentos.

Ao desenvolver a pesquisa, encontramos opiniões que divergem quanto ao grupo. Como mencionamos antes, não estamos aqui para estabelecer conclusões sobre o MPL, mas apropriamos de convicções de que o MPL foi um movimento que soube expressar uma insatisfação social em relação ao transporte público e que suas ações serviram de motivações para que outros questionamentos sociais tornassem públicos. Ressaltamos que, embora foram mostradas em algumas pesquisas as intervenções de partidos políticos nos protestos, posicionamos a partir do entendimento de que o MPL foi um movimento autônomo em relação suas articulações. E ainda mais, contribuiu para que 2013 fosse um ano diferente, no sentido de promover o despertar da população sobre a política brasileira em relação ao descaso das políticas públicas, com a presença marcante da juventude nas articulações e reivindicações.

## 2.2 Black Bloc: origens

De acordo com Oliveira (2015), o surgimento dos primeiros manifestos do Black Bloc eram ligados a Alemanha Ocidental, atrelado ao Movimento Autonomista<sup>30</sup> do país, com pensamentos vinculadas ao marxismo, que renegavam o poder de burocracias sindicais e partidárias, aproximando-se de tendências anarquistas.

Oliveira (2015) esclarece que o nome Black Bloc foi uma expressão cunhada pela polícia da Alemanha na década de 80. Como forma de protesto, esses manifestantes começaram a empregar a força como um recurso. Os atos violentos não aconteceram somente em situações específicas, eram dirigidas, principalmente, às forças de segurança advindas do Estado e às instituições financeiras. Acrescenta que grupos oriundos da Alemanha Ocidental promoveram intervenções de ações diretas nas usinas nucleares no interior do país, no intuito de acompanhar de perto os funcionamentos destes espaços. Suas ações foram no intuito de impedirem o funcionamento, pois compreendiam que as empresas geravam retornos capitalistas e estragos ambientais. O governo da Alemanha entendeu que era preciso acabar com essas articulações, colocando policiais para exercerem o confronto com os manifestantes. Mesmo com essa intervenção, os manifestantes se organizaram e resistiram à repressão e constituíram seus espaços de autonomia, surgindo assim à junção do Black Bloc.

Oliveira (2015) explica sobre a nomeação do grupo com base no visual, que adveio, sobretudo, do uniforme utilizados por imprensa alemã “SchwarzerBlock”<sup>31</sup>, após um desfile dos manifestantes, que usavam capacetes e outros equipamentos de proteção para defender dos ataques dos policiais. Quanto a sua abrangência em relação aos adeptos para o grupo, enfatiza que após o fortalecimento dessa forma de protestos, tornaram-se globalizadas, dando origem a segmentos de mobilizações em outros países.

Por volta dos anos 90, essa forma de protesto foi visível na América, em especial nos Estados Unidos. Estes grupos estadunidenses começaram a praticar atividades iguais a do Black Bloc. Por algum tempo esses militantes ficaram no anonimato, até que um dia um grupo se organizou e promoveu manifestações contra a Organização Mundial do Comércio

---

<sup>30</sup> Autonomismo refere-se ao conjunto de teorias afins ao movimento socialista e a vários movimentos sociais e políticos de esquerda, existentes principalmente na Europa. Tem como objetivo a descentralização do poder, a autogestão. Acentuam-se suas ações pela oposição à burocracia dominante nos Estados contemporâneos, sejam capitalistas ou marxistas. Disponível em: <[http://www.heroattack.com/ex\\_ts/sims4-gratis.html?cid=uZcZnnPPgRsn2VGAO&kw=&mid=8XOAZCF0Q1sZ25eb&gid=33](http://www.heroattack.com/ex_ts/sims4-gratis.html?cid=uZcZnnPPgRsn2VGAO&kw=&mid=8XOAZCF0Q1sZ25eb&gid=33)>. Acesso em: 16 maio 2018.

<sup>31</sup> Vocabulo alemão, que traz referência como o Bloco Negro, sua composição composta por grupos e indivíduos de espectro extremista esquerdo, autônomo e de esquerda. Disponível em: <[https://de.wikipedia.org/wiki/Schwarzer\\_Block](https://de.wikipedia.org/wiki/Schwarzer_Block)>. Acesso em: 20 maio 2018.

(OMC), impondo contra as empresas multinacionais, por viver à época uma grande explosão da logomarca a nível mundial, como por exemplo o McDonald'. Oliveira (2015) sintetiza que,

Nesse momento, os Black-blocs americanos inauguraram uma dimensão de violência simbólica que marcaria profundamente a tática a partir de então. Daquele momento em diante, os Black-blocs, até então um instrumento de defesa contra a repressão policial, tornaram-se também uma forma de ataque simbólico contra os significados ocultos por trás dos símbolos do capitalismo (OLIVEIRA, 2015, p. 13).

Diante dessa percepção, a autora nos explica que os protestos baseados nas táticas do Black Bloc se espalharam por várias partes do mundo e que suas principais formas de protestos estavam vinculadas a não aceitação das normas do capitalismo e as imposições do Estado. No Brasil, alguns manifestantes colocaram em prática os protestos, porém, de início, não foram reconhecidos por essa dominação, visto que suas ações não eram tão frequentes, se comparados as suas ações ocorridas em 2013.

Scherer-Warren (2014) também entende que o grupo Black Bloc, ao se posicionar nas ruas em 2013, promoveu um movimento antiglobalização. Considerando um grupo oportunista, ao usar as mobilizações já formadas nas ruas por outras demandas e apropriar do espaço público para efetuar a violência simbólica, com enfrentamentos ao Estado e as conjunturas do capitalismo. Sintetiza que “[...] a nossa pauta são todas pautas que estão nas ruas. Esses grupos pretendem ser uma tática de ação, por meio de uma forma estética de protesto político, a fim de promover um espetáculo midiático” (SCHERER-WARREN, 2014, p. 420).

Gohn (2015) relata que esses manifestantes fazem parte de novas formas de movimentos, que acontecem a nível mundial, que são representados pela resistência, com exemplo cita o caso da Primavera Árabe. Explica que a intencionalidade desse grupo é afrontar o poder constituído e não desiste, mesmo estando no meio de situações de ameaça, como os confrontos com policiais, pois adotam a ação direta como tática de luta, promovendo uma violência performática<sup>32</sup>. Ainda explica que o que esse grupo tem em mente que os confrontos com as ordens do governo são necessários. Em relação aos fatos ocorridos em território brasileiro, nos protestos de 2013, a autora pontua que integrantes do grupo estiveram presentes escondendo os rostos, sempre fazendo uso da violência e se confrontando com os policiais.

---

<sup>32</sup> Para a autora a performance mistura elementos interativos, comunicativos e simbólicos de forma a configurar algo além dos atos de desobediência civil.

A partir das concepções de vários autores sobre a historicidade desse grupo, denominado de Black Bloc, pontuamos que essa forma de protestos marcou história e que esses manifestantes não foram às ruas simplesmente para se posicionar enquanto sujeitos violentos. Entendemos que, entremeio as suas ações, existe uma aversão aos sistemas democráticos e ao Estado, visto que essas duas vertentes, de certa forma, são responsáveis pelas desigualdades existentes entre a sociedade, uma vez que a democracia é mostrada por duas vertentes – vitoriosa e criminosa, conforme explica o autor “democracia longe de ser a forma de vida dos indivíduos empenhados em sua felicidade privada, é o processo de luta contra essa privatização” (RANCIERE, 2014, p. 72).

Concluimos que as manifestações de 2013 foi mesclada de sujeitos que reivindicaram variadas demandas. Em relação ao Black Bloc, percebemos que apresentou um movimento peculiar, principalmente em relação suas vestimentas e suas ações específicas (destruição de patrimônios públicos e privados como forma de protesto) marcando presença em algumas cidades do Brasil, especificamente após meados do mês de junho. Ao se posicionar nos espaços públicos, foram percebidos pelas mídias tradicionais que executam seus trabalhos de reportagens e captados pelas filmagens de outros participantes, como é o caso do grupo da Mídia Ninja que abordamos posteriormente.

### ***2.2.1 Black Bloc: um destaque por traz das máscaras***

Nesta seção apontamos as ações do Black Bloc. Yamamoto (2016) ao levantar um histórico do mês de junho de 2013, em relação aos grupos presentes nos protestos, descobre que o grupo começou sua tática por volta do dia 18 de junho e se destacaram nas ruas pelos atos de rebeldia. Em relação a forma de protestar, a autora nos adverte que esse grupo apresentou nas mobilizações uma maneira diferente, como exemplo podemos citar a uniformização dos integrantes, que geralmente se destacaram com roupas escuras e seus rostos cobertos, diferentes de outros manifestantes que não usaram um processo de padronização de roupas.

Conforme a autora, os integrantes, supostamente, entraram em cena por ter percebido que as manifestações eram um lugar ideal para mostrarem sua tática e ação. Desse modo, demonstraram como característica marcante o ataque direto ao capitalismo que tinham como determinação atingir espaços públicos vinculados aos governos e espaços privados ligados as corporações financeiras. Essa forma de protesto, vinda dos integrantes do Black Bloc, tinha

como finalidade se posicionarem contra as regras do sistema capitalista e da globalização, condições impostas por várias localidades do mundo.

Gohn (2015) assegura que esse grupo ao se posicionar nas ruas deram novos rumos às manifestações, no sentido de demonstrar a desordem que resumiu em depredações e outras articulações de imposições ao Estado, que por hora refletiu no estreitamento do número de manifestantes nas ruas. A autora enfatiza, ainda, que no decorrer dos protestos, através das postagens das redes sociais e dos meios de comunicações, foram percebidos que os cenários dos espaços públicos passaram por mudanças que demonstraram uma instabilidade nas mobilizações e cenas de violência tornaram comuns, em relação a destruição e quebraadeiras de prédios públicos e empresas privadas.

Fleury (2015) pontua sobre a relação do Black Bloc nas manifestações contra os “Atos Contra a Copa”, que, segundo a autora, foi o principal motivo incentivador desse grupo nas ruas. Suas táticas ligadas às destruições como uma forma de protestos os conduziram a um pré-julgamento, que, por sinal, foram mal vistos pela sociedade e pela mídia. Mesmo tendo esse obstáculo, no que se refere a não aceitação pela sociedade e por grande parte da mídia, os protestos tomaram dimensões sempre demonstrando suas táticas ao manter suas imposições ideológicas às normas impregnadas do capitalismo.

Com base nas autoras, que fundamentaram as nossas discussões anteriormente sobre os Black bloc, articulamos reflexões para explicar o que é o Black Bloc e os posicionamentos que manteve nos protestos de 2013. Gohn (2014; 2015) assegura que o Black bloc que esteve presente nas manifestações em 2013 são considerados como os novíssimos movimentos sociais, que apresentam suas ações nas praças, ruas e avenidas. Suas raízes ideológicas estão atreladas aos movimentos ocorridos na Europa, após a década 1980. Reforça a ideia de que para muitos, esses participantes são aliados as regras anarquistas e suas formas de movimentos representam a resistência ao Estado.

Fleury (2015) traz uma outra concepção, visto que não considera o Black Bloc como um movimento consolidado ou mesmo um grupo, mas, sim, uma tática utilizada ocasionalmente, que praticam suas ações em meio a outros protestos. Scheren-Warren (2014) compartilha da mesma posição, ao dizer que nas manifestações ocorridas em 2013 esse grupo quis mostrar suas ações nos protestos de ruas, embora tenha como tradição exercer um movimento antiglobalização, não demonstraram uma pauta explícita resultando somente em um espetáculo midiático.

Oliveira (2015) complementa que o Black Bloc atuou em 2013 em algumas cidades brasileiras e que suas ações é uma performance de ataque simbólico, em que os integrantes querem mostrar ao público que o Estado e a propriedade privada não são sagrados. Afirma que não é considerado como um movimento consolidado, ou seja, suas ações atuais acontecem esporadicamente, embora suas origens estejam ligadas aos movimentos sociais ocorridos entre muitos episódios na Europa.

Em relação as suas ações nos protestos de 2013, no Brasil, tivemos a concepção que esse grupo apresentou atitudes diferentes quanto ao modo de agir, não deixando de serem sujeitos questionadores das realidades estabelecidas pelo Estado ou pela lógica do capitalismo. Tivemos como entendimento que houve sobre esse grupo vários questionamentos pelos políticos, pela mídia e por grande parte da sociedade brasileira, principalmente abordando como baderneiros. Acreditamos que faltaram diálogos entre os manifestantes que não quiseram se identificar e as autoridades e o distanciamento de ambas as partes dificultaram os reconhecimentos do grupo como um movimento. Mas ressaltamos que por mais que seus atos de violências foram reconhecidos como um grupo não estruturado, esses sujeitos marcaram momentos e fizeram histórias.

### ***2.2.2 Referencial jornalístico sobre o Black Bloc***

Façamos uma reflexão acerca da origem ideológica desse grupo que estiveram presentes nas ruas das principais cidades do Brasil, em especial na capital paulista a partir das informações jornalísticas, entre elas: a Folha do Estado de São Paulo, a Folha UOL, o Globo News e a Conexão Repórter, que nos apresentam pontos de vistas diferenciados em relação ao Black Bloc.

Em relação às ações do grupo que estiveram nas ruas, entremeio a outros manifestantes, buscamos informações em jornais e vídeos para descrever com mais clareza como esses integrantes participaram dos protestos em 2013. Conforme explica Gohn (2015, p. 56), “A presença do Black Bloc mudou as cenas nos protestos e manifestação no Brasil. À mídia partiu para a criminalização: vândalos, mascarados e outros adjetivos passaram a nominá-los”. Optamos por analisá-lo para verificar se alguns dos posicionamentos das mídias tradicionais do Brasil.

Em 2001, na Avenida Paulista, houve uma destruição da loja McDonald's, mas, à época, a imprensa brasileira não fez referencia ao termo Black Bloc. Eram chamados de

“bloco de preto”, intitulado-os como os manifestantes que existem em Quebec<sup>33</sup>. Em uma reportagem da Folha de São Paulo, de 21 de abril de 2001, relata o meio jornalístico “De<sup>34</sup> quem é a rua? A rua é nossa”, gritavam os jovens vestidos de preto enquanto perseguiram um policial que foi parar, por engano, no meio da marcha dos ativistas contra a globalização”.

De acordo com as informações da Folha do Estado de São Paulo<sup>35</sup> (REPORTAGEM R), publicada em 04 de agosto de 2013, os protestos nas ruas, em algumas localidades do país, foram interferidos pelo Black Bloc. Os posicionamentos ideológicos do grupo foram inspirados em outros acontecimentos, a nível internacional, por exemplo, em países como a Grécia, Turquia e, principalmente, os Estados Unidos, fundamentados nos primeiros acontecimentos na Alemanha, na década de 1980.

O jornal *on-line*, citado anteriormente, posiciona que a atuação desses sujeitos no Brasil apossou das ruas, especialmente no final de junho e em outras datas subsequentes. E através da mídia, esses integrantes passaram a ser reconhecidos como Black Bloc. O grupo demonstrou sua individualidade, tanto nas expressões corporais, quanto ao uso de roupas pretas, rostos cobertos e uso de capuz. Suas ações, resumidamente, articularam-se com atitudes de destruições de patrimônio público e privado, com o intuito de atacar as regras impostas do capitalismo e as normas do Estado.

A Folha do Estado de São Paulo (REPORTAGEM A) faz uma narrativa de que as ações executadas por esses manifestantes denominados de Black Bloc apresentaram uma ideologia ligada ao anarquismo. E completa sua descrição ao enfatizar que a ideologia Black Bloc se baseia no questionamento ao cerne do capitalismo, culpando-o como o causador das desigualdades sociais. Uma forma de compensar seria intervir com suas ações nas destruições dos conglomerados financeiros<sup>36</sup>.

Fundamentados nas pesquisas dos meios jornalísticos (Folha do Estado de São Paulo e Folha UOL) e em pesquisadores acadêmicos, como a Gohn (2015), entendemos que o grupo (Black Bloc) se posicionou de forma atípica nos protestos por demonstrar outras formas de reivindicar, atrelado ao uso da destruição para colocar os seus questionamentos contra o capitalismo. Particularmente compreendemos que as reivindicações são válidas, ao colocar a

<sup>33</sup> Quebec é uma das dez províncias do Canadá. Os ativistas considerados “blocos pretos” defendem o nacionalismo de Quebec.

<sup>34</sup> Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/brasil/fc2104200126.htm>>. Acesso em: 1 maio 2018.

<sup>35</sup> Ideários do Black bloc. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidiano/122329-para-especialistas-ideario-black-bloc-permanecera-ativo.shtml>>. Acesso em: 30 abr. 2018.

<sup>36</sup> Grandes corporações que dominam o mercado financeiro, que atua em setores diversos. Como exemplos, os bancos e as empresas multinacionais. Disponível em: <<https://acervodigital.ufpr.br/bitstream/handle/1884/38224/MONOGRRAFIA22-2014-2.pdf?sequence=1&isAllowed>>. Acesso em: 15 maio 2018.

questão do capitalismo como causador das desigualdades sociais, porém inviável suas ações ao praticarem atos violentos nos protestos de 2013, provocando insegura ao público presente e o distanciamento da sociedade das ruas.

Uma reportagem de vídeo da Globo News (REPOTAGEM G) se baseia nas falas de dois repórteres, Jorge Pontual e Michele Marinho, e o texto de Tonico Ferreira, exibido dia 20 de outubro de 2013, para explicar que a presença do grupo Black Bloc atuando no país foi uma surpresa, referindo-se como ações anarquistas nos protestos de ruas, que até então eram vistos nas ruas somente como manifestantes ligados ao MPL. A partir do seu ponto de vista, diz que o Black Bloc usou as manifestações para apossar dos espaços urbanos e marcarem presença com atitudes de desordem, que desencadearam nos protestos cenas de violência.

O apresentador reconta as histórias ouvidas nas ruas, vindas dos argumentos ou opiniões de alguns integrantes do Black Bloc. Os entrevistados, em sua maioria, demonstravam opiniões contrárias em relação à mídia, no sentido de achar que as mídias os condenavam e os viam como baderneiros, pelas suas imposições contra o Estado. Por isso, muitos deles recusaram conversar com jornalistas e não estavam dispostos a dar entrevistas, ou não serem identificados. Porém um dos integrantes disse que abriria exceção e conceberia entrevista via Skype<sup>37</sup>.

Durante o diálogo, Jorge Pontual (repórter) questionou o manifestante (não identificado) sobre a articulação do Black Bloc, que explicou que não os considerassem como grupo ou organização e, muito menos, como anarquismo, simplesmente como uma forma de ativismo necessário no mundo como uma forma de imposição as regras do capitalismo e dos grupos dominantes.

A repórter Michele Marinho desenvolveu uma pesquisa de campo a partir de três pontos, no que diz respeito a ação do Black Bloc: (i) o porquê do uso da violência; (ii) o porquê da destruição; e (iii) como acontecia a identificação dos integrantes do Black Bloc, em relação a outros protestos com atos de destruição. A este respeito, sobre o uso da violência e das destruições, o entrevistado contou que a violência não aconteceu como forma de ataque, mas, sim, como um meio de se defender em relação às repressões policiais. Disse, ainda, que os policiais vão para as ruas bem equipados, com bombas de lacrimogêneo, balas de borrachas, rojões e outros artefatos de uso da polícia, enquanto o Black Bloc não tinha nenhuma defesa, por isso ao se sentirem ameaçados, começam a fazer uso de pedras, pedaços de madeiras e outros objetos encontrados que poderiam ajudar em suas defesas.

---

<sup>37</sup> Aplicativo de mensagens instantâneas mais usado atualmente, que faz o uso de chamadas de vídeo. Disponível em: <<https://support.skype.com/pt/faq/FA6/o-que-e-skype>> Acesso em: 15 maio 2018.

Em relação às destruições, o entrevistado disse que não pode evitar as ações violentas no sentido de promover as destruições, por serem essas construções (bancos, lojas, prédios públicos) que imperam a riqueza. Por isso, estas construções se tornam os alvos preferidos, por ser a única maneira de expressar a repugnância ao capitalismo. Sobre os atos nas ruas vinculados as destruições, a repórter questionou se o Black Bloc se responsabiliza por todas as ações violentas presenciadas nas manifestações de 2013, obtendo uma resposta negativa do entrevistado, afirmando que nem tudo que foi visto nas ruas, com cenas de violências, pode ser do Black Bloc.

Mediante essa afirmação, a repórter (Michele Marinho) questiona: “como diferenciá-los de outros que estão ali praticando ações de vandalismo? Já que diz que nem todas as ações de destruições partem do Black Bloc”. O entrevistado relatou que as pessoas que fazem parte da tática do Black Bloc se mantêm dentro das regras de apresentação ao público, em geral, usam roupas escuras, óculos, capuz e rostos cobertos, sendo fácil a identificação, por apresentar uma uniformidade visualmente e que sempre estão nos lugares juntos, não promovendo ações isoladas. Já outros que estavam nas manifestações, nos meios dos protestos, não apresentaram essas características em relação às vestimentas e ao posicionamento.

Outra pesquisa feita pelo programa Conexão Repórter (vídeo), apresentado por Roberto Cabrini, conta que de início as manifestações foram comandadas pelo MPL, mas que a partir de certo momento houve um discurso inflamado em relação aos gastos da copa e a outras demandas. As manifestações que antes eram em defesa do transporte público, tornaram reivindicações no âmbito político e um emaranhado de manifestantes.

Dentro dessa perspectiva, afirma que as configurações dos protestos mudaram e foram vistos nas ruas pancadarias, destruições de bancos, de veículos de luxos e de inúmeras lojas, principalmente nos *shoppings*. Diz que até mesmo os veículos de imprensa não se salvaram e essas truculências foram promovidas a partir das ações do Black Bloc.

A partir da concepção dos vídeos que foram analisados (Globo News e do programa Conexão Repórter), entendemos que as reportagens foram importantes, no sentido de esclarecer ao telespectador quem era o Black Bloc e qual a sua intenção ao se posicionar nos protestos, promovendo sua função como qualquer outro meio de comunicação. Mas por outra vertente, entendemos que as mídias foram capazes de construir alto poder de impacto nas opiniões sobre o grupo, em alguns casos, exagerar na busca de um efeito midiático. A partir dessa concepção, esperamos que fique claro que a intenção de algumas palavras colocadas no

texto não é com a ideia de apropriar de juízo de valor, mas, sim, esclarecer as vertentes analíticas que tiveram os Black Bloc.

Tivemos como convicções que a atuação do Black Bloc nos protestos de 2013 foi expressiva, no sentido de ter demonstrado em suas mobilizações as ações vinculadas as destruições de patrimônios públicos e privados, o que provocou uma ruptura nos protestos ali existentes. Por outro lado, ressaltamos que não foram bem vistos aos olhos da população, pelos atos de quebradeiras e destruições. Acreditamos que as opiniões da sociedade e da mídia, sobre o grupo, foram homogêneas, apresentando um descrédito em relação a postura de seus integrantes, justificadas pelos atos violentos e pela falta de identificação. Ainda mais, a falta de identificação e os atos de destruições contribuíram para que às ruas tornassem um ambiente de desconfiança, resultando no enfraquecimento dos protestos, principalmente ao findar o mês de junho.

### **2.3 A trajetória do midiativismo - Mídia Ninja**

Sobre a historicidade do Mídia Ninja, Andrade (2016) conta que o seu início foi no ano de 2000, em Cuiabá, no estado do Mato Grosso, com a junção dos organizadores do denominado Fora do Eixo. Teve como líder, Pablo Capilé, atualmente bem reconhecido como um ativista, dentro do contexto das comunicações das redes sociais. Explica que quando o Mídia Ninja começa a ser (re)conhecido na sociedade, ao se definir o que ele era, apresentavam-se outros títulos - como Fora do Eixo e Pós-TV. O autor complementa que a iniciativa ganhou espaço entre as outras cidades do Brasil e que em 2013 passou a ser denominado de mídia Ninja. Afirma que “O Mídia Ninja se desenvolve (mas não nasce propriamente), então, da estrutura de redes articulada pelo Fora do Eixo, numa situação em que a comunicação era vista como condição para a fluidez dos projetos ligados ao campo cultural” (ANDRADE, 2016, p. 113).

Conforme mencionamos, o Mídia Ninja teve suas raízes em outras articulações, com propostas de promover a liberdade cultural, como o grupo “Fora do Eixo”, organizado por vários membros, tendo como um dos principais líderes Pablo Capilé<sup>38</sup>, que defendia a denominação Fora do Eixo<sup>39</sup>. Mas ao se moldarem na base do jornalismo independente, esses

---

<sup>38</sup> É um ativista político e produtor cultural. Formado em comunicação, é o líder e criador da rede de coletivos culturais chamado Circuito Fora do Eixo, que por sua vez financia organizações como a Mídia Ninja. Disponível em: < [https://pt.wikipedia.org/wiki/Pablo\\_Capil%C3%A9](https://pt.wikipedia.org/wiki/Pablo_Capil%C3%A9)>. Acesso em: 20 maio 2018.

<sup>39</sup> Uma rede de produção cultural que tem origem no programa Pontos de Cultura. Desenvolveu tecnologias de comunicação e produção cultural, além de atuar como movimento social em colaboração constante com outros

grupos de pessoas autônomas passaram a marcar presença nas ruas, trazendo os acontecimentos para o mundo virtual. Em relação às origens, enquanto um grupo, está associada a existir nas redes sociais através de suas ações configuravam em práticas para o Pós-TV<sup>40</sup>. Ao retratar a origem do nome atual e o porquê, Andrade (2016, p. 115-116) através de suas pesquisas nos relata que “O nome Ninja, segundo Torturra, teria sido dado por uma amiga do jornalista em referência a Narrativas Independentes, Jornalismo e Ação. Bruno destaca especialmente que [...] pensamos em ação, porque a gente não apenas cobre, mas também promove, ocupa a rua, faz aula pública, propõe pautas, a gente não se acanha e se precisar ser o protagonista da coisa. Ação nesse sentido” (LORENZOTTI, 2014, p. 15).

Andrade (2016) afirma de sua importância quanto as repercussões dentro do contexto das relações de comunicações virtuais. Acrescenta que o Mídia Ninja mostrou uma série de investimentos na *web*<sup>41</sup>, ou seja, um *site* em que postam as coberturas em tempo real, onde são colocados os *links* que vinculam textos e fotos aos registros oficiais das reportagens divulgadas pelo grupo, além de outras páginas, como no *Twitter*, *Instagram*, *Facebook*.

Assim como os autores que deram fundamentos teóricos à pesquisa, tivemos como convicções que o Mídia Ninja não teve uma vinculação direta com os movimentos ou preferências partidárias e que a formação desse grupo era representada por jovens que traziam uma visão crítica acerca dos aspectos sociais e políticos existentes no território brasileiro. Suas intenções eram ofertar informações ao público, através de suas transmissões, de algo que estava presente na realidade das manifestações de 2013 e outras particularidades a época, exercendo um trabalho crítico a partir dos questionamentos dos fatos.

Percebemos que as manifestações que se deflagraram em 2013 foram repletas de comportamentos que expressaram novas posturas, diferentes das tradicionais ocorridas em outros momentos. Sobre essa concepção, tornaram-se evidentes que os movimentos ocorridos a partir do século XXI trouxeram novas formas de articulações, como a autonomia em relação a sua atuação e as formas de mobilizações via redes sociais. Entendemos a presença marcante do Mídia Ninja nos protestos como um componente muito importante, pois se destacaram

---

grupos, coletivos e movimentos sociais. Disponível em: <[https://pt.wikipedia.org/wiki/Fora\\_do\\_Eixo](https://pt.wikipedia.org/wiki/Fora_do_Eixo)>. Acesso em: 20 maio 2018.

<sup>40</sup> Baseando-se nos princípios da cultura digital, na interatividade com espectador que pode enviar perguntas e comentários em tempo real. Disponível em: <<https://universitag.wordpress.com/2013/05/21/era-da-pos-tv/>>. Acesso em: 20 maio 2018.

<sup>41</sup> Conceito utilizado dentro do espaço da tecnologia corresponde um sistema de interligação de documentos e recursos de forma geral, através da internet. Disponível em: <<https://pt.wikipedia.org/wiki/Web>>. Acesso: 22 maio 2018.

como sujeitos sociais, com suas ações de jornalismo independente. Sobre suas articulações adentraremos adiante.

### ***2.3.1 Mídia Ninja: jornalismo independente nos protestos de 2013***

De acordo com pesquisas de Andrade (2016), esses participantes dos protestos em 2013 marcaram presença através de seu jornalismo independente, entre outros momentos de mobilizações e que se destacaram nas redes sociais pelas suas postagens em tempo real, mostrando os acontecimentos que afloraram nas manifestações. A sigla “Mídia Ninja” traz o significado de “Narrativas Independentes, Jornalismo e Ação”. É esta última palavra que tem dado o tom de sua cobertura e levantando o debate sobre os protestos em 2013.

Para contextualizar o cenário da sociedade atual esse grupo fez uso de imagens, que puderam demonstrar os acontecimentos, fazendo uso ou não das narrativas, pois essas fontes trouxeram significados importantes ao momento histórico. Desse modo, podemos discorrer sobre as novas formas de “mídias alternativas” que ganharam espaço e se projetaram, sobretudo nas redes sociais.

Percebemos que as manifestações de 2013 ao se tornarem mais intensas, tanto em número de participantes quanto aos acontecimentos, proporcionaram mais atenções da mídia para as possíveis coberturas dos fatos, como também significou um momento propício para que as coberturas jornalísticas se colocassem à disposição nas ruas, com o intuito de transmitir os acontecimentos. Nesse sentido, podemos perceber que além da mídia tradicional que conhecemos, como as emissoras dos principais canais de TV (Globo, SBT, Record e outras), profissionais independentes também se posicionaram, como é o caso do Mídia Ninja, que executaram suas filmagens e compartilharam os acontecimentos ao público virtual, de forma instantânea para o Brasil e para o mundo.

Andrade (2016), ao pesquisar sobre Mídia Ninja, enfatiza que os integrantes desse grupo promoveram uma função social, isto é, ao colocar em prática um jornalismo independente acessível à sociedade, a partir de suas transmissões instantâneas, com uso de seus aparelhos de celulares, *smartphones* e outros aparelhos digitais, se posicionaram nas ruas entremeio aos protestos e fizeram suas participações ao mostrar as realidades dos protestos em tempo real. Carlos (2015) complementa que a audiência das mídias tradicionais começaram a ficar comprometida devido às divergências que eram reportadas nas redes sociais, deste modo a grande mídia passou a traçar novas estratégias, tais como, a mudança de discurso, o apoio

aos manifestantes depois das cenas de violência no ato do dia 13 de junho, em São Paulo, e a cobertura jornalística para cobrirem *in lócus*, os acontecimentos.

Quanto ao Mídia Ninja, Andrade (2016) afirma que esse grupo midiático tem como intenção atuar na contramão da mídia tradicional, pois procuram “[...] atuar na contramão da mídia de massa, em alguns momentos esses coletivos reproduzem o modelo que afirmam combater, midiaticizando o ativismo que compõe o núcleo de suas fundamentações” (BITTENCOURT, 2015b, p. 101 apud ANDRADE, 2016, p. 101).

Carlos (2015), por sua vez, dialoga no mesmo sentido, por apresentar reflexões de que a mídia tradicional e mídia alternativa (Mídia Ninja) demonstravam em algumas situações opiniões opostas. Nesse sentido, nos mostra que houve uma rejeição em relação a mídia tradicional ao trabalho do Mídia Ninja, enfatizando que suas reportagens apresentavam uma narrativa pobre, por ser imagem mostrada sob o ângulo do *smartphone* e não ter um estúdio antes de transmissão. Assim, pontua que “A Mídia Ninja ganhou visibilidade nas manifestações que tomaram as ruas do país em junho de 2013. Ativista, apresenta um enfoque jornalístico que diverge da cobertura que a grande mídia se propõe” (CARLOS, 2015, p. 45).

Entendemos que esse grupo ao se posicionar nas ruas mostrou a sua intencionalidade ao se promover a cobertura dos acontecimentos *in lócus*. Chamando a atenção não somente dos manifestantes e internautas das redes sociais, mas, sobretudo, despertou a curiosidade da mídia tradicional, no sentido de mudar sua postura em relação às formas de trabalho, com o intuito de não perder apreciação da sociedade.

Percebemos que o Mídia Ninja se destacou nas manifestações em 2013 por colocar suas ações em práticas, filmagens e transmissões via redes sociais, de forma instantânea. O grupo promoveu uma comunicação democrática, independente de qualquer que fosse os acontecimentos, os fatos eram expostos. Desse modo, os integrantes registravam e transmitiam de forma simultânea para a sociedade brasileira e para o mundo, através de seu jornalismo *online* independente, propostas diferentes da imprensa tradicional, por ser transmitidas ao vivo, sem passar por uma avaliação em um estúdio, por exemplo. Sobre essas particularidades do grupo descrevemos adiante.

### **2.3.2 Posicionamento sobre o Mídia Ninja nas redes sociais**

Mídia Ninja através de sua conectividade proporcionou a inserção de novos públicos, um exemplo disso são os seguidores de sua página do *facebook*, como afirma a página *DW Made for minds*, escrita por Renate Krieger, em 01 de agosto de 2013 (REPORTAGEM B):

“A cada duas horas, em média, o grupo Mídia Ninja posta uma nova foto, link ou relato em sua conta no Facebook. Continuamente, o site Pós TV ([www.postv.org](http://www.postv.org)) transmite vídeos ao vivo e sem cortes de debates e protestos”.

A página *Facebook* divulga uma entrevista fornecida por um dos integrantes do Mídia Ninja, o jornalista Bruno Torturra, líder dos ninjas e ex-diretor de redação da revista *Trip*, onde trabalhou por 11 anos. O jornalista afirma que o grupo foi para as ruas por entender que as pessoas esperavam por uma cobertura mais próxima da realidade. Ainda acrescenta que Mídia Ninja também se mostrava interessados em levar ao público os acontecimentos.

Ao se posicionar sobre a objetividade do grupo, Bruno Torturra<sup>42</sup> argumenta que a ideia é trazer a democratização da produção da informação, ao afirmar que os meios de comunicações existentes no país são pertencentes de grupos de pessoas privadas, por isso as informações podem ou não ser exportadas, depende do interesse da mídia tradicional, visto que, seu entendimento é de que ocorre uma seleção de reportagens e são exibidas as que melhor encaixam aos interesses dos meios jornalísticos. Nessa perspectiva, o líder afirma que melhorar a os meios de informações e popularizá-los seria uma forma de trabalhar a democracia.

Sob a vertente da democratização das informações, em sua página do *Facebook*, o grupo disponibilizou duas entrevistas com profissionais da educação, um professor da Universidade de Brasília (UnB),<sup>43</sup> que contou que o Mídia Ninja estava presente onde a grande mídia não esteve, que as cenas divulgadas pelo grupo, a partir da realidade das manifestações de 2013, proporcionaram revoltas em grande quantidade de pessoas e, conseqüentemente, o aumento da popularidade nos protestos. Sintetiza que a exposição das imagens da violência dos policiais contra os manifestantes, pelo grupo Mídia Ninja, foi um motivo considerado como detonador de uma insatisfação generalizada da população, aumentando os protestos.

A outra informação a partir da entrevista parte de uma reflexão da professora<sup>44</sup> da Universidade Federal Fluminense, que de maneira bem otimista, descreve que o jornalismo alternativo serviu para mudar os ares, “oxigenar” as informações dos meios jornalísticos

---

<sup>42</sup> Um dos principais líderes da organização Mídia Ninja. Disponível em: <<http://noticias.r7.com/blogs/andre-forastieri/2013/07/31/uma-entrevista-com-bruno-torturra-da-midia-ninja/>>. Acesso em: 22 maio 2018.

<sup>43</sup> Venício A. de Lima. Jornalista e sociólogo e Professor titular aposentado de Ciência Política e Comunicação da Universidade de Brasília (UnB). Disponível em: <<https://noticias.unb.br/publicacoes/39-homenagem/2190-venicio-artur-de-lima-e-agraciado-como-professor-emerito>>. Acesso em: 22 maio 2018.

<sup>44</sup> Sylvia Debossan Moretzsohn, professora da Universidade Federal Fluminense no Rio de Janeiro. Disponível em: <<https://jornalgn.com.br/noticia/a-necessaria-alianca-entre-sensibilidade-e-senso-critico-por-sylvia-debossan-moretzsohn>>. Acesso em: 22 maio 2018.

tradicionais. Ressalta a importância desse grupo por usar forma de documentar a realidade e, ao mesmo tempo, contribuir com a sociedade, por registrar e transmitir acontecimentos da vida cotidiana, como exemplos as cenas de violências urbanas, em especial vindas de autoridades, como é o caso de ações dos policiais, às vezes, não mostradas.

Perante as argumentações de autores que pesquisaram sobre a atuação do grupo Mídia Ninja nas coberturas dos protestos ocorridos nas manifestações em 2013 e por informações obtidas principalmente na página oficial do grupo (*Facebook*), percebemos que o grupo foi bem atuante no sentido de levar informações ao público em geral, principalmente àqueles que tinham acesso as redes sociais, além de contribuírem para a circulação das informações em tempo real. Desse modo, entendemos que o Mídia Ninja, através de suas coberturas jornalísticas, despertaram entre muitas pessoas a importância dos movimentos ocorridos em 2013 e que os sujeitos sociais presentes nos protestos puderam mostrar suas indignações em relação aos desmandos da política brasileira, no que se diz respeito as posturas éticas, ao não cumprimento com as leis e as carências nas políticas públicas.

Ao propormos uma reflexão sobre o Mídia Ninja e a sua cobertura nas manifestações da contemporaneidade, entendemos o quanto foi relevante seu trabalho na popularização da informação. Deixamos registrados que o desenrolar dos protestos através dos grupos ali presentes nos demonstraram uma crise de representatividade entre vários segmentos, tais como no político, na democracia, nas políticas públicas e sobretudo nos meios jornalísticos, quando se trata da democratização dos meios de comunicações, visto que, os principais meios jornalísticos (mídias tradicionais) são regidos por grandes empresários e os mesmos representam uma hegemonia e disputas no mercado competitivo, colocando em evidência de que as informações são vinculadas a partir dos seus interesses e não propriamente aos interesses da sociedade.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Analisamos os protestos de 2013, especialmente no que concerne a atuação dos participantes, que em vários momentos levantaram questionamentos democráticos em relação ao Estado, em decorrência de muitos momentos conflituosos que surgiram. O principal motivador para a realização dos protestos, considerado como o ápice deflagrador, foi à reivindicação para a melhoria na mobilidade urbana, sobretudo contra os reajustes nos preços das passagens que estavam sendo constantemente inflacionados, desde os primeiros meses do ano, e que se desencadearam com mais frequência e com maior destaque no mês de junho.

Estas primeiras reivindicações que, inicialmente consistiam em defesa única, deflagraram-se e se tornaram-se uma variedade de demandas sociais, especialmente nas principais metrópoles brasileiras. Percebemos que as formas de articulação dos participantes alteraram, se comparado a outros movimentos existentes, e a comunicação *online* ganhou *status* de ferramenta principal para articular as ações coletivas. Ao ter destacado a relação entre a sociedade e os movimentos coletivos, sobretudo quando as pessoas vão ao público reivindicarem com o propósito de promover a igualdade dos seus direitos, percebemos, assim como Ranciere (2014), que a democracia não existe a partir da igualdade, mas se caracteriza a partir das relações desiguais apresentadas no âmbito social.

As manifestações em 2013, conforme ficaram conhecidas, foram repletas de comportamentos que expressaram novas posturas, diferentes das tradicionais ocorridas em outros momentos. Sobre essa concepção, evidenciamos que trouxeram novas formas de articulações, como a autonomia em relação a sua atuação, sem vínculos partidários, pois os seus participantes se posicionaram e marcaram história enquanto sujeitos sociais. Ainda mais, reforçamos que os protestos foram alicerçados nos desejos vinculados a questão da democracia, ao exercício da cidadania e que a sociedade não se apresentou amorfa e apática aos desmandos dos descasos dos políticos atuais em relação à prestação de serviços às políticas públicas.

Apropriamo-nos da concepção de Santos (2017), que se fundamenta nas ideias de Romano (1993 apud SANTOS, 2017), ao sintetizar a democracia atual como algo incompleto, o que demonstra uma imparcialidade em relação aos direitos da sociedade. Estabeleceu “a ideia de que vivemos sob regimes democráticos é um mito, pois o que dá sentido à liberdade é podermos, nós mesmos, determinar nossas ações, mas ao contrário disso, a democracia

funciona como um conjunto de procedimentos que excluem e penalizam” (SANTOS, 2017, p. 48-49).

Ponderamos da concepção de Ranciere (2014), que nos apresentou uma visão não tão otimista sobre a democracia, pois ela não passa de um reino dos desejos ilimitados entre os indivíduos, por isso faz uma crítica ao Estado e a sua atuação; explica que embora presenciemos mudanças nas formas dos governos - de totalitários para a democráticos - a democracia não está inerente à todos. Agrega-se em sua concepção de que as mudanças que se referem aos âmbitos democráticos foram fundamentais ao liberalismo econômico e o define como reino da exploração e não reino da igualdade. “Os direitos humanos são uma ilusão, porque são os direitos do homem nu, desprovidos de direitos. São os direitos ilusórios dos homens que foram expulsos de suas casas, de sua terra e de qualquer cidadania por regimes tirânicos” (RANCIERE, 2005, p. 27).

A partir das concepções dos autores podemos entender os porquês das mobilizações, aclamando a questão da democracia representativa e da cidadania. Braga (2017) nos mostrou que há uma necessidade dos sujeitos se oporem as regras existentes que não trazem um pertencimento à sociedade, não somente em busca de seu interesse próprio, mas, também, da coletividade. Nessa perspectiva de pensamento, ilustrou que “A luta em sociedade requer que os indivíduos sejam antes sujeitos e como sujeitos assumam posições que possam ser, também, a do outro” (BRAGA, 2017, p. 72).

Destacamos a importância dos sujeitos históricos, em especial o da juventude, que se fizeram presentes nas mobilizações ocorridas em 2013, estabelecendo um novo marco na história brasileira, concretizado como “Manifestações de 2013”. Os participantes trouxeram novas experiências, enquanto sujeitos conectados via redes sociais; e trilharam expectativas de mudanças democráticas ou, em muitos casos, questionaram a democracia representativa por uma democracia direta. Assim como Gohn (2015), ao interpretarmos os protestos, verificamos que a questão da democracia foi uma das pautas mais expressivas dos manifestantes entre os protestos de ruas. A sociedade se manifestou por meio protestos, reivindicações, marchas, concentrações e ocupações etc., nos principais *lôcus* públicos, as praças, ruas e avenidas.

Ao referenciar a participação da juventude nos movimentos, reforçamos que os jovens marcaram presença em vários movimentos, embora com diferentes pretensões, porém mantiveram em comum os questionamentos para com as organizações formais. Ao colocar em evidência o ano de 2013, percebemos que os manifestantes apresentaram algumas

particularidades, como: autonomia nas articulações, por não sentirem representados por partidos políticos ou outras lideranças, diferentes dos movimentos clássicos, como os sindicais, operários e agrários. Mantiveram-se conectados o tempo todo, a maioria escolarizados e com predominância de camadas médias, e não apresentaram uma liderança oficial, mantendo-se diversas articulações fragmentadas, entre os espaços urbanos.

Entendemos que para o decorrer da história da humanidade foi fundamental a participação dos sujeitos nos movimentos, pois, em muitas situações, a participação individual e coletiva nas práticas sociais estiveram ofuscadas pelas imposições dos grupos dominantes ou por sistemas políticos autoritários entre muitos lugares do mundo e que atualmente vem se destacando em buscas de novos enfrentamentos, até mesmo questionando as posturas dos governos democráticos. Nesse sentido, Gohn (2015) nos explicou que “Os coletivos e as manifestações têm sido grandes laboratórios de experimentação sobre nova forma de operar a política” (GOHN, 2015, p. 12).

Assim como fez Cerri (2001), reforçamos a importância do sujeito questionador perante a sua sociedade. Em vários momentos históricos e por inúmeros motivos, esses sujeitos puderam demonstrar sua historicidade a partir de suas ações e experiências; constituindo-se enquanto sujeitos históricos, que por hora puderam questionar a democracia, em movimentos coletivos. Segundo Cerri (2001), os homens fizeram a sua própria história, mas não a fazem como querem, isto é, não a manifestam sob condições de sua escolha, mas sob aquelas com que se defrontam diretamente, conectadas e transmitidas pelo passado.

Ranciere (2014) sintetiza isso ao dizer que no contexto da democracia existe um paradoxo em que os princípios da democracia surgem na ausência da democracia, ou seja, os sujeitos se manifestam em busca da igualdade, a partir da desigualdade. Thompson (1988), por sua vez, acresce as percepções dos autores, ao entender que o processo de reivindicar a democracia estava presente na relação à noção de legitimação dos sujeitos, como questionadores das realidades sociais, assim como aconteceu com os sujeitos analisados na a sociedade inglesa do século XVIII. Verificamos que na contemporaneidade, especificadamente o ano de 2013, não foi diferente, os protestos foram as principais maneiras dos manifestantes expressarem seus anseios e frustrações, colocando em questionamento as leis que regem o país, sobretudo a postura dos governantes e as políticas públicas.

A pesquisa foi derivada de várias fontes, como leituras de livros, revistas e pesquisas em espaços virtuais, em variados meios informativos, especialmente os jornais, as revistas, os vídeos (documentários) e os periódicos. Este material nos ajudou a verificar o quão meritório

foi às redes sociais para o fortalecimento dos protestos e suas ações de caráter político-social, que tiveram suas potencialidades grupais a partir das articulações/organizações dos participantes via redes sociais. À medida que a *internet*, como uma ferramenta essencial nos meios de comunicações, deu suporte para disseminar as informações e promover discursos coletivos, as manifestações ganharam popularidade.

Percebemos que as fontes escritas ou digitalizadas nos permitiram uma infinidade de abordagens. Além disso, demonstraram o desenvolvimento das fontes estiveram aliados a evolução da tecnologia, em que a confecção dos jornais partiu dos meios mais simples de mecanização para os mais sofisticados, como os processos de digitalização. Em relação a esse assunto, Luca (2006) reforça as mudanças nos conceitos das fontes historiográficas, enfatizando que “Páginas amareladas que também trazem as marcas do processo de trabalho que juntou máquinas, tintas, papel, texto e iconografia, [...] agora pelos meios digitais” (LUCA, 2006, p. 132).

Vimos no primeiro capítulo que os protestos de 2013 tiveram um enfrentamento do Estado em relação às manifestações e as ações de intervenções do poder estatal, resultando em situações de confrontos e violências, que quando foram mostrados pelos vários meios de comunicações, ocasionaram indignação social. Vimos também que às articulações dos participantes, em relação a busca pela autonomia dentro do conceito da democracia, surgiram a partir de questionamentos sociais presentes na realidade; e os manifestantes demonstraram que não foram influenciados diretamente por sindicatos ou segmentos partidários.

A indefinição quanto ao modo de nomear e caracterizar a etimologia dos protestos não foram os principais problemas enfrentados, mas o que se destacou foi que desde os encontros iniciais dos integrantes dos protestos eram a de que o país passava por uma realidade inesperada no que diz respeito aos contextos políticos e econômicos. Não foram somente por causa de “vinte centavos” que aquelas pessoas foram as ruas, mas porque buscavam novas proposições de políticas públicas que acarretassem benfeitorias para a sociedade.

No capítulo subsequente, percebemos que na realidade atual os grupos que ali estiveram demonstraram muitas insatisfações, mas, em especial, a sua indignação ao não cumprimento da legislação do país, em que a democracia não era exercida conforme prevê as leis que norteiam os princípios democráticos da nação. Daí a justificativa de que as manifestações de caráter político-social são uma das maneiras que a sociedade pode expor suas ideias, desejos e, também, suas indignações.

O movimento democrático é, desde modo, um duplo movimento de transgressão de limites, um movimento para estender a igualdade do homem público a outros domínios da vida comum e, em particular, a todos que são governados pela ilimitação capitalista, um movimento também para reafirmar o pertencimento da esfera pública incessantemente privatizadora a todos e qualquer um, como bem nos colocou Ranciere (2014).

Esperamos que ao registrar os fatos que caracterizaram essas diversas formas de reivindicações, possamos despertar nos leitores uma reflexão de que os integrantes – especialmente a juventude - ao reivindicarem, quiseram exercer atos em defesa da cidadania. Nos acontecimentos que afloraram, em 2013, nos protestos, verificamos que pelo menos três principais motivos levaram muitas pessoas às ruas, sendo: a) a emergência de direitos nas políticas públicas; b) as mudanças nas conjunturas das políticas organizacionais, que se referem à ética e a conduta dos seus representantes; e c) as questões vinculadas aos direitos de cidadania.

Concluimos que a problemática do transporte público urbano foi somada a uma série de reivindicações dirigidas aos poderes do Estado, as quais exigiam mudanças nas posturas dos governantes em questão ao cumprimento das leis e na aplicação das políticas públicas de forma coerente, para atender aos anseios da população brasileira. Isso nos fazem refletir que essas ações foram além de apenas uma referência de movimento isolado, que teve início com o MPL; mas que, posteriormente, teve a inserção de inúmeras outras demandas, como a educação e a saúde. Ressaltamos que várias problemáticas que foram levantadas como reivindicações em 2013, perpetuam até os dias atuais, como algo a ser resolvido, sempre no intuito de satisfazer a sociedade. Mas, nem por isso, deixamos de expressar o quanto os movimentos são importantes nas reivindicações sociais, pois são eles que nos concedem a legitimidade de conquista a favor da cidadania, que, por sua vez, concretiza a democracia.

## REFERÊNCIAS

ANDRADE, Antonio Augusto Braihi. **Análise do discurso midiativista**: uma abordagem às transmissões simultâneas do Mídia Ninja. 2016. 655 f. Tese (Doutorado em Linguística do Texto e do Discurso) - Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2016. Disponível em: <<http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/handle/1843/RMSA-AHGG2X>>. Acesso em: 20 mar. 2018.

ARAÚJO, Angélica Lyra de. As manifestações de rua em junho de 2013. **Caderno CERU**, São Paulo, v. 26, n. 2, p. 36-50, dez. 2015. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/ceru/article/view/117710/115374>>. Acesso em: 18 fev. 2018.

ARENA, Adriana Pastorello Buim. **A Leitura de jornais impressos e digitais em contextos educacionais: Brasil e Portugal**. 2018. 154 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Estadual de São Paulo, São Paulo, 2008. Disponível em: <<https://repositorio.unesp.br/handle/11449/102250>>. Acesso em: 30 mar. 2018.

BEZERRIL, Simone da Silva. Os impressos jornalísticos e a escrita da história. **Revista Temática**, Paraíba, v. 7, n. 08, p. 1-14, ago. 2011. Disponível em: <<http://www.periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/tematica/article/view/30055>>. Acesso em: 22 dez. 2018.

BRAGA, Sandro. A guerra de todos nós no discurso do (eu): violência e contradição no cenário da política e da democracia brasileiras. In: FERNANDES, Cleudimar Alves. **A violência na contemporaneidade**: do simbólico ao letal. São Paulo: Intermeios, 2017. p. 63-84.

BRITO, Felipe; OLIVEIRA, Pedro Rocha de. Territórios transversais. In: \_\_\_\_\_. **Cidades rebeldes**: passe livre e as manifestações que tomaram as ruas do Brasil. São Paulo: Boitempo/Carta Maior, 2014. s./p. Disponível em: <[https://ayrtonbecalle.files.wordpress.com/2014/03/cidades-rebeldes-passe-livre-e-as-manifestac3a7\\_es-que-marcam-as-ruas-do-brasil-erminia-maricato.pdf](https://ayrtonbecalle.files.wordpress.com/2014/03/cidades-rebeldes-passe-livre-e-as-manifestac3a7_es-que-marcam-as-ruas-do-brasil-erminia-maricato.pdf)>. Acesso em: 20 mar. 2018.

BUZETTO, Marcelo. As mobilizações de junho de 2013 e os desafios na construção do poder popular. **Lutas Sociais**, São Paulo, v. 17, n. 31, p. 125-39, jul./dez. 2013. Disponível em: <<http://www4.pucsp.br/neils/revista/vol%2031/marcelo-buzetto.pdf>>. Acesso em: 18 fev. 2018.

CARLOS, Eliana Natividade. **A mídia e as manifestações de junho de 2013**: uma análise de produtos midiáticos. 2015. 97 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) - Faculdade Cásper Líbero Mestrado em Comunicação, São Paulo, 2015. Disponível em: <<https://casperlibero.edu.br/wp-content/uploads/2015/04/ELIANA-NATIVIDADE-CARLOS.pdf>>. Acesso em: 18 fev. 2018.

CERRI, Luís Fernando. Os conceitos de consciência histórica e os desafios da didática da História. **Revista de História Regional**, Ponta Grossa, v. 6, n. 2, p. 93-112, inverno 2001. Disponível em:

<[https://www.faneesp.edu.br/site/documentos/revista\\_historia\\_regional39.pdf](https://www.faneesp.edu.br/site/documentos/revista_historia_regional39.pdf)>. Acesso em: 30 mar. 2018.

ELEY, Geoff. **Forjando a democracia**: a história da esquerda na Europa, 1850-2000. Tradução de Paulo César Castanheira. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2005.

FIGUEIREDO, Rubens. A “espiral do silêncio” e a escalada da insatisfação. In: \_\_\_\_\_. **Junho de 2013**: a sociedade enfrenta o Estado. São Paulo: Summus editorial, 2014. p. 23-38.

FLEURY, Yasmim Alves. **Movimentos em rede**: a internet como ferramenta para manifestações sociais. 2015. 177f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) - Universidade Federal de Goiás, Goiânia. 2015. Disponível em: <<https://repositorio.bc.ufg.br/tede/handle/tede/4693>>. Acesso em: 18 fev. 2018.

GADEA, Carlos A. dos movimentos sociais às experiências coletivas de conflito: acerca das mobilizações e a linguagem da violência. In: SCHERER-WARREN, Ilse; LÜCHAMANN, Lígia Helena Hahn. **Movimentos sociais e engajamento político**: trajetórias e tendências analíticas. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2015. p. 235-262.

GOHN, Maria da Glória Marcondes. A sociedade brasileira em movimento: vozes das ruas e seus ecos políticos e sociais. **Cadernos CRH**, Salvador, v. 27, n. 71, p. 431-441, maio/ago. 2014. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-49792014000200013&script=sci\\_abstract&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-49792014000200013&script=sci_abstract&tlng=pt)>. Acesso em: 20 nov. 2017.

GOHN, Maria da Glória Marcondes. **Manifestações de junho de 2013 no Brasil e praças dos indignados no mundo**. 2. ed. Petrópolis-RJ: Editora Vozes, 2015

GOHN, Maria da Glória Marcondes. Manifestações de protesto nas ruas no Brasil a partir de junho de 2013: novíssimos sujeitos em cena. **Revista Diálogo Educ.**, Curitiba, v. 16, n. 47, p. 125-146, jan./abr. 2016. Disponível em: <<http://www2.pucpr.br/reol/pb/index.php/dialogo?dd1=16100&dd99=view&dd98=pb>>. Acesso em: 20 nov. 2017.

HOBSBAWM, Eric. **A era dos extremos**: o breve século XX – 1914/1991. Tradução de Marcos Santarrita. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

KAHN, Tulio. A segurança pública e as manifestações de junho de 2013. In: FIGUEIREDO, Rubens. **Junho de 2013**: a sociedade enfrenta o Estado. São Paulo: Summus Editoril, 2014. p. 115-131.

LORENZOTTI, Elizabeth. **Jornalismo século XXI**: O modelo #MídiaNINJA. São Paulo: Editora E-Galáxia. 2014

LUCA, Tania Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi. **Fontes Históricas**. São Paulo: Contexto, 2006. p. 111-154.

NAPOLITANO, Marcos. A História depois do papel. In: PINSKY, Carla Bassanezi. **Fontes Históricas**. São Paulo: Contexto, 2006. p. 235-290.

OLIVEIRA, Gabriela Nascimento Rossi de. **Os “Black-Blocs” brasileiros: vândalos ou ativistas? A construção retórico-discursiva em Revistas Brasileiras.** 2015. 182 f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Federal de Ouro Preto, Mariana, 2015. Disponível em: <<http://www.repositorio.ufop.br/handle/123456789/5730>>. Acesso em: 24 mar. 2018

PINTO, José Nêumanne. A multidão poderosa virou plebe ignara e tudo ficou coo dantes na república de Abrantes. In: FIGUEIREDO, Rubens. **Junho de 2013: a sociedade enfrenta o Estado.** São Paulo: Summus editorial, 2014. p. 23-38.

QUEIROZ, Eliani de Fátima Covem. **Frente de luta pelo transporte e as manifestações de rua em Goiânia.** 2017. 209 f. Tese (Doutorado em Sociologia) – Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2017. Disponível em: <<https://repositorio.bc.ufg.br/tede/bitstream/tede/7117/5/Tese%20-%20Eliani%20de%20F%C3%A1tima%20Covem%20Queiroz%20-%202017.pdf>>. Acesso em: 20 nov. 2017.

RANCIERE, Jacques. **O ódio à democracia.** São Paulo: Boitempo, 2014.

ROLNIK, Raquel. As vozes das ruas: as revoltas de junho e suas interpretações. In: **Cidades rebeldes: passe livre e as manifestações que tomaram as ruas do Brasil.** São Paulo: Boitempo/Carta Maior, 2014. s./p. Disponível em: <[https://ayrtonbecalle.files.wordpress.com/2014/03/cidades-rebeldes-passe-livre-e-as-manifestac3a7\\_es-que-marcaram-as-ruas-do-brasil-erminia-maricato.pdf](https://ayrtonbecalle.files.wordpress.com/2014/03/cidades-rebeldes-passe-livre-e-as-manifestac3a7_es-que-marcaram-as-ruas-do-brasil-erminia-maricato.pdf)>. Acesso em: 20 mar. 2018.

ROSENFELD, Denis. Entre o libertário e a usurpação. In: FIGUEIREDO, Rubens. **Junho de 2013: a sociedade enfrenta o Estado.** São Paulo: Summus Editoril, 2014. p. 133-144.

SANTOS, Regma Maria dos Santos. Comunicação, coerção e violência simbólica. In: FERNANDES, Cleudmar Alves. **A violência na contemporaneidade: do simbólico ao letal.** São Paulo: Intermeios, 2017. p. 47-61.

SCHERER-WARREN, Ilse. Manifestações de rua no Brasil 2013: encontros e desencontros na política. **Caderno CRH**, Salvador, v. 27, n. 71, p. 417-429, maio/ago. 2014. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ccrh/v27n71/a12v27n71.pdf>>. Acesso em: 20 de março de 2018.

SECCO, Lincoln. As jornadas de junho. In: **Cidades rebeldes: passe livre e as manifestações que tomaram as ruas do Brasil.** São Paulo: Boitempo/Carta Maior, 2014. s./p. Disponível em: <[https://ayrtonbecalle.files.wordpress.com/2014/03/cidades-rebeldes-passe-livre-e-as-manifestac3a7\\_es-que-marcaram-as-ruas-do-brasil-erminia-maricato.pdf](https://ayrtonbecalle.files.wordpress.com/2014/03/cidades-rebeldes-passe-livre-e-as-manifestac3a7_es-que-marcaram-as-ruas-do-brasil-erminia-maricato.pdf)>. Acesso em: 20 mar. 2018.

SOLTO, Luisa Santiago Vieira. **O Movimento Passe Livre e as Jornadas de Junho: Mobilidade e direito à cidade em pauta nas ruas.** 2015. 94 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) - Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015. Disponível em: <[http://www.cis.puc-rio.br/assets/pdf/PDF\\_CIS\\_1446640842\\_1312336\\_2015\\_Luisa\\_Santiago\\_Vieira\\_Souto.pdf](http://www.cis.puc-rio.br/assets/pdf/PDF_CIS_1446640842_1312336_2015_Luisa_Santiago_Vieira_Souto.pdf)>. Acesso em: 30 mar. 2018.

SPINA, Paulo Roberto. **O movimento Passe Livre São Paulo nos protestos de 2013**. 2016. 140 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Universidade Federal de São Paulo, Guarulhos, 2016. Disponível em: <[http://www2.unifesp.br/ciencias\\_sociais/dissertacoes-defendidas-versao-final/paulo-spina](http://www2.unifesp.br/ciencias_sociais/dissertacoes-defendidas-versao-final/paulo-spina)>. Acesso em: 30 mar. 2018.

THOMPSON, Edward Palmer. **Costumes em comum**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

TOPNOZZI, Marcelo. A força das redes sócias. In: FIGUEIREDO, Rubens. **Junho de 2013: a sociedade enfrenta o Estado**. São Paulo: Summus Editoril, 2014. p. 73-86.

YAMAMOTO, Karina Leal. **As manifestações de junho de 2013 no Jornal Nacional: uma pesquisa em torno da instancia da imagem ao vivo**. 2016. 134 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016. Disponível em: <<https://www.google.com.br/search?dcr=0&source=hp&ei=VOtWqevLMSjwATgwZGICQ&q=As+manifestações+de+junho+de+2013+no+Jornal+Nacional%3A+uma+pesquisa+em+torno+da+instancia+da+imagem+ao+vivo&oq=As+manifestações+de+junho+de+2013+no+Jornal+Nacional%3A+uma+pesquisa+em+torno+da+instancia+da+imagem+ao+vivo>>. Acesso em: 20 nov. 2017.

## REFERÊNCIAS JORNALISTICAS

**REPORTAGEM A - FOLHA DE SÃO PAULO. Entenda o que é o ativismo ‘Black Bloc’ presente nas manifestações**. Reportagem do dia 11 de julho de 2013. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2013/07/1309858-entenda-o-que-e-o-ativismo-black-bloc-presente-nas-manifestacoes.shtml>>. Acesso em: 24 mar. 2018

**REPORTAGEM B - KRIEGER, Renate. Made for Minds. Ascensão da Mídia Ninja põe em questão imprensa tradicional no Brasil**. Reportagem do dia 01 de agosto de 2013. Disponível em: <<http://www.dw.com/pt-br/ascens%C3%A3o-da-m%C3%ADdia-ninja-p%C3%B5e-em-quest%C3%A3o-imprensa-tradicional-no-brasil/a-16989948>>. Acesso em: 10 abr. 2018.

**REPORTAGEM C - LEDUR, Paulo. GI RIO GRANDE DO SUL. Protesto por passagem mais barata reúne manifestantes em Porto Alegre**. Reportagem do dia 11 de abril de 2013. Disponível em: <<http://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/noticia/2013/04/protesto-por-passage-mais-barata-reune-multidao-em-porto-alegre.html>>. Acesso em: 30 mar. 2018.

**REPORTAGEM D - MORA, Marcelo; VIANA, Julia Basso. GI SÃO PAULO. Protesto contra tarifa tem confronto, depredações e presos em SP**. Reportagem do dia 11 de junho de 2013. Disponível em: <<http://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/2013/06/protesto-contra-tarifa-tem-confronto-depredacoes-e-detidos-em-sp.html>>. Acesso em: 30 mar. 2018.

**REPORTAGEM E - MOVIMENTO DO PASSE LIVRE. Carta de Princípios**. 2013. Disponível em: <<https://saopaulo.mpl.org.br/apresentacao/carta-de-principios/>>. Acesso em: 17 mar. 2018.

**REPORTAGEM F** - NÓBREGA, Maílson da. Revista Veja. **Os três equívocos do Movimento Passe Livre**. Reportagem do dia 15 de janeiro de 2018. Disponível em: <<https://veja.abril.com.br/blog/mailson-da-nobrega/os-tres-equivocos-do-movimento-passe-livre/>>. Acesso em: 17 mar. 2018.

**REPORTAGEM G** – G1, Brasília. **Manifestantes invadem cobertura do Congresso Nacional**. Disponível em: <<http://g1.globo.com/distrito-federal/noticia/2013/06/manifestantes-invadem-cobertura-do-congresso-nacional.html>>. Acesso em: 13 mar.2018.

**REPORTAGEM H** – COSTA, Fabio; PASSARINHO, Nathalia; MENDES, Priscilla. **Após reunião com MPL, ministro reconhece transporte 'deficiente'**. Disponível em: <<http://g1.globo.com/politica/noticia/2013/06/apos-reuniao-com-mpl-ministro-reconhece-transporte-deficiente.html>>. Acesso em: 15 mar. 2018.

**REPORTAGEM I** - **Dizeres dos momentos das manifestações exibidas no vídeo “Programa Profissão Repórter”**, dia 18 de junho de 2013. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=9COUiLTteeA>>. Acesso em: 12 de mar. 2018.

**REPORTAGEM J** - **Vídeo dos manifestantes na rampa do Congresso Nacional em Brasília**, dia 17 de junho de 2013. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=LUD3ma8agIY>>. Acesso em: 10 de mar.2018.

**REPORTAGEM K** – VILLELA, Gustavo. O Globo. **Mês que entrou para a História com protestos convocados por redes sociais, sem comandos de partidos, sindicatos e UNE, reunindo mais de 1,5 milhão**. Disponível em: <<http://acervo.oglobo.globo.com/fatos-historicos/o-brasil-foi-as-ruas-em-junho-de-2013-12500090#ixzz5EBm4qoiV>>. Acesso em: 12 mar. 2018.

**REPORTAGEM L** – O Globo. **Na noite do dia 17 de junho, o Rio viveu “A nova marcha dos 100 mil”**. Disponível em: <<http://acervo.oglobo.globo.com/fatos-historicos/o-brasil-foi-as-ruas-em-junho-de-2013-12500090>>. Acesso em: 13 de mar. 2018.

**REPORTAGEM M** – TRAJANO, Humberto; ANTUNES, Sara. **Jovens protestaram contra o transporte público e a situação do país, na região centro-sul da capital mineira**. Disponível em: <<http://g1.globo.com/minas-gerais/noticia/2013/06/manifestacao-reune-oito-mil-diz-pm-e-percorre-tres-quilometros-em-bh.html>>. Acesso em: 12 de mar. 2018.

**REPORTAGEM N** – LEITE, Almir; SILVEIRA, Leandro; DELLA, Ricardo. **ESTADÃO. Manifestantes protestam em frente ao Estádio Mané Garrincha em Brasília**. Disponível em: <<https://esportes.estadao.com.br/noticias/futebol,manifestantes-protestam-em-frente-ao-estadio-mane-garrincha-em-brasilia,1042804>>. Acesso em: 12 de mar. 2018.

**REPORTAGEM O** - G1, São Paulo. **Protestos pelo país reúnem mais de 250 mil pessoas**. Disponível em: <<http://g1.globo.com/brasil/noticia/2013/06/protestos-pelo-pais-reunem-mais-de-250-mil-pessoas.html>>. Acesso em: 13 de mar. 2018.

**REPORTAGEM P – MOVIMENTO DO PASSE LIVRE. A Carta de Princípios.** Disponível em: <<https://saopaulo.mpl.org.br/apresentacao/carta-de-principios/>>. Acesso em: 30 de mar. 2018.

**REPORTAGEM Q – Fórum Justiça. Encontro nacional movimento passe livre.** Disponível em: <[www.forumjustica.com.br/wp.../carta-de-princ--pios-do-movimento-passe-livre.pdf](http://www.forumjustica.com.br/wp.../carta-de-princ--pios-do-movimento-passe-livre.pdf)>. Acesso em: 28 mar. 2018.

**REPORTAGEM R – Folha de São Paulo. Ideários do Black bloc.** Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidiano/122329-para-especialistas-ideario-black-bloc-permanecera-ativo.shtml>>. Acesso em: 30 abr. 2018.